

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL – UCS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO E HOSPITALIDADE –
MESTRADO**

CAROLINE DA SILVA CAMARGO

**HOSPITALIDADE E MIGRAÇÕES: NESTA TERRA SOMOS TODOS MIGRANTES.
A PERCEPÇÃO DOS REPRESENTANTES SOCIAIS ACERCA DA
HOSPITALIDADE EM CAXIAS DO SUL**

Caxias do Sul

2016

CAROLINE DA SILVA CAMARGO

**HOSPITALIDADE E MIGRAÇÕES: NESTA TERRA SOMOS TODOS MIGRANTES.
A PERCEPÇÃO DOS REPRESENTANTES SOCIAIS ACERCA DA
HOSPITALIDADE EM CAXIAS DO SUL**

Dissertação submetida à banca examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade – Mestrado, da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Turismo. Linha de pesquisa: Turismo, cultura e educação.

Orientadora: Profa. Dra. Vânia Beatriz Merlotti Herédia

Caxias do Sul

2016

C172h Camargo, Caroline da Silva

Hospitalidade e migrações: nesta terra somos todos migrantes : A percepção dos representantes sociais acerca da hospitalidade em Caxias do Sul / Caroline da Silva Camargo. – 2016.

103 f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade, 2016.

Orientação: Vania Beatriz Merlotti Herédia.

1. Hospitalidade. 2. Acolhimento. 3. Migrações. 4. Caxias do Sul. 5. Rio Grande do Sul. I. Herédia, Vania Beatriz Merlotti, orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UCS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

**“Hospitalidade e migrações: nesta terra somos todos migrantes. A
Percepção dos representantes sociais acerca da hospitalidade em
Caxias do Sul”**

Caroline da Silva Camargo

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade – Mestrado e Doutorado, da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Turismo, Área de Concentração: Desenvolvimento Regional do Turismo.

Caxias do Sul, 14 de julho de 2016.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Vânia Beatriz Merlotti Herédia (Orientadora)
Universidade de Caxias do Sul

Profa. Dra. Susana de Araújo Gastal
Universidade de Caxias do Sul

Prof. Dr. André Brayner de Farias
Universidade de Caxias do Sul

Profa. Dra. Miriam de Oliveira Santos
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

AGRADECIMENTOS

Finalizar o mestrado possui um grande significado para mim, uma vez que representa um sonho que foi planejado por muito tempo e finalmente realizado. Mas para chegar até aqui, eu tive o apoio de pessoas maravilhosas que cruzaram meu caminho e me ajudaram em mais uma etapa da minha vida acadêmica.

Primeiramente, agradeço pelo apoio e auxílio dos meus pais, Rosa e Clóvis, sem eles eu jamais conseguiria atingir este objetivo. (Obrigada também por manterem o estoque de café e chá sempre cheio!).

Meu muito obrigada à minha querida orientadora Prof^a Dra Vânia Beatriz Merlotti Herédia, por ter me acolhido, me guiado pelo tema das migrações e me inspirado em seguir na linha de pesquisa.

Aos meus professores do PPGTURH da UCS, em especial à Prof^a Dra. Susana Gastal, Prof^a Dra Marcia Cappellano dos Santos e ao Professor Dr. Rafael dos Santos, por me apresentarem a antropologia e filosofia. Para alguém que estava acomodada na área de planejamento e patrimônio, foi um grande desafio se voltar para os ensinamentos de Mauss, Lévinas e Derrida. Serei eternamente grata por isso, uma vez que os autores me cativaram e mantereí meus estudos nesta linha de pesquisa no meu futuro acadêmico. Também não poderia deixar de agradecer a Regina de Azevedo Mantesso, por todo o suporte.

Às minhas professoras da graduação em turismo do Centro Universitário Unilasalle, prof^a Ma. Luciana Babinski e prof^a Ma. Silvana Lehn. Prof. Lu, obrigada por ter sido uma das grandes inspirações para eu seguir na pesquisa e iniciado o mestrado. Obrigada também por ter me apoiado em vários momentos durante a graduação, foi por causa de uma de suas aulas que decidi seguir na carreira acadêmica. Prof. Silvana, muito obrigada por ter me acolhido novamente, me mostrado e inspirado como profissional e mestre. Seus conselhos sobre “ser professor” tiraram qualquer dúvida de que escolhi o caminho certo. Levarei os ensinamentos de vocês duas comigo com muito carinho.

Aos meus amigos que apoiaram durante estes dois anos me ouvindo falar sem parar sobre a pesquisa nos momentos bons e ruins. Em especial à Denise de Souza que me incentivou e auxiliou muito para que eu ingressasse no Programa, ao

Calebe Williams por ter me ajudado nos questionamentos filosóficos e à Camilla Jorge pelo apoio e ajuda!

Aos meus colegas de curso, em especial à Sara Massotti Bonin e Evelise Zerger. Gurias, a amizade de vocês foi uma das melhores coisas que o mestrado me trouxe. Muito obrigada por todas as risadas e trapalhadas, sem vocês esses dois anos não seriam os mesmos.

A todos vocês, meu muito obrigada.

“Um ato de hospitalidade só pode ser poético.”

(Jacques Derrida)

RESUMO

O tema sobre migrações tem repercutido na sociedade devido ao número considerável de fluxos migratórios que estão ocorrendo atualmente. No Rio Grande do Sul, esse fluxo tem crescido e por isso aumentado o interesse pela pesquisa na área. Dessa maneira esse estudo tem como objetivo investigar as condições de hospitalidade em alguns setores privados e públicos de Caxias do Sul que atendem os migrantes, a fim de entender os mecanismos utilizados por essas instituições que os acolhem. A discussão da migração mostra as dificuldades das instituições em aceitarem a chegada do outro na cidade. Portanto, para entender melhor as questões sobre imigrantes e população local, é necessário compreender a hospitalidade. No caso de Caxias do Sul, percebe-se que, assim como os imigrantes do passado, os senegaleses procuram o município por motivos laborais. Porém, esse fluxo causa conflitos e impactos culturais pelas diferenças que os caracterizam. O estudo fez uso do método de análise de conteúdo para compreender os discursos presentes nas entrevistas com dez representantes da esfera pública e privada da cidade de Caxias do Sul. Como resultados da pesquisa, fica evidente que existem compreensões distintas do fenômeno hospitalidade entre os sujeitos entrevistados. As categorias analíticas que emergiram desses discursos mostram a dificuldade de receber, o ato de receber e as contradições visíveis que a cidade enfrenta ao receber. As categorias são: a hospitalidade como ato de acolhimento, a hospitalidade como virtude e caridade, a alteridade, a presença do preconceito como sinal de hostilidade, a ética e a hospitalidade e as dificuldades da cidade no acolhimento. Os resultados apontam que há uma diferença no atendimento dos migrantes pela esfera pública e pela esfera privada. Os conflitos dentro da cidade são manifestações de agressão física, racismo e xenofobia mesmo que haja grupos que acolhem e auxiliam os migrantes no ambiente fabril e nas diversas demandas sociais necessárias para a inserção na cidade.

Palavras Chaves: hospitalidade, acolhimento, migrações, Caxias do Sul, Rio Grande do Sul.

ABSTRACT

Human migration has been an important theme in society due to the considerable number of migration movements happening lately. In Rio Grande do Sul this movement has increased and as a result there is a greater interest in this research area. Thus, this study intends to investigate the hospitality conditions of some of the private and public services that attend immigrants in the city of Caxias do Sul in order to understand how these institutions proceed to receive migrants. The discussion over the human migration movement exposes the institution's intricacies to accept the incoming migrating people in the city. The aim is to better understand the quality of receiving these migrants. For example, in the city of Caxias do Sul is notable that immigrants from the past, like the Senegalese, immigrated to Brazil for labor reasons. However, this migration caused cultural conflicts and impacts due to the different characteristics from each people. The current study uses the content analysis method to comprehend the present speeches in interviews with ten spokesperson from the public and the private scope of the Caxias do Sul County. As research results point out, it is clear that there are different understandings on the hospitality matter among the people interviewed. The analytical categories that emerged from these discourses show the difficulty of receiving, the act of receiving and visible contradictions that the city faces when receiving migrants. The categories are: hospitality as reception, hospitality as virtue and charity, alterity, the presence of prejudice as a sign of hostility, ethic and hospitality, and the difficulties of the city in welcoming. The results show that there is a difference in the care by the public and the private domain. The conflicts in the city are a manifestation of physical aggression, racism, and xenophobia even though there are groups that welcome and assist the migrants outside the manufacturing surroundings and on a variety of required social demands for their inclusion in the city.

Key words: hospitality, reception, migratory movements, Caxias do Sul, Rio Grande do Sul.

LISTA DE ABREVIACOES E SIGLAS

CAM: Centro de Atendimento ao Migrante

OIM: Organização Internacional para Migrações

ONU: Organização das Nações Unidas

UNRIC: *United Nations Regional Information Centre for Western Europe* (Centro Regional de Informação das Nações Unidas.)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	17
2.1 MIGRAÇÕES	17
2. 1. 1 Migrações: alguns conceitos.....	17
2. 1. 2 As migrações internacionais	19
2. 1. 3 As migrações no Brasil	23
2. 1. 4 As migrações em Caxias do Sul: um breve histórico.....	27
2. 2 HOSPITALIDADE	31
2. 2. 1 A hospitalidade: alguns conceitos.....	31
2. 2. 2 A hospitalidade e as migrações.....	38
2. 2. 3 A hospitalidade e a cidade	40
3 METODOLOGIA	45
3.1 MÉTODO	45
3. 2 INSTRUMENTO DE PESQUISA.....	47
3. 3 INSTITUIÇÕES ENTREVISTADAS	49
3. 4 CONSTRUÇÃO DO CORPUS	51
3. 5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	52
4 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS	53
4.1 HOSPITALIDADE COMO ATO DE ACOLHIMENTO.....	53
4. 2 A HOSPITALIDADE COMO VIRTUDE E CARIDADE.....	58
4. 3 A ALTERIDADE	64
4. 4 A PRESENÇA DO PRECONCEITO COMO SINAL DE HOSTILIDADE	70
4. 5 A ÉTICA E A HOSPITALIDADE	78
4. 6 AS DIFICULDADES DA CIDADE NO ACOLHIMENTO	83
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
REFERÊNCIAS	97
APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	103

1 INTRODUÇÃO

“Apenas quem já se viu sozinho e desamparado em terra estranha e foi de alguma forma auxiliado por um desconhecido pode dizer que conhece a verdadeira hospitalidade.” (Konrad Lorenz)

Desde os seus primórdios, a humanidade se locomove por motivos variados. Aqueles que se deslocam, além de buscarem novas oportunidades de vida e de subsistência, também se movimentam por prazer, recreação, pela procura de novas culturas, etc.

Os deslocamentos populacionais entendidos por muitos como fenômeno migratório, assumem particularidades que dependem da época e do lugar em que acontecem. O Brasil possui em sua história, marco significativo envolvendo a migração. Prova dessa afirmação se encontra na história do país, na formação do povo brasileiro, na organização da cultura e nas relações econômicas, políticas e sociais que se estabeleceram desde a sua ocupação pelos portugueses.

A análise do fenômeno migratório implica no envolvimento de diversas variáveis que, dependendo das razões de saída ou de chegada dos que migram, tem por detrás um quadro social de referência. Esses aspectos remetem à necessidade de explicitação do conceito de hospitalidade, principalmente quando na análise não estão os motivos da emigração e as condições da imigração. De acordo com a Secretaria Nacional de Justiça e Cidadania (2014), o número de imigrantes no país dobrou nos últimos anos, chamando assim a atenção para a problemática que envolve a legislação. Por outro lado, vale ressaltar que o número de migrantes presentes no país não representa 1% da população brasileira.

Para discutir e examinar a relação da imigração e hospitalidade, foi proposto como objeto de estudo a análise de uma situação de migrantes com características distintas do que uma cidade está habituada a receber. Como essas situações tornam-se mais frequentes devido ao fenômeno da globalização, o estudo pode contribuir para o entendimento das dificuldades que um grupo sofre no momento da acolhida quando vêm à tona as diferenças culturais que os caracterizam.

O local escolhido para a realização da pesquisa é uma cidade de porte médio, localizada no sul do Brasil, no Estado do Rio Grande do Sul. Tem como marco

histórico a presença de imigrantes europeus que instalaram sua cultura e costumes na localidade no final do século XIX. A cidade historicamente sempre recebeu mão de obra de fora e absorveu fluxos migratórios que foram contínuos. Atualmente, Caxias do Sul está passando por uma nova onda migratória, no entanto, desta vez com migrantes africanos e latinos. Esse fenômeno vem atraindo a atenção de muitos pesquisadores devido às interferências econômicas, culturais e sociais causadas por esses imigrantes.

A cidade tem recebido vários visitantes, migrantes internos e externos. Essas pessoas procuram a cidade por trabalho, estudo ou como turistas que escolhem a região para conhecer suas festas típicas envolvendo seu passado histórico, vinculado à temática migratória. Dessa maneira, o presente estudo abre um espaço de questionamento quanto à condição de Caxias do Sul ser ou não um município hospitaleiro. A pesquisa busca contribuir para o tema em questão, focando na problemática que envolve os novos imigrantes e hospitalidade na cidade. A análise sobre a hospitalidade como acolhida pode ajudar Caxias do Sul e seus serviços na reflexão dos obstáculos que a mesma enfrenta na chegada de migrantes.

A hospitalidade, assim como as migrações, mesmo sendo um tema frequente ao longo da história, atualmente é estudada por meio de diversas vertentes e presente nas discussões sociais, culturais e políticas acerca do crescimento e internacionalização da cidade. Assim como os turistas, os imigrantes quando chegam à cidade provocam diferentes reações na comunidade local por causa de sua cultura e identidade. A aceitação ou resistência aos mesmos pode desencadear comportamentos que vão desde a xenofobia à desvalorização da própria cultura frente à do recém-chegado. Neste caso, tanto turistas quanto os imigrantes se deparam com a questão da alteridade, precisando manejar a questão da diferença, da desconstrução de estereótipos e rever preconceitos. (BARRETTO, 2009).

Essa questão complexa, que emerge em sociedades contemporâneas que se transformaram, reflete a necessidade de analisar os contrastes que nascem da relação entre a cultura, as tradições e as mudanças sociais. Dessa maneira, é oportuno entender as percepções dos que vivem na cidade e se sentem pertencentes à ela como nativos e daqueles que chegam à cidade carregando uma cultura distinta e reconhecem a hospitalidade a partir de suas referências.

Nessa direção, a riqueza do estudo está na explicitação das diversas posições em que se encontram os sujeitos que representam os serviços que atendem os migrantes. Os resultados da pesquisa podem abrir um espaço de discussão quanto às necessidades de políticas culturais voltadas para a acolhida que ajude a entender os contrastes e as inquietações que derivam dessa situação, uma vez que a formulação de uma política migratória encontra-se, de certa maneira, ligada à hospitalidade, e que “receber implica em estabelecer diretrizes para a admissão de estrangeiros e definir as modalidades de acolhimento para o imigrante e para o turista” (BASTOS; SALLES; BUENO, 2014, pág. 2).

No entanto, para analisar o processo de hospitalidade em Caxias do Sul, é preciso entender algumas questões sobre a hospitalidade em cidades. O visitante ou o imigrante quando chega a uma cidade é submetido a várias percepções, situações e processos de informação que são impostos através de elementos intangíveis e tangíveis que o leva a comportamentos hospitaleiros ou não, relacionado a seu *status* de estrangeiro. (GRINOVER, 2007). Pode-se dizer que “a hospitalidade é, portanto, uma relação espacializada entre dois atores: aquele que recebe e aquele que é recebido.” (GRINOVER, 2007, p. 125). Essa afirmação implica que é possível ter uma relação de harmonia e de consenso, mas também de conflito e de oposições.

Deve-se ressaltar que a problemática da hospitalidade de migrantes que são acolhidos por países e regiões mais ricas é diferente da problemática da hospitalidade turística. “No primeiro caso, o hóspede é o necessitado. No segundo caso, o necessitado é o anfitrião.” (CAMARGO, 2004, p. 42). Esse embate entre acolhedores e acolhidos pode se dar por diversos motivos; em Caxias do Sul, há casos em que ocorre um choque cultural entre os imigrantes senegaleses e a população que tem antecedentes italianos. Salienta-se que a cidade possui como característica ser uma cidade industrial que recebe pessoas de várias localidades com diferentes costumes e culturas e é um centro de serviços e de cultura, conhecida como polo industrial desde a metade do século passado.

Com base no que foi exposto, surge como *problema de pesquisa*: como os setores envolvidos no atendimento dos migrantes estão acolhendo os imigrantes que chegam da África e da América Latina? Qual o seu entendimento acerca do conceito de hospitalidade?

O estudo proposto envolve e interliga hospitalidade e o fenômeno de imigração na cidade de Caxias do Sul, cujo tema de pesquisa está localizado na linha de pesquisa “Turismo, Cultura e Educação” do programa de Pós-Graduação de Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul.

A pesquisa foi dividida em três momentos:

- 1) *a organização da fundamentação teórica*, onde são apresentados os conceitos e teorias que nortearam a pesquisa e contribuíram para o tema estudado, destacando os autores e suas respectivas contribuições para o enriquecimento da temática no âmbito nacional e internacional;
- 2) *o uso da metodologia*, ao qual é explicado todos os processos realizados para a coleta e análise dos dados através do método de análise de conteúdo. A construção da amostra e a construção do "*corpus*" evidenciam o percurso da pesquisa com objetivo de identificar os representantes das instituições que atuam com os migrantes no município de Caxias do Sul;
- 3) *a análise dos dados* onde são apresentados os resultados do estudo, cuja análise demonstra a posição dos entrevistados e das teorias correspondentes. Ainda nessa etapa são apresentadas as *considerações finais*, por meio de uma síntese de toda a análise realizada.

O *objetivo principal* da pesquisa é investigar as condições de hospitalidade em alguns setores privados e públicos de Caxias do Sul que atendem os migrantes, a fim de entender os mecanismos utilizados nesse processo por estas instituições que os acolhem. O estudo apresenta como *objetivos específicos*:

- investigar o processo de acolhimento de migrantes na cidade de Caxias do Sul por meio de representantes de instituições públicas e privadas que atuam no campo das migrações;
- identificar o entendimento de hospitalidade que os representantes dessas instituições possuem sobre os migrantes;
- analisar as percepções desses representantes a fim de identificar as posições dos diversos agentes nessas instituições e compreender como ocorre a hospitalidade nos setores entrevistados.

Por meio desses objetivos, o estudo realizou um exame crítico sobre as instituições que atendem migrantes na cidade de Caxias do Sul. As migrações fazem parte da história da cidade e sempre foram absorvidas pela economia local

devido à necessidade de mão de obra para o polo industrial. Constata-se que as migrações anteriores, caracterizadas como migrações internas, evidenciam uma absorção da cultura local como condição de aceitação dos que vêm de fora. As primeiras refletem que aqueles que se inseriram no mercado de trabalho aceitaram as condições postas pelas empresas. Entretanto, os migrantes mais recentes provêm de uma cultura distinta dos grupos anteriores e apresentam, inclusive, distinções na língua, nos hábitos alimentares, na educação básica e na religião que possui regras diversas. Neste estudo, foi dado destaque aos senegaleses, pelo número de dados já existentes desse grupo na cidade e devido aos conflitos gerados a partir das suas diferenças culturais.

As diferenças presentes nesse fluxo migratório justifica a importância do estudo quanto à compreensão dos quadros de referência dos brasileiros, em especial os caxienses em confronto com a cultura dos migrantes. Para analisar o tema de hospitalidade e migração, os entrevistados escolhidos representam as instituições que são consideradas importantes no funcionamento da cidade e que têm ligação direta com o atendimento aos migrantes, como: Centro de Atendimento ao Migrante (CAM) que faz parte da Associação Educadora São Carlos (AESC), da Congregação Scalabriniana; Fundação de Assistência Social de Caxias do Sul, da Prefeitura Municipal de Caxias do Sul; Serviços de Saúde da Secretaria Municipal de Saúde; Comissão de Direitos Humanos, da Câmara de Vereadores de Caxias do Sul; Diocese de Caxias do Sul; Paróquia do Desvio Rizzo; Câmara de Indústria, Comércio e Serviços de Caxias do Sul e Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Caxias do Sul.

Os setores escolhidos (Igreja, Prefeitura Municipal, Câmara de Vereadores, CIC, Sindicato Patronal e Ordem Religiosa), são instituições fundamentais no desenvolvimento econômico da cidade e influenciam a política e o funcionamento de algumas entidades sociais, destaca-se que alguns deles lidam diretamente com aqueles que chegam à cidade em busca de trabalho.

A pesquisa pretende contribuir para esse entendimento, já que a localidade é um lugar de recebimento de mão de obra devido ao polo industrial que se tornou.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 MIGRAÇÕES

O tema sobre migrações tem ganhado espaço na academia e repercutido no meio social e cultural, além de ser uma discussão central na esfera política de diversos países que estão envolvidos pelos movimentos migratórios. O número de fluxos, a tipologia dos imigrantes, as nacionalidades, os motivos que levam à imigração, os meios de deslocamentos, as legislações, os meios de controlar e gerenciar o fenômeno, os problemas culturais, religiosos, econômicos e sociais, entre outros, estão presentes na temática estudada. O tema é investigado também no âmbito nacional em várias áreas do conhecimento, já que o país vivencia os aspectos de imigração e emigração. (TEDESCO; GRZYBOVSKI, 2011).

Neste capítulo serão abordadas as questões envolvendo o fenômeno da imigração internacional e nacional, suas problemáticas e legislação.

2.1.1 Migrações: alguns conceitos

Durante a vida, as pessoas acabam por se deslocar para vários locais. Estes deslocamentos são permanentes ou temporários, características estas que podem classificar a pessoa como migrante, viajante ou turista. Desde a Antiguidade até a contemporaneidade, diversos grupos populacionais entram em movimento seja pela conquista de novos territórios, para fugir de perseguições étnicas ou por almejarem melhores possibilidades no mercado de trabalho em outros locais. (BECKER, 1997).

O conceito de migração sugere movimento de um local a outro por um determinado período e define-se como a mudança do local de residência. Quando se fala em imigração internacional, o local de origem e o de destino é distinto, o que implica na existência de uma ou mais fronteiras que precisam ser atravessadas. (OBSERVATÓRIO ACP DAS MIGRAÇÕES, 2011). Essas implicações envolvem uma série de questões que dizem respeito à problemas de cidadania e de integração cultural.

Segundo Becker, migração pode ser definida como "mobilidade espacial da população. Sendo um mecanismo de deslocamento populacional, reflete mudanças nas relações entre as pessoas (relações de produção) entre essas e o seu

ambiente." (BECKER, 1997, p. 323). Esses movimentos migratórios possuem diferentes tipologias e conceitos que podem variar dependendo do tempo de permanência e de espaço. Todavia, há outras modalidades que necessitam ser abordadas para a compreensão do fenômeno migratório como, por exemplo, a diferença entre migração, imigração e emigração.

Quanto à emigração, a Organização Internacional para Migrações - OIM (2009), explica que trata-se do "ato de sair de um Estado com o propósito de assentar-se em outro." (OIM, 2009, p. 23) Já a imigração refere-se ao processo em que as pessoas que não residem naquela nação, ingressem no país com o intuito de ali se estabelecerem. (OIM, 2009).

Há tipos de migrações como, por exemplo, a migração clandestina que é caracterizada pela violação das leis de ingresso de um país ou a migração forçada, como no próprio caso da escravidão ocorrida no passado. Na migração forçada o movimento das pessoas é feito devido às ameaças de vida, podendo ser por causas naturais ou humanas. (OIM, 2009).

Para Sayad (1998), alguns países podem, de acordo com sua posição no plano internacional e no sistema mundial das relações de força entre os países, ser ao mesmo tempo países de emigração de sua própria população que se deslocará para países mais ricos e países de imigração, recebendo cidadãos estrangeiros que estão vindo de países mais pobres. Essa relação é dinâmica e revela tendências mundiais que afetam a história do povoamento.

Sayad (1998, p.14), diz que a migração é um "fato social complexo" e antes de qualquer coisa, um deslocamento no espaço físico que está relacionado com as ciências que buscam compreender a população e o espaço desta. (SAYAD, 1988). Além disso, vale ressaltar que, de acordo com esse sociólogo, é o trabalho que faz nascer o imigrante, não havendo como dissociar um do outro. Um imigrante é "essencialmente uma força de trabalho, e uma força provisória, temporária, em trânsito" (SAYAD, 1998, p.54). Nesse estudo, essa concepção é atravessada pela ideia de que o migrante é um trabalhador que se desloca com o status de imigrante. A condição desses grupos que chegam em Caxias do Sul, por exemplo, é uma demonstração de uma população que migra em busca de trabalho. Sayad (1998, p.55), diz ainda que "a estadia autorizada ao imigrante está inteiramente sujeita ao trabalho, única razão de ser que lhe é reconhecida". Mesmo assim, existem

múltiplas interpretações à condição de migrantes trabalhadores, o que depende de cada sociedade que o recebe.

2.1. 2 As migrações internacionais

A migração é um fenômeno significativo além de problemático tanto no aspecto histórico, quanto no contemporâneo. Deste modo, é necessário abordar alguns fatos históricos que contribuíram no desenvolvimento dos movimentos migratórios no mundo. A história da humanidade é marcada por diversos movimentos migratórios que deram origem à várias nacionalidades e formaram as identidades das nações ao longo do tempo. Os deslocamentos desde sempre tiveram fatores determinantes variados, como por exemplo: catástrofes naturais, conflitos e invasões de colonizadores que resultavam em migrações forçadas como no caso das que acabaram por gerar a escravidão. (BATISTA, 2009).

Já no fim do século XV houve um grande fenômeno de expansão de fronteiras do mundo com a descoberta da América. Este evento possibilitou que as pessoas emigrassem em busca de trabalho e melhores condições, e depois retornassem para seus países de origem ou fixassem moradia em outro local. (SALADINI, 2011). As migrações coletivas acatavam muitas vezes as necessidades de impérios da época, que possuíam problemas com excesso populacional e necessitavam de novos territórios para se estabelecer. Os descobrimentos, por exemplo, possibilitaram o maior movimento migratório registrado na época. (SALADINI, 2011). Os deslocamentos no período das descobertas proporcionaram a busca de meios de vida em diferentes locais, abrindo portas para uma nova era baseada na mobilidade, presente até os dias de hoje.

As migrações internacionais se modificam conforme os mercados de trabalho e a sociedade se globalizam. Atualmente, nem todos imigrantes ficam isolados das famílias que deixaram para trás e a maioria não se desloca para apenas determinados países desenvolvidos. De acordo com a Organização das Nações Unidas - ONU (2015), um terço dos quase 200 milhões de migrantes se desloca de um país com capitalismo periférico para outro. Além disso, em relação ao trabalho, os migrantes já não mais se ocupam apenas de atividades não especializadas.

Cabe ressaltar que a imigração pode ser vista por quem a recebe tanto como positiva quanto um obstáculo para o desenvolvimento do local. No mundo atual, cujo desequilíbrio social entre países ricos e pobres se agrava, e com as facilidades das tecnologias de comunicação que diminuem distâncias, percebe-se um grande “aumento nas migrações de pessoas que saem das zonas menos favorecidas do planeta em busca de melhores condições de vida. A sua chegada aos países desenvolvidos é frequentemente percebida como uma ameaça.” (BOUCINHAS FILHO, p. 26, 2012).

Para as Nações Unidas (2015), deve-se entender que as migrações podem beneficiar os países que acolhem as migrações bem como os próprios migrantes. Exemplos disso são países que já foram exclusivamente marcados pela emigração, tais como Irlanda, Espanha, Coréia do Sul, entre outros e hoje são economias que atraem um grande número de migrantes. A migração foi ponto decisivo que ajudou a revigorar a economia desses países assim como o regresso de muitos de seus cidadãos, ocorrido posteriormente. (ONU, 2015). Esse ponto pode ser conferido na afirmação abaixo:

Graças à revolução das comunicações e dos transportes, os migrantes internacionais de hoje são, mais do que nunca, um elo humano dinâmico entre as culturas, as economias e as sociedades. E a riqueza dos migrantes não se mede apenas pelas remessas que enviam para casa. Através das competências e conhecimentos que adquirem, também contribuem para a transferência de tecnologias e conhecimentos institucionais. Estimulam novas maneiras de pensar, tanto no plano social como político. A indústria de software da Índia é em grande medida fruto da criação intensiva de redes entre indianos residentes no estrangeiro, migrantes regressados ao país e empresários indianos no país e no estrangeiro. Depois de trabalharem na Grécia, os migrantes albaneses trazem para o seu país novas técnicas agrícolas que lhes permitem aumentar a produção. Ao promover a troca de experiências e ajudar a estabelecer parcerias, a comunidade internacional pode contribuir grandemente para aumentar – e difundir – estes efeitos positivos das migrações no desenvolvimento. (UNRIC, 2015, s.p.).

No entanto, há vários problemas envolvendo a aceitação do imigrante no país que os acolhe. A migração internacional é uma questão que causa incômodo em alguns aspectos devido às diferenças culturais, étnicas, econômicas e sociais entre acolhidos e acolhedores. De acordo com a ONU (2015), cerca de oito pessoas por

minuto são obrigadas a deixar seu país e fugir. O relatório “*War’s human cost*”¹, elaborado pela Agência da ONU para Refugiados, a *United Nations High Commissioner for Refugees* - UNHCR (2014), ainda aponta que o número de refugiados, de requerentes de asilo e de deslocamentos internos ultrapassou pela primeira vez os 50 milhões de pessoas desde a Segunda Guerra Mundial nos últimos anos. Além disso, cerca de cinco mil migrantes foram mortos em 2014 no mar, desertos e montanhas, tornando 2014 o ano com mais mortes registradas entre migrantes, com o dobro de casos de mortes do ano de 2013. (UNHCR, 2014). De acordo com os dados da Organização Internacional para Migrações – OIM e das Nações Unidas, o número de migrantes e refugiados que buscaram abrigo na Europa no ano de 2015 ultrapassou a marca de um milhão, destes, 3.600 desapareceram ou morreram durante a travessia. (UNRIC, 2015)².

Quanto às leis internacionais de direitos humanos, estas asseguram que todos têm o direito de sair de qualquer país, inclusive o seu de origem, porém há alguns casos em que o Estado pode intervir e impor restrições a esse direito. Estas proibições em geral, acontecem através de mandados judiciais. (OIM, 2009). No entanto, há muito a se fazer para que a narrativa atual sobre as migrações torne-se mais propositiva. Deve-se combater o tráfico de pessoas e focar nos benefícios que os migrantes podem dar ao país que irá recebê-los e ao seu de origem. As sociedades mais ricas dependem do trabalho e presença de imigrantes cada vez mais. Há uma grande necessidade e consumo de imigrantes de um lado, e de outro uma grande oferta. (SAYAD, 1998). Isso dá margem para vários problemas envolvendo exploração do imigrante, como o caso de trabalho escravo, além das questões de entrada ilegal nos países.

Os governos e demais entidades podem abordar a migração analisando seu custo e benefício, ajudando assim que as migrações sejam positivas para todos. De acordo com a ONU (2015), as possibilidades são amplas, desde tentar promover o espírito empresarial nos imigrantes, facilitar o acesso às instituições financeiras, à parcerias para formação de saúde e educação. Enquanto alguns países ainda são

¹ O relatório “*War’s Human Cost*” pode ser encontrado em: http://reliefweb.int/sites/reliefweb.int/files/resources/Global_Trends_report_2013_V07_web_embargo_2014-06-20.pdf

² Os dados das Agências Internacionais podem ser conferidos em: <http://www.unric.org/pt/actualidade/32121-refugiados-e-migrantes-a-fugirem-para-a-europa-atingem-a-marca-de-1-milhao-em-2015>

resistentes quanto a questão, outros já adotam políticas que permitem maior liberdade de circulação através de vistos específicos, facilitando o acesso ao crédito e dando educação, além de tentar atrair seus cidadãos que deixaram o país no passado. (ONU, 2015).

Os governos estão igualmente a procurar formas de atrair de volta ao país os seus emigrantes: diretamente, através de incentivos profissionais e financeiros e, indiretamente, criando quadros jurídicos e institucionais conducentes ao regresso, incluindo a concessão de dupla cidadania, e instituindo a portabilidade das pensões. As autoridades locais estão também a adotar medidas inovadoras destinadas a atrair emigrantes de talento para as suas cidades ou regiões. (ONU, 2015, s/p).

Há muito que ser discutido sobre o tema e a compreensão sobre como as migrações podem contribuir no desenvolvimento das nações, ainda está no início. As informações sobre a maneira de gerir os movimentos migratórios devem ser compartilhadas, para que todos possam aprender sistematicamente uns com os outros. (ONU, 2015). Entretanto, percebe-se que quando as migrações têm características laborais, a aceitação dos fluxos é mais amena do que as migrações de outros tipos, como as dos refugiados. Segundo Horácio Capel (2002, p.8):

A força de trabalho pode ser incrementada não somente pela imigração senão também pela diminuição no desemprego, o aumento das taxas de atividade laboral feminina, o atraso da idade da aposentadoria e, em prazo mais longo, o aumento da fecundidade. Porém a esses pode-se unir o aumento da produtividade que permite produzir mais com menos força de trabalho e a existência de equipamentos sociais que não teriam necessidade da mão de obra imigrante” (CAPEL, 2002, p.8).

Essa visão defendida por Capel mostra que dependendo das demandas em mercados nacionais, existem estratégias para incentivar ou desestimular a força de trabalho migrante. Esses mecanismos agem com intuito de garantir que o processo produtivo de alguns segmentos não seja afetado pela ausência de mão de obra.

Com tantas mudanças, surge uma oportunidade para que os governos pensem em suas políticas de migração internacional. Muitas das atuais políticas estão desatualizadas, como o caso do Brasil que será abordado no próximo item.

2.1. 3 As migrações no Brasil

O Brasil tem a marca da imigração desde o seu descobrimento, sendo um país de emigrantes e imigrantes. No entanto, novos fluxos migratórios vindos da América Latina e da África passam a fazer parte do quadro migratório do país e isso vem causando discussões a respeito se o país tem condições de receber essas pessoas.

Para uma melhor discussão sobre os processos migratórios brasileiros, é primordial analisarmos também a construção da nacionalidade do Brasil. A concepção da identidade do país, dentro de uma sociedade fortemente heterogênea em termos culturais, era um grande desafio para a elite brasileira do final do século XIX, além de ser uma preocupação política. Devida à concretização dos processos de independência, houve certa urgência por um projeto que construísse uma identidade nacional. Dentro desse processo, a mestiçagem da população brasileira apresentava-se como um paradoxo e resposta à construção de uma nova nação moderna. Dentre as alternativas buscadas pela elite da época, a escolhida foi mesclar a “raça branca” com as “raças ditas inferiores” (negros e indígenas), para que, deste modo, fosse criada uma “raça brasileira” cuja predominância seria das características europeias. (LUCENA, 2007).

De acordo com Seyferth (1995), a sociedade brasileira daquele período compreendia que essa nação moderna só seria alcançada através de uma política de branqueamento da população, através da miscigenação e da imigração de europeus para o Brasil, causando assim, o desaparecimento gradativo destas “raças inferiores”. Para Ortiz (1985), a independência do Brasil e a abolição da escravatura foram dois momentos decisivos para a construção desta nova identidade nacional. Uma vez que, por causa da independência, o país necessitava de uma própria identidade e sem a escravidão, os negros livres passariam a cidadãos brasileiros, o que poderia causar diversos conflitos raciais no futuro.

Dada a situação do período, a elite brasileira da época apoiou-se em pensamentos de teóricos europeus para a elaboração da nova identidade. Esses pensamentos eram baseados na ideia de hierarquização de povos e culturas, onde o europeu encontrava-se no topo do desenvolvimento social e intelectual. Desta forma, a sociedade brasileira do final do século XIX encontrou fundamentos em seus

problemas geográficos e raciais para o desenvolvimento da identidade nacional. (ORTIZ, 1985).

Assim, no Brasil, por volta de 1850 a 1890, existiam leis que estimulavam a imigração. Estas leis ofereciam ao estrangeiro muitos atrativos e privilégios, inclusive doações de terras, como aconteceu nos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Esse fator provocou a formação de vários núcleos de origem italiana, alemã e ucraniana, no sul do país. Essa política não possuía apenas objetivos econômicos, mas também raciais, uma vez que um dos motivos para a criação das leis de imigração estava ligado à predominância da população afrodescendente em solo nacional e, por isso, buscava-se estimular a entrada de imigrantes da Europa para “branquear” a população nacional. (BOUCINHAS FILHO, 2012).

Outro fator para a abertura do país para os imigrantes, era a economia do Brasil, que na época era voltada basicamente à produção agrária. Havia espaços ociosos no território brasileiro e era necessário achar quem pudesse morar e trabalhar no campo e o fato de a população não conseguir preencher esses lugares fez com que as portas para a imigração fossem abertas. O intuito era povoar este vasto território e promover o crescimento da economia agrícola, porém, como a demanda buscava mão de obra que não necessitava ser qualificada, se permitiu que vários imigrantes de diferentes locais do mundo ingressassem no Brasil. Durante esse período iniciaram os fluxos migratórios que seguiram até o final da Segunda Guerra Mundial, trazendo ao Brasil mais de um milhão de imigrantes. (BOUCINHAS FILHO, 2012).

Deste modo, a identidade brasileira foi criada através de uma ideia de superioridade da “raça branca”, mesmo com a sua população possuindo sujeitos negros e indígenas, estes nunca foram vistos com pé de igualdade com os brancos, mas como elementos que deveriam ser assimilados no progresso cultural e social da “raça branca”. (LUCENA, 2007). Percebe-se que havia um discurso racista permeando a medida tomada para a construção da nação brasileira do final do século XIX. Devido essa discussão, se faz necessário explicitar sobre racismo, uma vez que foram analisados alguns conflitos no local de estudo desta pesquisa que abordam essa questão.

O racismo pode ser considerado como um meio socialmente construído para autenticar a ideia de superioridade ou inferioridade racial de um grupo em relação a

outro. É uma forma de discurso ou ideologia que se concretiza através de gestos discriminatórios, baseada na ideia de que há raças humanas. O racismo está ligado ao modo em que as estruturas de poder de uma sociedade são articuladas em suas relações. (LUCENA, 2007). Essas estruturas de poder implicam em “categorias raciais de auto identificação” (LUCENA, 2007, p.27) que são “acionadas em conjunturas específicas para demarcar espaços sociais.” (LUCENA, 2007, p.27). Deste modo, esses processos de afirmação e negação destas categorias indicam “aspectos de luta das classificações entre indivíduos ou sociedades” (LUCENA, 2007, p.27) que dão origem a diversos conflitos culturais entre os diferentes grupos.

Sobre as questões culturais, é necessário também citar que os conceitos sobre assimilação e aculturação foram utilizados em diversos estudos sobre imigração no Brasil sob o olhar das ciências sociais na década de 1970. Os estudiosos da época interessavam-se pelas mudanças tanto comportamentais, quanto socioculturais consequentes da presença dos imigrantes no país. Deste modo, as pesquisas e demais análises deste período apresentavam indícios de pluralidade cultural e formação de novas identidades fundamentadas nesta diferença de cultura. Por outro lado, atualmente os estudos e teorias sobre o tema da migração dão maior destaque às problemáticas do meio econômico e político, compreendendo a migração em larga escala e em conformidade com a globalização. (SEYFERTH, 2011).

Dentro dessa mesma discussão, outro ponto a ser abordado é a etnicidade, que também é produzida através dos processos de migração. Para Giralda Seyferth (2011, p.47), etnicidade é a palavra-chave para as análises “de sistemas interétnicos amplamente usada nas últimas décadas com implicações nas políticas de reconhecimento (inclusive aquelas associadas ao multiculturalismo e aos direitos de minorias).”

Ressalta-se que as teorias e demais estudos sobre migração nem sempre abordam a cultura, cujo tema é tão importante quanto “as representações da identidade construídas por indivíduos e grupos a partir dela, formando enunciados simbólicos que apontam a ideologia como sistema cultural.” (SEYFERTH, 2011, p.47). No caso da imigração, essa diferença cultural reporta-se às ideologias de pertencimento, inclusive políticos, a respeito das ocasiões de desigualdade no âmbito do Estado-nação. (SEYFERTH, 2011).

Quanto às questões políticas, vale lembrar que a migração traz benefícios e custos tanto aos países receptores quanto aos países emissores de migrantes. É na análise destes custos e benefícios que são definidas e elaboradas as políticas de incentivo ou repressão da migração. Quanto à legislação, a lei em vigência no Brasil até o encerramento desta pesquisa, é uma lei desatualizada e prejudica a entrada de imigrantes. Esta lei que regula as questões migratórias no país, ainda carregava questões da época do regime militar, cuja política via no estrangeiro uma ameaça.

Especialmente nas décadas de 1930-1940, instituiu-se uma política imigratória de influência eugênica, notadamente antijudaica, mas que também se estende ao estrangeiro considerado indesejável, associa o forasteiro ao refugiado, independentemente da modalidade de ingresso: turista, visitante temporário ou imigrante. Para a legislação de 1934 (Decreto 24.215, 09.05.1934) o imigrante é “todo estrangeiro que pretenda, vindo para o Brasil, nele permanecer por mais de trinta dias, com o intuito de exercer a sua atividade em qualquer profissão lícita e lucrativa que lhe assegure a subsistência própria e a dos que vivam sob sua dependência”. (SENIA; SALLES; BUENO, 2014, p.5).

Durante o período, a entrada de estrangeiros sofreu impacto, pois não havia “diferenciação de seu estatuto: turista, imigrante ou visitante temporário, todos deveriam requerer visto para ingresso no Brasil.” (SENIA; SALLES; BUENO, 2014, p.7). A legislação migratória do país passou por diversas mudanças, impondo peso sobre a entrada de algumas etnias, com preferência pelas europeias. Além disso, havia muitas dificuldades do ingresso no país através da documentação pedida, que em algumas situações ficava retida com as autoridades até o regresso de determinados estrangeiros (como o caso dos tripulantes de navios estrangeiros no país) e discriminação sobre a idade e origem do mesmo. (SENIA; SALLES; BUENO, 2014).

Em julho de 2014 foi apresentado um anteprojeto para o Estatuto do Estrangeiro, Lei nº 6.815, de 19 de agosto de 1980, lei esta do período da ditadura no país (1974-1985). O anteprojeto buscava mudar o “paradigma da legislação migratória brasileira” (MINISTÉRIO DA JUSTIÇA, 2014, p.4) e buscava estabelecer o termo “migrante” e abandonar o conceito de “estrangeiro” “não apenas de conotação pejorativa em nossa cultura, mas também juridicamente consagrada na lei vigente como um sujeito de segunda classe, vulnerável à discricionariedade do Estado e privado.” (MINISTÉRIO DA JUSTIÇA, 2014, p.4). Com a nova lei aplicada, haveria melhores condições para atender os imigrantes que chegam ao país,

começando pela questão da documentação. Porém, até o presente momento, nenhuma nova lei para a situação migratória no Brasil foi aprovada de fato.

O fenômeno migratório é contínuo, no entanto, mesmo o país recebendo imigrantes de vários lugares; de acordo com o Ministério da Justiça (2014), ao total são 1,5 milhão de estrangeiros no país; a nova leva de imigrantes vindos da África tem chamado atenção. A projeção internacional com os grandes eventos (Copa do Mundo e Olimpíadas) e a crise nos outros países receptores de imigrantes, são alguns dos fatores que atraíram a nova demanda migratória, além dos já citados anteriormente. Estes grupos estão levantando temas como o racismo e a xenofobia, já que os imigrantes são negros e têm uma cultura diferente da predominante nas cidades onde estão se fixando.

2.1.4 As migrações em Caxias do Sul: um breve histórico

O local de estudo desta pesquisa é a cidade de Caxias do Sul, cuja história possui ciclos migratórios em diversas épocas. Criada em 20 de junho de 1890, a cidade atualmente possui 470.223 habitantes (IBGE, 2014) e PIB per capita de 37.258,78 reais. (IBGE, 2014). Seus vários ciclos econômicos também marcaram a sua evolução, desde o cultivo da uva e do vinho, até tornar-se o segundo maior polo metalmeccânico do país.

Os fluxos migratórios mostram que Caxias do Sul recebeu levas de migrantes que buscavam melhores condições de vida e trabalho em cada um dos seus períodos históricos, característica esta presente até os dias atuais. (HERÉDIA, 2012). Antes dos primeiros migrantes chegarem ao local, a região que era conhecida como Campo dos Bugres, fora ocupada por índios e percorrida por tropeiros. Em 1875, os primeiros imigrantes italianos chegaram ao local em busca de melhores condições para viver.

Para a fixação dos imigrantes italianos no Rio Grande do Sul, o governo imperial do Brasil destinou duas zonas de povoamento de terras: as terras devolutas ou despovoadas do Nordeste do estado e as terras localizadas nas proximidades de Santa Maria, hoje áreas de diversos municípios da Depressão Central e sul da Região do Planalto Médio. (FROSI; MIORANZA, 2009, p.49).

A colonização teve início em 1875, começando na primeira légua, ao norte da Picada Feliz, local este chamado de *Barraconne* pelos imigrantes, e após a segunda légua, *Nuova Milano*. As duas primeiras léguas da então Colônia de Caxias foram os primeiros centros de colonização italiana no Rio Grande do Sul. Tempos depois, um novo grupo de imigrantes vênnetos, tirolezes e lombardos fixou-se na terceira e quarta léguas, em meados de 1876. Ainda naquele mesmo ano, a colonização alcançou a região do Campo dos Bugres, que acabara tornando-se a sede da colônia devido a sua localização centralizada. (MANFROI, 2001).

Destaca-se ainda, devidas às questões abordadas posteriormente sobre o negro e racismo em Caxias do Sul, que os imigrantes italianos que ingressaram na cidade na época, seguiam os preceitos da Carta de Colonização da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, que estabelecia os princípios da colonização. Dentre as cláusulas presentes na carta, pontua-se o acesso à terra, o preço, a forma que deveria ser pago e, principalmente, a impossibilidade da propriedade em questão possuir escravos. (HERÉDIA, 1997). Este último fator justifica a exclusão do negro da sociedade caxiense e da sua formação econômica, social e cultural, causando um apagamento político do negro em Caxias do Sul, que possui resquícios até os dias de hoje.

O grande número de imigrantes italianos que chegava ao Rio Grande do Sul exigiu uma organização e distribuição rápida e efetiva, portanto, utilizou-se de um esquema simples: conforme chegavam, se fixavam nas terras além dos lotes separados para os imigrantes italianos. (FROSI; MIORANZA, 2009). Neste primeiro ciclo, a migração foi impulsionada através da política de colonização da época promovida pelo atual governo, cujos objetivos eram “ocupar o espaço de terras devolutas por imigrantes europeus, exercer o trabalho livre; garantir a propriedade privada e usufruir da mão de obra familiar.” (HERÉDIA, 2012, p.122). Esse período foi marcado pelo desenvolvimento das atividades primárias que resultou na expansão do comércio agrícola. Esse fator tornou Caxias o centro comercial da região. (HERÉDIA, 2012).

No segundo ciclo ocorreu o fortalecimento do comércio e a criação das primeiras pequenas indústrias, que seria um dos motivos para novas migrações para o local. Com isso, a partir da metade do século XX, iniciou-se o êxodo rural que serviu de impulso para a vinda de novos grupos de migrantes. O modelo econômico

da época ajudou no desenvolvimento da indústria, reforçando a possibilidade de sair do campo.

Nesta etapa, a imigração é um meio de desenvolvimento social e econômico e está relacionada ao crescimento das indústrias, que deixam de ser tradicionais para serem dinâmicas e competitivas e precisam de mão de obra disponível continuamente. As indústrias de transformação em Caxias do Sul se integram ao parque industrial brasileiro, o que gera um forte fator de crescimento. O incremento substancial do fluxo migratório, que acontece nessa fase, tem consequências significativas na expansão urbana, na formação de novos bairros e no crescimento da periferia. (HERÉDIA, 2012, p. 123).

Já a quarta fase foi marcada pela consolidação desta indústria na região e a presença de capitais na modernização das empresas, resultado da política de incentivo fiscal do regime militar que favorecia a importação de maquinário. A quinta fase além de ser caracterizada pelo desenvolvimento do setor terciário, também foi o período que ocorreu a manutenção do setor secundário com os empreendimentos vindos de fora da cidade. (HERÉDIA, 2012).

Desde que seu território fora ocupado, em meados do século XIX pelo governo imperial, a história de Caxias do Sul tem como característica fluxos migratórios contínuos, cujo objetivo era fixar residência no local e gerar riqueza através do trabalho. (HERÉDIA, 2012). Nas últimas décadas, a cidade recebeu um aumento significativo de imigrantes, sendo estes em sua maioria senegaleses, haitianos e ganeses. Como citado anteriormente, este estudo dará destaque aos imigrantes vindos do Senegal, localizado na África Ocidental, pois a experiência com este grupo poderá ajudar a entender novos casos migratórios que tendem a ocorrer, visto que a cidade de Caxias do Sul é uma receptora de mão de obra de fora que tem sido historicamente absorvida.

Senegal é marcado por conflitos internos e isso tem colaborado para que centenas de senegaleses emigrem. Os imigrantes que estão chegando são em sua maioria jovens e homens que partiram de sua pátria em busca de melhores condições para as famílias que ficaram para trás. As possibilidades encontradas no Brasil e os empregos em Caxias do Sul são motivos para o fluxo para a região. Percebe-se que, assim como os imigrantes do passado, os senegaleses estão procurando o município por motivos laborais. (HERÉDIA, 2015).

Os senegaleses começaram a migrar para Caxias em meados de 2012 e muitos dos migrantes já tinham uma bagagem anterior com migrações para o estado do Rio Grande do Sul, porém mais para o noroeste do estado. O motivo do deslocamento para Caxias possui muitos motivos, como aqui também já explicitado, a disponibilidade de alguns serviços, a facilidade de conseguir a documentação necessária para permanecer no país e a divulgação da cidade pela mídia fazem parte desta gama de fatores que levaram os senegaleses à cidade. (HERÉDIA; PANDOLFI, 2015).

A escolha da cidade de Caxias para os fluxos migratórios tem várias razões. Além de ser uma cidade, considerada desde a década de 70, como um dos principais polos industriais do Estado do Rio Grande do Sul, possui serviços que permitem vê-la também como um polo do setor terciário da região. A cidade sempre foi divulgada positivamente pela mídia impressa, e a forte publicidade é um fator de atração para aqueles que precisam escolher um novo destino. É importante acrescentar também que, nas últimas décadas, alguns fluxos migratórios têm preferido cidades médias em relação às regiões metropolitanas. (HERÉDIA; PANDOLFI, 2015, p.97).

Destaca-se que os migrantes geralmente buscam auxílio na cidade no Centro de Atendimento ao Migrante – CAM, para se orientarem quanto à documentação e acolhida da população migrante na cidade. Ressalta-se que eles muitas vezes já ingressam no país com a informação de que precisam ir até o CAM para se organizarem dentro do país.

A migração dos senegaleses em Caxias caracteriza-se como uma migração laboral, uma vez que na maioria dos relatos em pesquisas da área, os migrantes citam que o principal motivo da migração é em busca de trabalho. (HERÉDIA; PANDOLFI, 2015). Percebe-se que a migração e o trabalho marcam a história da cidade. No caso de Caxias do Sul, a migração “representa uma mistura cultural que faz parte daqueles que chegaram ao município em busca de alternativas de vida.” (HERÉDIA, 2012, p. 124).

O fluxo de migrações africanas está causando diversas discussões positivas e negativas dentro da cidade que devem ser trabalhados e estudados para uma melhor convivência entre os moradores de Caxias do Sul e imigrantes, assim como para questionar as medidas tomadas pela cidade para atender essas pessoas e para acolhê-las.

2. 2 HOSPITALIDADE

A discussão acerca do fenômeno migratório revela as dificuldades que algumas localidades enfrentam para aceitar a chegada do outro. Para compreender melhor as questões que abrangem a relação entre a problemática migratória e a população local, torna-se necessário explicitar o que se entende por hospitalidade. Ressalta-se que, devido aos temas abordados nesta pesquisa, priorizou-se estudar os preceitos de Marcel Mauss, assim como os pensamentos dos filósofos Jacques Derrida, Immanuel Kant e Emmanuel Lévinas. Alerta-se que os autores estudados são de períodos diferentes e, portanto, possuem pensamentos distintos sobre o fenômeno da hospitalidade. Enquanto veremos Kant analisando a hospitalidade através de ideias totalmente condicionais e políticas, Lévinas, em contrapartida, pensará a questão através da alteridade. Derrida por sua vez, aborda a hospitalidade e suas esferas condicionais e incondicionais, através da desconstrução e dos conceitos de justiça e direito.

Estes autores foram escolhidos para a pesquisa, pois discorrem sobre todos os aspectos da hospitalidade encontrada na cidade de Caxias do Sul.

2. 2.1 A hospitalidade: alguns conceitos

O ato de receber foi considerado durante séculos um dever sagrado, muitas vezes embasado na troca de favores e acolhida do outro. Marcel Mauss (1974), em sua obra *O ensaio sobre a dádiva*, analisou essas relações em civilizações ditas arcaicas através de três pontos-chaves: dar, receber e retribuir. Para Mauss, o processo dessa relação inicia por meio de uma dádiva gerada do contato humano. A retribuição torna-se então uma nova dádiva que resultará em um novo receber e retribuir, formando assim um ciclo sem fim. (MAUSS, 1974).

Dentro destas sociedades analisadas pelo autor, havia o costume de se realizar trocas (de presente, favores, regalos), que formavam um contrato ligado à ética e moral, uma vez que havia uma responsabilidade dos dois lados envolvidos nesta relação. Havia também a obrigatoriedade de se dar algo de um lado, e do outro, a obrigação de receber esta dádiva e retribuí-la. (MAUSS, 1974).

Essa dádiva não se refere somente às sociedades ditas arcaicas, mas continua a se manifestar em períodos mais recentes por intermédio de atos de acolhida do cotidiano e “sempre desencadeia o processo de hospitalidade, seja ou não precedida de um pedido de ajuda.” (CAMARGO, 2004, p.7). No que concerne o ato de dar, este implica em se sacrificar em nome de alguma coisa no plano ético. O sacrifício é um dos elementos essenciais da hospitalidade. A dádiva se realiza por meio de princípios nobres tais como ajudar alguém em necessidade, por motivos religiosos ou por motivos filantrópicos. Esses elementos formam uma espécie de lei não escrita da dádiva onde não se exclui o interesse, mas não pode se destacar os interesses comerciais. (CAMARGO, 2004).

A dádiva pela visão de Marcel Mauss (1974), devia ser aquilo que se recebe, o que se deve fazer (obrigação) e que também é perigoso tomar, porque resulta num vínculo mútuo, definitivo e irreversível. Quando não retribuída, a dádiva ainda inferioriza aquele que a aceitou em primeiro lugar, principalmente se o dom aceito foi recebido sem o espírito de reciprocidade. Para Mauss, a dádiva, se aceita, deve ser retribuída com a mesma cortesia que lhe foi dada, para não restar qualquer dívida com o outro. Além disso, é preciso retribuir além do que se recebeu, para além da expectativa do outro. (CAMARGO, 2004).

O dom deve ser recebido, aceito. Recusar um presente, uma honraria, uma lembrança é algo que ainda soa insultuoso mesmo em nossos dias. E esse ato de receber não é tão simples. Porém, receber algo de presente resulta na consciência de uma situação clara de desvantagem. Quem recebe a dádiva deve manifestar alegria mesmo sentindo que assume um débito para com aquele que doou. O donatário fica à mercê do doador. A única forma de livrar-se desse débito é...retribuir. (CAMARGO, 2004, p.8).

O ato de retribuir tem o sentido de reinstaurar a dádiva e o sacrifício, criando uma nova dádiva e reiniciando o ciclo. Nesse sentido, se analisarmos pelo olhar da hospitalidade, ela “assume sua face mais nobre na moral humana, a de costurar, sedimentar e vivificar o tecido social.” (CAMARGO, 2004, p.8). Por outro lado, Derrida (2003), diz que para a hospitalidade ser incondicional esta “não pode pagar uma dívida, nem ser exigida por um dever” (DERRIDA, 2003, p.73). Ao contrário do que Mauss afirma, a lei incondicional da hospitalidade abordada por Derrida deve acontecer sem qualquer obrigação ou ordem. Se alguém acolhe o outro por dever, essa hospitalidade deixa de ser uma hospitalidade pura, uma vez que não é mais ofertada espontaneamente e pensada além da dívida com quem chega.

Outra linha de pensamento sobre hospitalidade refere-se à obra de Kant “*À paz perpétua*”, cujo pensador aborda o direito cosmopolita à hospitalidade. Para ele, o direito cosmopolita “deve ser limitado às condições da hospitalidade universal.” (KANT, 1989, p.43). Por sermos obrigados a conviver uns com os outros na superfície terrestre, se faz necessário que todos passem a praticar a tolerância mútua. Dentro dessa premissa, Kant diz que todo estrangeiro tem o direito de ser tratado com cordialidade em terra desconhecida, pois todos são coproprietários da Terra, porém, essa hospitalidade pode ser esquecida se este estrangeiro passar a agir de modo hostil. (KANT, 1989).

O direito à hospitalidade compreende o contato amistoso daqueles que desejam um intercâmbio com os nativos. Por meio dessa afirmação, Kant postula ser possível haver uma aproximação do gênero humano com a consolidação de uma constituição cosmopolita. Com base no direito de posse comunitária da superfície da Terra, o direito de visita e de hospitalidade, poderia haver a comunicação e relacionamento entre pessoas de várias partes do mundo de forma pacífica e, assim, contribuir para tornar realidade a constituição cosmopolita pensada pelo autor. A hospitalidade para Kant está relacionada ao direito de circulação e de ser estrangeiro em outro local. A hospitalidade neste caso está no sentido jurídico e é um ponto necessário para estabelecer a paz entre os Estados e povos, no entanto, possui limites.

Quanto à tolerância citada por Kant, há diferentes vertentes por onde pode-se analisar sua relação com a hospitalidade. Uma a favor, ligada às características mais religiosas, e outra que indica que hospitalidade e a tolerância são coisas opostas. Dentre os pensadores do tema, há John Locke, que em sua “*Carta sobre a Tolerância*”, publicada em 1689, discorreu argumentos ao seu favor. Para o filósofo inglês, é através da tolerância que alguém pode se aproximar da verdadeira religião, por outro lado, a falta de tolerância, para Locke, surge como um fator não genuinamente religioso. (LOCKE, 1964).

Um dos principais pontos de discussão na *Carta sobre a Tolerância* de Locke encontra-se na separação da Igreja e Estado, para delimitar o lugar da autoridade política. Deveria haver uma distinção entre religião e o governo civil, para evitar a confusão entre como problemas da sociedade deveriam ser solucionados, neste caso, sem a interferência da Igreja e vice-versa. Um dos motivos citados para

ocorrer essa separação é que, para o autor, os religiosos tendem a manifestar paz e tolerância quando não há interferência do magistrado civil, porém, acabam por preferirem as perseguições aos ditos hereges quando possuem apoio no governo. (LOCKE, 1964).

Outro ponto a ser ressaltado, é quanto aos deveres de cada um a respeito da tolerância. Em seu texto, o autor deixa claro que ninguém teria o direito de prejudicar o outro pelo fato deste não possuir as mesmas crenças. Para Locke, esta questão está relacionada ao dever de justiça de respeitar seus direitos. Juntamente a este dever de justiça, o autor ainda acrescenta os deveres da caridade, a benevolência e a liberalidade. (LOCKE, 1964).

Em contrapartida, Jacques Derrida quando questionado sobre a tolerância ser uma forma de hospitalidade, assim como afirma Kant, diz que “a tolerância é oposto da hospitalidade. Ou pelo menos seu limite.” (DERRIDA, 2004, p. 137). Para o filósofo, a tolerância está relacionada à uma forma de caridade e limita o ato de acolher, pois impõe restrições à medida que estabelece limites para a tolerância, ou seja, a não invasão de privacidade do anfitrião. Derrida ainda ressalta que, pela tolerância, o acolhedor costuma se colocar num local acima do acolhido e é uma forma de “hospitalidade condicional, circunspecta e cautelosa” (DERRIDA, 2004, p.138).

Se alguém acha que estou sendo hospitaleiro porque sou tolerante, é porque eu desejo limitar minha acolhida, reter o poder e manter o controle sobre os limites do meu “lar”, minha soberania, o meu “eu posso” (meu território, minha casa, minha língua, minha cultura, minha religião, etc.) (DERRIDA, 2004, p.137).

Dentre as condições impostas a quem chega está, primeiramente, o idioma falado. A respeito disso Derrida (2003, p. 15), explica que “o estrangeiro é antes de tudo, estranho à língua do direito na qual está formulado o dever de hospitalidade”. Para o autor, esta é a primeira agressão com quem chega: obrigá-lo a se comunicar em um idioma diferente do seu, imposta pelo dono da casa. A questão sobre hospitalidade para o autor inicia por este ponto e levanta vários questionamentos como: Deve-se pedir ao estrangeiro que compreenda o novo idioma antes para que ele possa ser acolhido pela cidade e população de uma melhor forma? E ainda, se este mesmo estrangeiro já falasse o idioma local, ele continuaria sendo considerado um estrangeiro e seria acolhido da mesma forma?

A hospitalidade numa escala cosmopolita, como idealizada por Kant, se encaixa nessa premissa. Divide-se os modos de vida, idioma, cultura e sistemas políticos e demais características com os estrangeiros, porém, há condições, leis e práticas em escala nacional e internacional. (DERRIDA, 2004). A hospitalidade baseada neste sistema de “eu convido-o, eu dou-lhe boas vindas ao meu lar, sob a condição de que você se adapte às leis e normas do meu território, de acordo com minha linguagem, tradição, memória, etc...” (DERRIDA, 2004, p. 138), não pode ser considerada incondicional.

Para ser algo puro e incondicional, a hospitalidade deve ser para todos, para quem não é esperado ou convidado. Para Derrida, ao contrário do que Kant idealiza, não há como a hospitalidade pura receber qualquer status legal ou político. Quanto à hospitalidade incondicional, Derrida (2004, p. 139) afirma que:

Sem essa ideia de hospitalidade pura (uma ideia que é também à sua própria maneira de experiência), não teríamos sequer a ideia do outro, a alteridade do outro, ou seja, de alguém que entra em nossas vidas sem ter sido convidado. Não teríamos sequer a ideia de amor ou de convivência (*vivre ensemble*) com o outro de um modo que não seja parte de alguma totalidade ou conjunto. A hospitalidade incondicional, que não é nem jurídica nem política, ainda assim é a condição do político e do jurídico.

No entanto, a lei incondicional não poderia existir sem as leis condicionais da hospitalidade citadas por Kant. A hospitalidade incondicional tratada por Derrida está relacionada ao acolhimento sem restrições daqueles que são estrangeiros, migrados, convidados ou um visitante inesperado sem qualquer identificação prévia. Porém, a lei incondicional necessita das leis da hospitalidade condicional ou do contrário, esta permaneceria na utopia e não teria como se tornar efetiva. “Para ser o que ela é, a lei tem necessidade das leis que, no entanto, a negam, ameaçam-na, em todo caso, por vezes a corrompem ou pervertem-na.” (DERRIDA, 2003, p. 71).

Em contrapartida as leis da hospitalidade condicional não poderiam ser leis da hospitalidade se não estivessem ligadas, inspiradas e ordenadas pela lei da hospitalidade incondicional. As duas leis citadas, a incondicional e condicional, são ao mesmo tempo opostas, contraditórias e inseparáveis. (DERRIDA, 2004). Quanto a essa questão, Leonardo Boff (2005), afirma que deve haver uma articulação entre a hospitalidade convencional e a incondicional para que uma não seja sacrificada em nome da outra.

A hospitalidade incondicional precisa, portanto, da hospitalidade condicional para se tornar efetiva. A hospitalidade condicional, por sua parte, precisa da hospitalidade incondicional para não cair no burocratismo e não perder o espírito de abertura, essencial a toda acolhida. (BOFF, 2005, p.107).

Leonardo Boff (2005), por sua vez, analisa a hospitalidade incondicional através do mito grego de Báucis e Filêmon. A narrativa envolve um casal de idosos que recebem dois estrangeiros em sua casa e mesmo não tendo quaisquer condições de hospedá-los, fazem de tudo para dar o melhor para os visitantes, inclusive os últimos elementos de sua despensa. Por fim, o casal descobre que estava acolhendo dois deuses, reafirmando a ideia de que quem acolhe, acolhe o divino. O autor analisa o mito através de diversas dimensões que permeiam a hospitalidade, tais como o fogo aceso para aquecer os recém-chegados que em alguns momentos pode ser comparado à compaixão da acolhida; o alimento e a água ofertados como gesto de comensalidade; o fato do casal não ter vacilado em acolher dois estranhos em sua morada; questões que envolvem a tolerância e virtude, etc. Através dessas premissas, o autor explica que a hospitalidade intrínseca do ser humano, a incondicional, deve se dar sempre a partir do outro e não deve ver rosto, classe social ou etnia para se realizar, pelo contrário, deve ser um meio de se superar preconceitos e medos.

Nesta mesma direção encontram-se as ideias de Emmanuel Lévinas. A problemática da hospitalidade para o autor está relacionada com a ética, cujo princípio está no cuidado do outro. Essa responsabilidade e abertura para com o outro deve ser de forma incondicional e infinita, e será a estrutura para a subjetividade. Trata-se de uma relação não simétrica onde não se deve esperar reciprocidade. (LEVINAS, 1988). O que importa é a responsabilidade pelo o outro.

Lévinas ainda explica o acolhimento do outro pela ideia de rosto. O rosto é o desconhecido, não possível de ser descrito ou previsto. A relação ética se dá quando o rosto é acolhido como absolutamente Outro. Este absolutamente Outro é Outrem, que “não faz número comigo” (LÉVINAS, 1988, p.26) e não possui qualquer ligação com o Eu. É a ausência de uma pátria comum que o torna o outro, ou seja, o estrangeiro. De acordo com Lévinas, “o rosto recusa-se à posse, aos meus poderes. Na sua epifania, na expressão, o sensível ainda captável transmuda-se em resistência total à apreensão.” (LÉVINAS, 1980, p. 176). Para o autor, o rosto é

compreendido além da realidade física ou de uma imagem, é uma figura que ultrapassa o infinito. (SÍVERES; MELO, 2012).

O rosto sempre estará aberto a um acolhimento e o acolhimento sempre será reservado a um rosto (DERRIDA, 2013). É através dele que podemos nos inserir na esfera do absolutamente Outro, na esfera dos valores que fazem aparecer a realidade do Outro através da hospitalidade. É no acolhimento do rosto que o Outro se mostra como é, ou seja, é lhe proporcionado o direito de ser. (SÍVERES; MELO, 2012). O tema abordado por Lévinas abre portas para o debate da ética da hospitalidade perante aquele que chega e é estrangeiro. Não podendo limitar o rosto a um elemento físico, se faz necessário que a relação seja face a face, de alteridade e hospitalidade. A alteridade, neste caso, é vista como um meio de ressignificar a relação do Eu com o Outro. (SÍVERES; MELO, 2012).

Lévinas (1988), ainda propõe que a relação de posse seja superada. No lugar do aprisionamento pelo olhar, deve-se deixar que o Outro se revele livremente, sem pré-conceitos, pois o rosto, diferente do olhar, não prende, mas transforma a realidade do Outro. É neste ponto que se pode compreender a imagem de hospitalidade e alteridade abordada pelo autor. O rosto é um meio de compartilhamento e devido a isto, a hospitalidade não pode ser uma representação do Outro em meu mundo, mas sim compartilhar o mundo pessoal dentro da realidade do Outro. (SÍVERES; MELO, 2012). O autor sugere ainda que através do rosto, o Eu não se isole em si mesmo e que se abra para “um humanismo, acolhendo com ternura a novidade sempre constante que o rosto traz, e essa deve ser a escolha realizada pelo *Eu*, antes de qualquer manifestação.” (SÍVERES; MELO, 2012, p. 40).

Sobre a ideia abordada por Lévinas, Derrida lembra que só é possível “apreender ou perceber o que receber quer dizer a partir do acolhimento hospitaleiro, do acolhimento aberto ou oferecido ao outro.” (DERRIDA, 2013, p. 43). Além disso, há a necessidade de dar boas-vindas a esse outro, independente de quem seja, sendo este o primeiro momento entre quem está recebendo e quem está sendo acolhido. Esta relação é também permeada pela incondicionalidade da hospitalidade. (DERRIDA, 2003).

Percebe-se o quanto estas questões são importantes para se compreender as relações entre população e o migrante que chega à Caxias do Sul, uma vez que este

migrante não é esperado, é o absolutamente outro, é diferente e precisa ser acolhido. No entanto, quando se trata de migrações há outros fatores que vão além da hospitalidade que acabam por influenciar os comportamentos e relações tanto do lado dos migrantes, quanto da população e cidade.

2.2.2 A hospitalidade e as migrações

A discussão a respeito da hospitalidade surge não apenas devido às migrações turísticas, mas também por causa das diversas migrações humanas realizadas até hoje como saída para as populações vítimas da violência, miséria e crise econômica, como é o caso da sociedade atual que não se encaixam em um “figurino de sociedade desenvolvida, ou que conhecem regressão econômica acentuada e emigram internamente para províncias mais ricas, ou externamente para países mais ricos”. (CAMARGO, 2006, p. 13).

Durante toda a evolução da humanidade, as sociedades sempre se debateram com “sentimentos contraditórios em relação aos estrangeiros; oscilam da admiração desmedida à aversão, ou seja, um movimento pendular entre xenofilia e xenofobia, conforme as circunstâncias históricas.” (BOUCINHAS FILHO, p. 12, 2012). Essa questão, característica da sociedade contemporânea e que “vitima tanto os migrantes como os turistas pode ser lida como uma falta de hospitalidade, de capacidade de hospitalidade tanto de anfitriões como de hóspedes.” (CAMARGO, p. 44, 2004). Isso significa que, quem se desloca pode sofrer diversos problemas referentes ao acolhimento, problemas estes que podem ir desde jurídicos envolvendo documentação, até xenofobia, racismo e questões de aceitação da cultura do outro.

A hospitalidade, mesmo sendo um tema presente ao longo da história, ainda hoje é estudada a partir de óticas distintas e bastante presente nas discussões filosóficas e científicas. Para Camargo (2004), essa questão está ligada às problemáticas da globalização. A globalização não pode ser considerada apenas como um fenômeno recente, mas um fenômeno em constante mutação, cujo aspecto e forma de manifestação variam conforme as alterações do cenário político, econômico e tecnológico. Essas mudanças, tanto econômicas quanto sociais, acabam impactando as questões de imigração. Este fenômeno impõe diferentes

padrões de cultura e valores às pessoas e sociedade, podendo transformar a identidade de um sujeito, grupo ou de toda uma nação. (BOUCINHAS FILHO, 2012).

A hospitalidade tem o poder de aproximar as pessoas e transformar inimigos em amigos, estranhos em conhecidos, no entanto deve-se ressaltar que a aceitação pode acabar se transformando em hostilidade e rejeição. Apesar de ser uma contradição, há certa continuidade, pois hostilidade e hospitalidade são resultados de relacionamentos e não da sua negação. (SELWYN, 2004). Essas situações podem evidenciar que uma população pode ter dificuldades de aceitar certos grupos e privilegiar outros, não tendo posicionamentos constantes e uniformes.

Camargo (2004), afirma que a compreensão da problemática entre quem recebe e quem é recebido, pode estar relacionada com a questão comportamental e cultural dos visitantes.

a qualidade da hospitalidade não diz respeito apenas àquele que recebe, mas também àquele que é recebido. Migrantes e turistas que se comportam inadequadamente no território que os recebe produzem cenas tão familiares e grotescas como a poluição de praias e sítios turísticos produzida por turistas provenientes de regiões ditas desenvolvidas e sua contrapartida, a grosseria de anfitriões para com os seus hóspedes migrantes ou turistas. (CAMARGO, 2004, p. 42).

Então como pensar na hospitalidade em uma localidade onde há conflitos entre imigrantes e comunidade local? Quando relacionada às questões que envolvem imigração, a hospitalidade pode ser trabalhada na esfera do Estado, através de uma legislação para estrangeiros. Para Leonardo Boff, o ideal seria a hospitalidade elaborar “boas leis e inspirar políticas públicas generosas que viabilizem a acolhida do estrangeiro, do emigrado, do refugiado e do diferente. Caso contrário, permanece uma utopia sem conteúdo concreto.” (BOFF, 2005, p. 107). Para o autor, a hospitalidade pode ser a resposta humanitária para questões envolvendo a acolhida do estrangeiro pela sociedade e Estado.

Hoje há milhões de refugiados econômicos, religiosos, políticos e de guerra, enfim, todos aqueles que não encontraram mais lugar em seu meio ou dele foram expelidos. Atualmente existem cerca de 50 milhões de refugiados de guerra, destes 20 milhões dentro de seus países e 30 milhões buscando outros países. A esses deve-se acrescentar os 175 milhões de pessoas que emigram pelas mais diversas razões buscando outras terras para viver. O drama que os acompanha é o desamparo e a falta generalizada de uma atmosfera de hospitalidade que poderia aliviar sua situação desumana. (BOFF, 2005, p.111).

Perante o grande número de refugiados e os deslocamentos das populações mais pobres entrando nas mais desenvolvidas, coloca-se em pauta algumas perguntas com difícil equacionamento. (BOFF, 2005). Os problemas não são apenas pessoais, mas também sociais e políticos, cujas sociedades inteiras e vários Estados “são desafiados a mostrarem sentimentos humanitários mínimos e acolherem essas multidões.” (BOFF, 2005, p. 113).

No entanto, também se deve questionar o outro lado, o de quem recebe. A convivência diária com a violência, as dificuldades de comunicação ocorridas por causa das diferenças de idioma, o pavor do terrorismo e epidemias, acabam sendo alguns dos fatores que minam as relações humanas e devem ser desmistificadas. Além disso, deve-se lembrar de que a condição da imigração pode também proporcionar momentos de hospitalidade e solidariedade, onde a população acolhe os migrantes e há uma relação de troca entre os grupos.

Alguns países incentivam a imigração, porém, ao segmentar o público de acordo com o seu interesse e necessidade econômica, a ideia de hospitalidade incondicional se perde. No caso de Caxias do Sul, a cidade foi formada inicialmente por imigrantes que foram acolhidos enquanto tentavam uma vida melhor no país como alternativa aos problemas políticos e econômicos de sua terra natal. Esta cultura presente na cidade, se não for trabalhada e esclarecida, pode pesar para os dois lados, do recebido e de quem recebe na questão da hospitalidade e hostilidade com os novos imigrantes.

É interessante observar como a população que já está instalada na localidade olha para o migrante como aquele que vem de fora e tem dificuldades para integrá-lo no seu cotidiano. O estrangeiro nem sempre é compreendido e muitas vezes é visto como um intruso pelo grupo já estabelecido, causando assim, certo desconforto.

2.2.3 A hospitalidade e a cidade

Até o século XX o conceito de urbano estava ligado ao espaço físico. Este conceito dava o significado à cidade como aquilo que é o oposto ao campo ou “um tipo de agrupamento extenso e denso de indivíduos socialmente heterogêneos.” (CANCLINI, 2008, p.12). Esta definição destaca a ideia de que o campo seria o lugar para as relações comunitárias, enquanto as cidades, o lugar com maior

segmentação de papéis e multiplicidade de pertences. (CANCLINI, 1997). Para Canclini (1997), a separação dos conceitos de urbano e rural se dá através dos aspectos exteriores e não explica as demais diferenças estruturais ou relações que existem entre o que ocorre no campo com o que ocorre nas cidades e, portanto, se faz necessário pensar a cidade de um modo mais abrangente.

Outra definição para cidade possui base nos critérios geográficos e espaciais. Porém, este por sua vez, não dá conta de todos os processos histórico-sociais que deram origem às cidades.

Para Castrogiovanni (2013), as cidades são:

representações dos macros movimentos dos sujeitos que atuam com grande capacidade de organização, transformação e reordenação. Elas são um recorte do mundo, onde, independentemente de suas dimensões ou relevância regional, vibram e se transformam de acordo com as necessidades e solicitações das políticas e movimentos sociais locais, atrelados cada vez mais aos movimentos globais. (CASTROGIOVANNI, 2013, p.382).

Ainda para o autor, a cidade precisa ser vista como “uma representação da condição humana” (CASTROGIOVANNI, 2013, p.382) que se manifesta por meio da arquitetura, em como os seus elementos são organizados, pela sua estrutura e processo. Além disso, a cidade é algo complexo que visa proporcionar espaços que acolham as características de diversos grupos, formando desta maneira, o lugar urbano. (CASTROGIOVANNI, 2013).

A respeito disso, Cavalcanti explica que a cidade é uma “expressão da complexidade e da diversidade da experiência humana,” (CAVALCANTI, 2008, p.149) e que pode ser considerada “arranjos produzidos para seus habitantes” (CAVALCANTI, 2008, p.149), para diferentes culturas, condições sociais e grupos, para que seus habitantes possam exercitar a vida em comum, partilhar dentro desses arranjos suas necessidades, desejos e problemas cotidianos. A cidade se desenvolve através desta diversidade dos vários grupos que a formam e é o espaço de vida coletiva e pública, ou seja, um espaço público. (CAVALCANTI, 2008).

Nessa direção, Canclini (2008), quando distingue os tipos de cidades (histórica – territorial e industrial) ou ainda, quando as analisa através de configurações imaginárias, como a cidade do conhecimento, do espetáculo e a cidade da paranoia, chama a atenção sobre as contradições que existem entre as cidades que abrigam culturas diversas e modos de vida coletiva. Para o autor, a

busca da compreensão deve ser não apenas focada nas diferenças entre urbano e rural, mas no que concerne a multiculturalidade, na coexistência de várias culturas no espaço urbano. As cidades multiculturais podem desenvolver bairros de conhecimento, de museus, da cultura, etc, que poderão atrair desde turistas à cientistas e demais peregrinos estrangeiros que a tornarão ainda mais multicultural. (CANCLINI, 2008). Essa complexidade multicultural presente nas grandes cidades também é resultado dos fluxos migratórios que formam grupos étnicos que coexistem no mesmo espaço.

Nessa direção, como cidade média, Caxias do Sul tem sido foco de atração desses fluxos migratórios. As cidades médias seriam as cidades que não são nem tão pequenas, a ponto de prejudicar o crescimento tanto econômico quanto intelectual da sua população, e nem tão grandes para pôr em risco a vida de seus habitantes. (ANDRADE; SERRA, 2001). Esse conceito de cidade média, é marcado por algumas características que podem auxiliar na compreensão dos motivos de novas levas de imigrantes estarem chegando à cidade, como pode ser conferido abaixo:

A capacidade de receber e fixar os migrantes de cidades menores ou da zona rural, por meio do oferecimento de oportunidades de trabalho, funcionando, assim, como pontos de interrupção do movimento migratório na direção das grandes cidades já saturadas. (ANDRADE; SERRA, 2001, p.9).

Além das características citadas acima, há também menor índice de criminalidade, maior oferta de áreas verdes e tempo reduzido de trabalho. Porém, o que mais se enquadra na atual situação do fluxo migratório em Caxias do sul, é a característica de que as cidades médias são marcadas e valorizadas pela oferta de emprego e subemprego. Isso acontece por causa de sua infraestrutura básica, pelas diversas oportunidades de acesso à informação e recursos educacionais de qualidade, ou seja, pela oferta de serviços que proporcionam a ascensão tanto intelectual quanto material de sua população. Além disso, as cidades médias acabam por absorver parte dos fluxos migratórios, cujo destino original seria metrópoles com serviços saturados, evitando desta forma o aumento dos problemas sociais ocorridos destes processos. (ANDRADE; SERRA, 2001).

Por outro lado, quando se aborda a cidade, não se pode negar as relações humanas presentes, principalmente quando há a presença de migrantes

internacionais. Neste caso, pode-se afirmar que se a população não estiver aberta para receber imigrantes ou visitantes, mesmo o poder público se esforçando para passar uma imagem de cidade hospitaleira, dificilmente isso será concretizado. Essas condições legais e políticas possuem também um conteúdo educacional e moral. Para cada uma destas, há uma série de contextos que podem ser favoráveis e desfavoráveis quando implica na concessão de favores. Esta questão pode ser abordada pela ideia de estabelecidos e *outsiders*, cujos autores Elias e Scotson (2000), discutem as relações entre a população residente (estabelecidos) e quem vem de fora (*outsiders*). Para os autores, os deslocamentos não podem ser analisados apenas por seus fatores geográficos e espaciais, mas também se deve levar em consideração que o migrante está se deslocando de um grupo social para outro e precisará se inserir neste novo ambiente e sociedade. Muitas vezes surgem conflitos que são oriundos da disputa pelo espaço, onde os estabelecidos podem achar que são os únicos donos do lugar por estarem na cidade por mais tempo ou ainda pelo choque de culturas que pode acabar em agressões tanto morais (xenofobia, preconceito, racismo), quanto físicas.

Como aqui já visto, a hospitalidade implica na relação com o outro e pode auxiliar nas questões envolvendo conflitos entre a população e o visitante, este podendo ser um turista ou imigrante, como no caso de Caxias do Sul. Relacionando-a com o poder público, pode-se dizer que no momento em que a hospitalidade é posta em funcionamento, a dimensão coletiva da hospitalidade com suas características de obrigação pode se relacionar com o serviço público e “a proteção social (habitação social, saúde), ou com o domínio comercial (sistema de hospedagem)” (GRINOVER, 2007, p. 158). Esta questão dá margem à necessidade de criação de políticas para a hospitalidade que podem se referir à circulação, à migração e movimentos sociais em função do estranhamento de alguns serviços perante o desconhecido, ou seja, ao imigrante, ao turista, ao homem de negócios, etc. (GRINOVER, 2007).

A hospitalidade está relacionada também com a entrada, a inclusão do hóspede em um sistema já existente. Isso implica uma “organização, um ordenamento de lugares coletivos e, portanto, a observação das regras de uso desses lugares.” (GRINOVER, 2007, p.125). Estas regras necessitam ser elaboradas através dos princípios da hospitalidade para, por exemplo, assegurarem

o direito da população ao acesso aos serviços públicos, equipamentos, trabalho e demais serviços. (GRINOVER, 2007).

Para Gastal e Kunz (2014), o desafio também se encontra em como tornar os espaços públicos mais comunicativos e acolhedores, para que despertem sentimentos de pertença. O espaço público sendo acessível “representa mais do que o espaço destinado ao uso coletivo, ao demandar uma apropriação social pelo cidadão, por residentes ou visitantes.” (GASTAL; KUNZ, 2014, p.108). É neste ponto que a hospitalidade assume características políticas, para achar meios de acolher e incluir as pessoas. As ações do meio público a favor da cidadania, por exemplo, devem ser baseadas em políticas públicas e deixar claro para a população os princípios norteadores e demais ações que irão possibilitar o desenvolvimento da mesma. (GASTAL; MOESCH, 2007).

Políticas públicas seriam intervenções realizadas pelo poder público, instituições civis, entidades privadas e grupos comunitários, com o objetivo de atender à população nas suas necessidades materiais e simbólicas, garantindo-lhes acesso às mesmas, para que seja alcançada maior e melhor qualidade de vida não só para os grupos hegemônicos, mas também – e em especial – para os excluídos por razões econômicas, sociais e culturais, etárias ou de gênero, dentro do respeito do direito à diferença. (GASTAL; MOESCH, 2007, p. 39-40).

No entanto, para uma cidade ser hospitaleira não basta apenas possuir uma boa infraestrutura e serviços. É necessário que estes estejam relacionados à acessibilidade, à legibilidade e à identidade. O acesso não deve acontecer somente nos termos de locais físicos, mas também sobre a cultura, a qualidade de vida e segurança tanto para população local quanto para quem chega. (GASTAL; KUNZ, 2014).

3 METODOLOGIA

O estudo foi desenvolvido em três etapas, sendo a primeira relativa à discussão teórica. Essa etapa descreveu o estado da arte na área estudada, oportunizando por meio da revisão teórica, a articulação dos conceitos que constituíram o aparato conceitual acerca do tema migrações e hospitalidade na sociedade de Caxias do Sul. A segunda etapa abordou a definição do estudo empírico realizado na cidade, cujo intuito era conhecer a percepção dos representantes das instituições que atuam com migrantes. Nessa fase, foram realizadas dez entrevistas com os representantes das instituições públicas e privadas que atendem migrantes em Caxias do Sul, sendo que as entrevistas realizadas constituíram o *corpus* da pesquisa. A pesquisa usou como técnica a entrevista narrativa, uma vez que o método escolhido pressupõe análise da mesmas.

A terceira etapa foi a análise dos dados cujas narrativas dos entrevistados foram trabalhadas pelo método de análise de conteúdo. Delas nasceram seis categorias analíticas que constituíram o norte desse estudo.

3.1 MÉTODO

O presente estudo é exploratório, de natureza qualitativa, com a intenção de contribuir para a compreensão do fenômeno da hospitalidade em cidades que crescem a base de fluxos migratórios. O estudo exploratório consiste em investigações empíricas cujo objetivo é formular questões que visem “desenvolver hipóteses, aumentar a familiaridade do pesquisador com um ambiente, fato ou fenômeno, para a realização de uma pesquisa futura mais precisa, ou modificar e clarificar conceitos.” (LAKATOS, 2010, p. 171). Além disso, esse tipo de estudo é geralmente utilizado em “procedimentos sistemáticos ou para obtenção de observações empíricas ou para análise de dados (ou ambas, simultaneamente).” (LAKATOS, 2010, p. 171).

Quanto ao método escolhido para alcançar os objetivos propostos, foi selecionado o de análise de conteúdo que, por meio da criação de categorias analíticas, permitiu examinar os relatos dos entrevistados. A análise de conteúdo é:

um conjunto de técnicas para analisar o discurso de narrativas e tem como característica a interpretação de textos e documentos de várias classes cujos discursos são analisados pelo pesquisador mais profundamente. A análise de conteúdo permite “a compreensão dos fenômenos que investiga a partir de uma análise rigorosa e criteriosa desse tipo de informação” (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 11).

A análise de conteúdo é desenvolvida por vários autores³. Nesse estudo o suporte metodológico foi baseado na abordagem teórico-metodológica de Roque Moraes e Galiazzi (2007), que consideram a análise de conteúdo como método. Segundo esses autores, o método propõe três componentes para realizar a análise: a desconstrução dos textos do *corpus* ou unitarização, o estabelecimento da relação entre os elementos unitários (categorização) e a análise dos textos.

No primeiro componente, a desconstrução ou unitarização, os textos foram examinados detalhadamente e foi realizada uma fragmentação para a elaboração de unidades constituintes referentes ao fenômeno estudado. (MORAES; GALIAZZI, 2007).

Para Moraes e Galiazzi (2007), esse processo implica em:

colocar o foco nos detalhes e nas partes componentes dos textos, um processo de decomposição que toda análise requer. Com essa fragmentação ou desconstrução pretende-se conseguir perceber os sentidos dos textos em diferentes limites de seus pormenores, ainda que se saiba que um limite final e absoluto nunca é atingido. É o próprio pesquisador quem decide em que medida fragmentará seus textos, podendo daí resultarem unidades de análise de maior ou menor amplitude. (MORAES; GALIAZZI, 2007, p.18).

Desta desconstrução surgiram as unidades de análise ou unidades de significado que serão abordadas posteriormente. Com a fragmentação e desconstrução realizadas, o estudo seguiu para o segundo momento da análise que consiste na categorização. A categorização implica em um processo “de comparação constante entre as unidades definidas no momento inicial da análise, levando a agrupamentos de elementos semelhantes.” (MORAES, GALIAZZI, 2007, p.22). Estes conjuntos de elementos constituíram as categorias analíticas.

A etapa de categorização, além de juntar elementos parecidos, nomeia e define as categorias cada vez com mais precisão, conforme estas forem sendo

³ Ressalta-se que há autores que abordam a análise de conteúdo como uma técnica. Porém, na presente pesquisa será utilizado como método devido à abordagem estudada pelos autores escolhidos para a pesquisa.

constituídas. Essa explanação acontece através de retorno cíclico aos elementos anteriores para a construção do significado de cada uma das categorias. (MORAES; GALIAZZI, 2007). Estas categorias podem ser elaboradas em diferentes níveis e, em alguns casos, inclusive assumem “as denominações de iniciais, intermediárias e finais, constituindo cada um dos grupos, na ordem apresentada, categorias mais abrangentes e em menor número.” (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 23).

A categorização pode seguir duas opções extremas: uma de natureza objetiva e dedutiva e outra indutiva e subjetiva. Nas duas formas, a categorização está relacionada à organização de categorias e subcategorias que resultará na produção de metatextos com descrições e interpretações do material analisado. (MORAES; GALIAZZI, 2007). Os metatextos são “constituídos de descrição e interpretação, representando o conjunto um modo de teorização sobre os fenômenos investigados.” (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 24).

Quanto ao método de categorização foi escolhido o modo indutivo que objetiva elaborar categorias com base nas unidades de análise que foram construídas a partir do *corpus* da pesquisa. (MORAES; GALIAZZI, 2007). Neste estudo, foram formuladas seis categorias, sendo estas: a hospitalidade como ato de acolhimento, a hospitalidade como virtude e caridade, a alteridade, a presença do preconceito como sinal de hostilidade, a ética e a hospitalidade e as dificuldades da cidade no acolhimento.

Na terceira e última etapa, ocorreram a análise e a produção do metatexto que foi construído com base na unitarização e categorização ocorridas nas etapas anteriores. A análise visou descrever os discursos apresentados nas categorias e subcategorias, validando e fundamentando as “descrições a partir de interlocuções empíricas ou ancoragem dos argumentos em informações retiradas dos textos.” (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 35). O objetivo da análise textual foi aprofundar os significados e elaborar novos sentidos e teorias a partir do material que formou o *corpus*.

3. 2 INSTRUMENTO DE PESQUISA

Bruyne et al (1977, p. 64), afirmam que as vantagens da entrevista encontram-se na quantidade e qualidade de informações que a mesma oferece ao

pesquisador. Esses autores afirmam que a entrevista é uma técnica mais flexível na busca de dados que permite assegurar que lidem com problemas mais complexos. Além de ser um instrumento utilizado na coleta de dados a respeito de um tema específico, este sempre se reportará a um problema de pesquisa. Deste modo, há a necessidade de entre vários tipos de entrevista, focar naquela “cuja finalidade decorra da pesquisa social com um problema de investigação definido.” (MANZINI, 1991, p. 150).

O autor ainda aborda sobre a viabilidade do uso de entrevista como um meio de coleta de dados.

A viabilidade de usar a entrevista como forma de coleta de dados dependerá, em primeiro lugar, da natureza das informações da pesquisa. Se os objetivos da pesquisa se referirem a informações que não estão registradas ou disponíveis a não ser na memória ou pensamento das pessoas, então, a entrevista pode ser um meio apropriado. (MANZINI, 1991, p. 150).

Como instrumento de pesquisa empírica, a técnica escolhida foi a entrevista narrativa. A escolha dessa técnica deve-se ao fato de que a mesma permite uma comunicação direta com o entrevistado. A entrevista narrativa proporciona dados básicos que auxiliam no entendimento e no desenvolvimento das relações dos atores sociais e sua situação. A entrevista objetiva uma compreensão aprofundada a respeito das crenças, valores e demais motivações sobre o comportamento dos sujeitos em determinados contextos sociais. (BAUER; GASKELL, 2002).

Por esses motivos, para a presente pesquisa, optou-se pela entrevista narrativa, que visa estimular o entrevistado a contar a história de um determinado acontecimento. Esta técnica buscou reconstituir eventos sociais com base na perspectiva dos entrevistados sobre a presença dos migrantes em Caxias do Sul. A entrevista narrativa é um tipo de entrevista não estruturada qualitativa com características específicas, ao contrário do que ocorre nos demais esquemas de entrevistas, cujo padrão é pergunta-resposta, a entrevista narrativa vai além dos demais métodos ao evitar a elaboração de uma pré-estrutura da entrevista. (BAUER; GASKELL, 2002).

De acordo com Bauer e Gaskell (2002, p. 95), a entrevista narrativa utiliza um modo específico de comunicação, o de contar e ouvir história. No entanto, é necessário seguir algumas regras para o desenvolvimento da entrevista narrativa

relativas a “como ativar o esquema da história; como provocar narrações dos informantes; e como, uma vez começada a narrativa, conservar a narração andando através da mobilização do esquema autogerador.”

Deste modo, a entrevista narrativa é dividida em quatro fases: iniciação, narração central, fase de questionamento e fala conclusiva. Durante as fases são explicados os objetivos da investigação ao informante/entrevistado e o procedimento da entrevista. Além disso, o entrevistador questiona durante o processo o acontecimento que está sendo narrado, instigando o informante a lhe passar mais informações sobre o evento em questão, assim como os tópicos abordados na pesquisa. (BAUER; GASKELL, 2002).

3. 3 INSTITUIÇÕES ENTREVISTADAS

Para analisar a hospitalidade na cidade de Caxias do Sul, foram definidas instituições que lidam com migrantes. Nessas instituições, foram escolhidos dez sujeitos que as representam (04 homens e 06 mulheres). A escolha de cada entrevistado se deu pelo sua atuação junto aos migrantes em Caxias do Sul. Cada sujeito é integrante de um órgão que tem um trabalho significativo na acolhida dos migrantes na cidade, sendo estes:

- *Centro de Atendimento ao Migrante (CAM) de Caxias do Sul.*

O Centro de Atendimento ao Migrante (CAM) presta assistência social aos migrantes no seu processo de integração no país. A entidade é privada de caráter filantrópico e foi fundada em 14 de outubro de 1980. É mantida pela Associação Educadora São Carlos (AESC) e pertence à Congregação das Irmãs de São Carlos Borromeo, Scalabrinianas.

O Centro tem por objetivo promover e defender a vida e a dignidade do ser humano, sobretudo dos sujeitos em processo de mobilidade humana e em situação de vulnerabilidade. Por meio de ações solidárias responsáveis e, também, através de serviços qualificados de assistência social, tem como finalidade responder aos desafios que afluem em Caxias do Sul e Região. Desenvolve um trabalho em rede, fazendo parcerias com instituições públicas ou privadas para atingir de forma mais eficiente o fim a que se propõe. (CAM, 2016, s.p).

A entidade é uma das principais responsáveis pelo acolhimento dos migrantes em Caxias do Sul, sendo referência entre os imigrantes citados nesta pesquisa.

- *Fundação de Assistência Social de Caxias do Sul*

Responsável por fiscalizar as atividades relativas à Política de Assistência Social dentro da cidade. É um dos órgãos procurados pelos migrantes para a regulamentação de documentos de programas sociais do governo, como Bolsa Família e abrigos públicos.

- *Pronto Atendimento 24h - Secretaria Municipal de Saúde de Caxias do Sul*

O Pronto Atendimento 24 horas de Caxias do Sul oferece atendimento médico para situações de emergência adulta e pediátrica, além de oferecer suporte para as Unidades Básicas de Saúde (UBSs) da cidade. O Pronto Atendimento é o principal recurso procurado pelos migrantes quando necessitam de cuidados médicos ou para fazer a carteira do Sistema Único de Saúde (SUS).

- *Comissão de Direitos Humanos da Câmara de Vereadores de Caxias do Sul*

Órgão responsável por averiguar possíveis violações dos direitos humanos na cidade de Caxias do Sul. Dentre suas responsabilidades está a criação de projetos e o encaminhamento de denúncias às autoridades competentes. A comissão foi uma das responsáveis por reuniões públicas na cidade que abordavam e esclareciam os temas relativos à migração.

- *Diocese de Caxias do Sul*

Responsável pela acolhida dos migrantes. Destaca-se que um dos lemas que a diocese prega é “na Igreja ninguém é estrangeiro.” A diocese esteve diretamente envolvida na ocasião em que o grupo de migrantes haitianos chegou à cidade.

- *Paróquia do Desvio Rizzo*

Trabalha com acolhida e campanhas junto aos migrantes da cidade. Uma das principais responsáveis pela hospitalidade e atendimento dos migrantes haitianos em Caxias do Sul.

- *Câmara da Indústria, Comércio e Serviços de Caxias do Sul*

Entidade civil sem fins lucrativos que agrupa pessoas jurídicas que exercem atividades empresariais na Região Nordeste do Estado do Rio Grande do Sul. Devido ao seu contato com as empresas, tem ligação com os migrantes que são contratados pelas mesmas.

- *Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Caxias do Sul.*

Fundado em 25 de novembro de 1957, é uma das maiores entidades sindicais patronais do sul do Brasil. Dedicase à capacitação humana e tecnológica das empresas. Através de ações integradas, busca a qualificação intelectual do nível técnico da mão de obra, das relações de trabalho e do desenvolvimento social dentro das empresas. Devido a seu trabalho junto aos trabalhadores e empresas, tem contato direto com os migrantes contratados.

3. 4 CONSTRUÇÃO DO CORPUS

A palavra *corpus* possui origem latina e significa corpo. No âmbito acadêmico *corpus* é o conjunto de materiais e documentos sobre um determinado tema. Segundo Bauer e Aarts (2002), o *corpus* é formado por todos os materiais identificados como fontes relevantes para que o pesquisador fundamente seu texto.

O *corpus* é a matéria-prima da análise textual e é formado do material textual colhido durante a pesquisa. Estes textos são compreendidos como produções linguísticas de algum fenômeno e podem ser descritos, interpretados e lidos, correspondendo assim aos diversos sentidos que deles podem ser elaborados. (MORAES; GALIAZZI, 2007).

Este material que forma o *corpus* pode ser produzido para a pesquisa especialmente ou podem ser documentos que já existiam. As transcrições das entrevistas e os registros das observações da pesquisa, assim como depoimentos e demais anotações forma os discursos analisados. Dessa forma, o *corpus* da presente pesquisa foi formado pelas dez entrevistas realizadas com os representantes das instituições que atuam com migrantes na esfera pública e privada de Caxias do Sul. Após a coleta de dados através de entrevistas gravadas,

estas foram transcritas. Com o *corpus* constituído e organizado, foi realizada a categorização para analisar e explorar os discursos presentes dos entrevistados.

A escolha dos sujeitos para a constituição do *corpus* foi de pessoas que atuam com a problemática da migração em Caxias do Sul, que representam as seguintes instituições: Centro de Atendimento ao Migrante (CAM), Associação de Educação São Carlos (AESC), Congregação Scalabriniana, a Fundação de Assistência Social de Caxias do Sul Prefeitura Municipal de Caxias do Sul, Serviços de Saúde da Secretaria Municipal de Saúde, Comissão de Direitos Humanos da Câmara de Vereadores de Caxias do Sul, Igreja, Paróquia do Desvio Rizzo, Câmara de Indústria, Comércio e Serviços de Caxias do Sul e Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Caxias do Sul.

Ressalta-se que todos os entrevistados assinaram um termo de consentimento livre (Apêndice 1), que permite fazer uso das informações concedidas durante a entrevista. Entretanto, os nomes dos entrevistados foram mantidos em sigilo no estudo.

3. 5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisadora entrou em contato com cada entrevistado para o agendamento da entrevista. Destaca-se que, durante este agendamento, houve certa resistência de alguns órgãos, uma vez que não compreendiam o motivo ao qual precisariam ser entrevistados numa pesquisa envolvendo migração na cidade. Por prestarem serviços específicos aos migrantes, foi necessário fazer algumas perguntas pontuais sobre o atendimento e ao público do local, além das questões migratórias e da hospitalidade. As entrevistas foram realizadas nos respectivos órgãos e em alguns momentos foram acompanhadas pela orientadora da pesquisadora. As entrevistas foram gravadas com um tempo base de 1h de duração. Após, foram transcritas, dando forma assim, ao *corpus* da pesquisa.

É importante registrar que no Centro de Atendimento ao Migrante foram duas entrevistas, sendo uma realizada com a coordenadora e outra com a Assistente Social da Instituição. O mesmo ocorreu com o representante da Diocese e com o representante do Seminário Diocesano. Dessa forma, pode-se dizer que a amostra foi intencional, organizada por conveniência.

4 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

A análise das entrevistas, utilizando o método de análise de conteúdo, fez com que emergissem do texto seis categorias analíticas que serviram para analisar o conteúdo dos discursos. As categorias que sintetizam as principais ideias foram: a hospitalidade como ato de acolhimento; a hospitalidade como virtude e caridade; a alteridade; a presença do preconceito como sinal de hostilidade; a ética da hospitalidade, e as dificuldades da cidade no acolhimento.

4.1 HOSPITALIDADE COMO ATO DE ACOLHIMENTO

Uma das relações feitas quando se fala em hospitalidade, é que esta implica no ato de receber. Alguns autores, como os citados no respectivo capítulo sobre hospitalidade deste trabalho, atribuem que acolher é dar hospitalidade, no entanto, durante a pesquisa foram levantados outros pontos pelos entrevistados que, quando questionados se a hospitalidade e o acolhimento eram sinônimos, responderam que ambas possuem diferentes características, porém, se completam.

Bom, são duas coisas que vão junto (Acolhida e hospitalidade). Eu posso acolher você, bater a mão no ombro, mas também não ajudar em nada. É uma acolhida meio fria. [...] A acolhida tem que se transformar em gesto, então o gesto é a hospitalidade. (ENTREVISTADO 2, 2016).

As duas coisas, elas são juntas. [...] Embora eu possa acolher alguém embaixo do meu teto e deixá-lo lá como um objeto, simplesmente deixar, eu acolhi. Hospitalidade torna o acolhimento mais humano. [...] Mas as duas coisas andam juntas. (ENTREVISTADO 3, 2016).

Verifica-se nas falas acima que ambos assimilaram a hospitalidade como complemento chave da acolhida. A hospitalidade neste caso é essencial para que o acolhimento se torne palpável; o gesto, como citado. Derrida (2004), ao analisar a obra *Totalidade e Infinito* de Lévinas, questiona se o acolhimento é, de fato, um gesto, chegando à conclusão que é, sobretudo, o primeiro movimento que dá origem à acolhida. Percebe-se pelas falas dos entrevistados acima, neste caso ressalta-se que ambos são representantes da Igreja, que a ideia de acolhimento e hospitalidade está ligada ao ato de receber. Para Derrida (2004), é o acolhimento que irá estabelecer este receber e é o que determina a relação ética da ação. Vale lembrar

que o receber citado aqui é sinônimo de acolher, em que se recebe além da capacidade do Eu. Ainda para o autor, só é possível alcançar e compreender o que este receber significa, através do acolhimento hospitaleiro, que é oferecido ao outro abertamente. (DERRIDA, 2004).

Na segunda fala acima ainda podemos verificar a referência à acolhida em um local, na casa do anfitrião, ou seja, “debaixo do meu teto”. Esta característica apareceu em pelo menos três relatos coletados durante a pesquisa que podem ser conferidas a seguir. “Para mim, o bem acolher seria que, quando eles chegassem, nós já tivéssemos um lugar e disséssemos: olha, vocês podem ficar aqui até vocês arrumarem um trabalho, que vocês possam se organizar.” (ENTREVISTADO 4, 2015). Ainda quando questionados o que seria, na sua percepção, a hospitalidade, outro entrevistado deixou claro que ter um lugar é essencial para o acolhimento. “Na minha opinião, é ter aonde acolher. Ter lugar.” (ENTREVISTADO 5, 2015).

Duas coisas chamam atenção nas falas acima: uma é quanto a imagem de uma casa (ou um abrigo) está vinculada ao receber e ao acolher. Se alguém acolhe, deverá acolher em algum lugar. E duas, antes de qualquer necessidade citada, foi mencionado que ter um lugar para abrigar os migrantes é item principal para existir uma acolhida de qualidade. Os entrevistados das falas acima, membros do meio público, excluíram outros itens importantes na cidade que poderiam auxiliar os migrantes na sua estadia e ressaltaram que a prioridade é um espaço que os abrigue. Questiona-se neste caso, se Caxias do Sul possuísse um local apenas para abrigar os imigrantes, isso seria o bastante para fazê-los sentirem-se em casa?

Seguindo na análise da resposta de outro entrevistado, desta vez membro da Igreja, nota-se que há outros itens, em sua concepção, que devem estar presentes para que haja hospitalidade.

A hospitalidade não quer dizer só dentro da minha casa, mas ajudar a pessoa a saber onde se dirigir ou buscar ajuda. [...] Para nós, católicos, a hospitalidade é um valor muito grande porque quem recebe alguém, recebe Jesus. Então a fé ajuda a crer nesses valores. Só que não é tão simples assim. (ENTREVISTADO 2, 2016).

Percebe-se que o discurso dos entrevistados ligados à religião segue a mesma linha de pensamento quanto ao que é a acolhida. Este entrevistado por sua vez, ressaltou que a hospitalidade não se resume em apenas abrigar/acolher a

pessoa em sua casa ou cidade, ela vai além. Este apontamento pode ser conferido na fala a seguir:

O acolher é muito mais que o abrir as portas ou dar alguma coisa. Acolher significa permitir que o outro seja ele dentro daquele espaço. [...] Acolher a dignidade da pessoa que está ali. Ter a pessoa [...] e ao mesmo tempo estar com a pessoa. (ENTREVISTADO 3, 2016).

A fala mostra que, diferente do que alguns membros do meio público de Caxias do Sul apontam como necessidade, há outras formas de acolher bem os imigrantes e que isso não deve partir apenas da esfera pública, mas também da população da cidade, ajudando em questões básicas, como dar informações corretas.

Outro tema citado pelos entrevistados é a ligação da hospitalidade com a religião. A Bíblia aconselha que a pessoa pratique a hospitalidade, tendo esta mensagem em vários de seus textos. Como é uma referência no Cristianismo, a Bíblia torna a religião, se praticada sobre seus preceitos, uma causa legitimadora do fenômeno da hospitalidade nos dias atuais, pois dentro da comunidade religiosa também se vive em coletividade. A presença do discurso da hospitalidade nos textos da Bíblia reafirma sua relevância na sociedade moderna, uma vez que a religião é um dos pontos que mais influenciam a vida de muitas pessoas e pode legitimar, incentivar, banalizar e definir comportamentos. (CAMARGO; BUENO, 2011). Esta ligação com a religião apareceu também em outros relatos:

A hospitalidade dentro da tradição Cristã, não existe a palavra acolhida, existe a hospitalidade. Aí a hospitalidade lá de Abraão, etc, etc, né? O hóspede tem um lugar central dentro da sua casa. Era uma obrigação receber a pessoa que vem de fora. Então a Igreja Católica tem uma cultura de hospitalidade. (ENTREVISTADO 1, 2016).

A Bíblia mostra várias situações em que a hospitalidade se faz presente. É considerada um dever que necessita ser prestado ao próximo, um hábito que precisa ser adquirido, uma virtude e também uma manifestação de amor a Deus e ao outro. (CAMARGO; BUENO, 2011). Com base nos preceitos religiosos, se questionou como o *hábito* da hospitalidade é obtido. Ser hospitaleiro é algo que possa ser ensinado ou treinado? Ou é resultado de uma vivência prévia num

ambiente em que se tenha o costume de acolher o outro? Na fala abaixo confere-se a afirmação desta visão religiosa sobre a hospitalidade:

A acolhida, a hospitalidade [...] não é uma coisa espontânea, nem entre nós. Nem entre eu e um irmão e uma irmã. Não tem acolhida porque eu odeio meu irmão. Então acolhida e a hospitalidade são frutos também de uma vivência, porque se eu [...] não vivo a acolhida, a hospitalidade em casa, não vou viver nem com os outros. (ENTREVISTADO 2, 2016).

Sobre a relação entre hospitalidade e religião citada nas entrevistas, foi questionado o que é necessário para atingir o que é pregado pela doutrina religiosa. Entre os relatos coletados, um dos pontos mais citados foi aceitar o outro e quanto pequenas ações cotidianas, dos dois lados envolvidos, ou seja, quem está sendo recebido e quem recebe, podem auxiliar no relacionamento entre ambos. “[...] A acolhida pressupõe a abertura. Permitir que o outro faça parte da minha vida, que o outro esteja junto a mim. Se não existe essa abertura não vai ter acolhida.” (ENTREVISTADO 3, 2016).

Mauss (1974), quando trata de atos de acolhida do cotidiano, diz que o ato de bem receber do outro inicia por meio de uma dádiva gerada do contato humano. Nem sempre a retribuição acontece quando esperada e pode provocar situações de comprometimento da retribuição, ou seja, uma dívida é estabelecida e deve ser paga. Este débito deve ser salvo pela retribuição, uma vez que um contrato prévio e “não dito” da hospitalidade foi estabelecido no momento em que a dádiva foi gerada. Isso reafirma o discurso feito pelos entrevistados sobre a hospitalidade ser um dever para com o outro e que deve ser praticada por todos.

Para acolher é preciso ter possibilidade de dar. Alguns entrevistados afirmam que “se tu acolhes, não podes acolher de qualquer jeito. Se tu não acolhes vai dar um problema social”. (ENTREVISTADO 2, 2016). A visão desse relato expressa a consciência que os sujeitos têm de que quando começa o processo de acolhimento ele não tem um fim imediato, pois implica numa série de novas ações.

Para alguns entrevistados, a acolhida ainda implica em coragem, fé e amor. Acolher significa dividir. Na situação dos migrantes, de forma geral, é evidente que aqueles que chegam buscam no primeiro momento um lugar em que sintam-se protegidos, recebidos e que tenham tempo para retribuir o ato de sua aceitação, que nem sempre é possível no momento da chegada.

Nesta questão o que chama a atenção é o termo usado pelo entrevistado em questão. A palavra *amor*, usada pelo sujeito para remeter ao que acolhida significa, é analisada por Lévinas (1988), quando este explica *Eros*. Para Lévinas (1988), há uma distinção entre hospitalidade e amor, no entanto, o autor reconhece que a “transcendência do discurso é ligado ao amor.” (LÉVINAS, 1988, p.233). O autor remete ao mito do Banquete de Platão para explicitar sua ideia, onde o amor reúne as duas metades de um ser único, cuja interpretação pode ser “um regresso a si.” (LÉVINAS, 1988, p.233). O que se destaca de relevante para a análise, é que amor é considerado pelo autor a relação com outrem, assim como a hospitalidade e acolhida, um relacionamento com o outro. A fé pode ser analisada pelo cunho religioso, como feito anteriormente, com características de compaixão, ética e a imagem de acolher o divino. A coragem, por sua vez, pode ser relacionada ao fato de acolher quem chega e é estranho e diferente para mim. Neste caso, quem acolhe precisa ter coragem e deixar de lado os medos de abrigar o estranho em uma sociedade que é marcada por episódios violentos, doenças e etc.

Ainda dentro da visão de representantes da Igreja, o acolhimento “é uma virtude humana que não é apenas do cristão. Exige bastante coragem e precisa da ajuda da fé para acolher [...] Quando acolho eu não vou atrás das aparências”. (ENTREVISTADO 2, 2016). Essa conceituação mostra que o ato de acolher implica em uma postura de aceitação do outro, mesmo que este não seja igual e demonstre essa diferença. O que acontece é que alguns sujeitos utilizam o conceito de acolhimento como sinônimo de caridade, que nem sempre tem esse significado.

A nossa população de Caxias, eu acho que é uma população bem humanizada. [...] Solidária. Eu lembro que quando chegaram os ganeses, era junho de 2014 [...] quando a gente viu tinha quase 100. [...] Bem no inverno. Eles saíram de lá 40 graus e aqui tava 2 graus, 0 grau. Em dois dias a gente juntou roupa para todo mundo. Tanto roupa de cama quanto roupas para eles e isso tu só consegues numa população (humanizada)... (ENTREVISTADO 4, 2015).

O discurso acima demonstra que há uma confusão no entendimento de hospitalidade, caridade e boa vontade. Os conceitos parecem se misturar quando explicitados pelos entrevistados, dando a entender que para ser hospitaleiro basta dar algo àquele que necessita. Não há obrigação ou dever de responsabilidade além disso. No entanto, acolher não é apenas fazer caridade. Indo contra a maior parte dos demais entrevistados, cujas respostas sobre o que seria acolhida se

aproximaram do conceito de caridade ou boa vontade, um dos sujeitos deixou claro que para haver hospitalidade não se pode esperar a boa vontade de todos na cidade.

Às vezes as pessoas se movem de alguma forma. Nem que seja pontualmente, pra doar uma roupa, um alimento, pra acompanhar, mas por outro lado, não dá pra ficar na base da boa vontade. Como se o acolhimento fosse uma dádiva das pessoas de boa vontade. (ENTREVISTADO 1, 2016).

Uma das características mais citadas entre os entrevistados foi a hospitalidade como uma virtude, um dos preceitos citados pela Igreja. Além disso, em vários momentos dos relatos foi mencionada também a caridade. As análises destes dois pontos serão explicitadas na subcategoria a seguir.

4. 2 A HOSPITALIDADE COMO VIRTUDE E CARIDADE

Alguns entrevistados, estes representantes da Igreja, quando questionados sobre qual o seu entendimento de hospitalidade e acolhida possuíam, responderam que “acolhida é uma virtude humana” (ENTREVISTADO 2, 2016). No entanto, controversamente, responderam também que ser hospitaleiro não é algo intrínseco, mas uma atitude que deve ser desenvolvida no decorrer da vida do sujeito. “A acolhida não é uma coisa espontânea [...] precisa ter alguns valores na mente.” (ENTREVISTADO 2, 2016). Isso vai contra o que muitos pesquisadores da hospitalidade relatam em seus estudos. A hospitalidade, para autores que seguem esta linha de raciocínio, não é uma postura que pode ser treinada e reduzida apenas a um atendimento de qualidade. A hospitalidade ultrapassa esse conceito.

Com base nos relatos, pode-se traçar um paralelo da hospitalidade como uma virtude moral. Telfer (2000), utiliza os conceitos da filósofa Philippa Foot (1978), para explicar os três principais aspectos das virtudes morais. A primeira virtude está relacionada com as qualidades que alguém precisa ter para fazer o bem a si próprio e aos outros. A segunda são qualidades da vontade e a terceira são correções de tendências humanas, relacionadas ao excesso ou falta de motivação. (TELFER, 2000).

Para Telfer (2000), a hospitalidade pode ser um meio de “materializar virtudes mais amplas” (TELFER, 2000, p.74) por diversas razões, inclusive pelo prazer em

acolher e neste caso é o que facilita a pessoa em ser genuinamente hospitaleira. Outra razão pode ser pelo talento. Vale ressaltar que o ato de acolher não depende de talento, porém, neste caso, a autora acredita que as pessoas possam utilizá-lo como motivação para buscar a hospitalidade quando acreditam possuir talentos, dons ou interesses para tanto. A terceira razão está ligada às posses de fortunas significativas. Essa razão pode ser explicitada no caso de proprietários de locais que possuam algo em especial para oferecer e que possam ser usados na acolhida. No entanto, Telfer destaca como a razão mais significativa, aquela em que as pessoas buscam um ideal de hospitalidade, geralmente ligado às características emotivas que envolvem o lar, o compartilhar e o acolher. (TELFER, 2000). Ou seja, o que é considerado por muitos autores como a hospitalidade incondicional, que é intrínseca do ser humano.

É importante lembrar que Leonardo Boff (2005), ainda cita que há quatro principais virtudes para um convívio pleno na Terra: a hospitalidade, a convivência com os diferentes, a tolerância e a comensalidade. Cabe para esta pesquisa, destacar três delas com mais cuidado. Assim como Kant (1989), explica em “À Paz Perpétua”, Boff (2005), acredita que a hospitalidade é uma virtude primordial para uma república mundial, cujo princípio é de que todos têm o direito de serem acolhidos e também o dever de acolher outros. Para o autor, esta virtude é peça-chave para uma possível solução para a atual situação migratória mundial, em que diversos povos e refugiados buscam abrigo em outros países e muitas vezes são barrados e proibidos de entrar. (BOFF, 2005).

A segunda virtude é a convivência com os diferentes. Através desta virtude pode-se aprender a conviver com as diferenças culturais do outro e enriquecer-se através destes intercâmbios. Esta questão fica clara na análise dos discursos dos entrevistados, quando questionados quais as possíveis contribuições que os migrantes poderiam deixar para Caxias do Sul? “Eu acho que a maior contribuição é a cultura. [...] Eles vêm somar a nossa cultura.” (ENTREVISTADO 3, 2016). Quase todos os sujeitos citaram, em algum momento da entrevista, o quanto a convivência com os novos migrantes que chegam à cidade, pode auxiliar na construção de uma nova consciência de respeito ao outro e às suas diferenças.

Com migrante, enriquece porque ele absorve a cultura daqui e nós absorvemos a cultura deles. [...] Sem perceber, a comunidade de Caxias vai se enriquecer de valores que não tinha. [...] A união de outras raças enriquece uma nação. (ENTREVISTADO 2, 2016).

Outro ponto constantemente ressaltado em quase todas as entrevistas foi o quanto os migrantes são educados com os outros da cidade.

A educação. Eu nunca vi gente mais educada. Nossa! Eu acho que nós temos muito o que aprender com eles essa parte da humanização, essa parte da educação... Eu ontem ainda atendi uma menina que o nome é Dominique, ela veio do Haiti, ela ganhou neném e ela mora com uma colega dela. E ela.. a gente conseguiu escola pro neném dela. Ela saiu grávida de lá. Aí ela ganhou neném, agora ta com 3 meses, daí a gente conseguiu escola de educação infantil, por que? Ela não tem marido, ela precisa trabalhar e a gente tá tentando arruma emprego pra ela. Aí ontem ela veio ver se eu já tinha conseguido alguma coisa pra ela. Tu precisa ver a educação, sabe? Eu disse: Meu Deus do céu! É uma coisa impressionante a educação que eles têm. Essa eu acho que é a maior lição que a gente pode receber assim deles, é isso. A parte da humanização, da educação, do carinho. (ENTREVISTADO 4, 2015).

Um tema curioso citado em pelo menos três entrevistas, foi a visão de hospitalidade que os senegaleses possuem e o quanto isso reflete negativamente na sua acolhida em Caxias do Sul. Quando questionados sobre como os migrantes devem ser tratados em Caxias, o termo *teranga* apareceu como referência:

Eles (os senegaleses) falaram que era o país da *teranga*, né? Acho que é receber bem, assim como nós queremos que os brasileiros fora sejam recebidos bem, que sejam tratados bem e que tenham seus direitos humanos reconhecidos. Então da mesma forma acredito que os imigrantes também devam. Chegam aqui e também devem ser respeitados. A gente sabe que existem várias empresas que se interessam pelos trabalhos imigrantes, mas a gente também precisa entender que eles são seres humanos e que eles precisam mais do que emprego. (ENTREVISTADO 7, 2015).

Vale explicitar melhor o termo citado. O Senegal é conhecido como a terra da *teranga*, cujo significado no dialeto *wolof*, falado no Senegal, está ligado à hospitalidade, ao bem receber, à igualdade e a não discriminação do outro. (HERÉDIA, 2015). O termo foi utilizado pelos entrevistados quando questionados se os migrantes, na sua percepção, eram acolhedores com a população e como deviam encarar a hospitalidade dentro da cidade se tomassem como padrão a *teranga*.

Sim. (eles são acolhedores), tanto que o Senegal é considerado a terra da *Teranga* que eles chamam. *Teranga* é um termo que eles utilizam

justamente pra uma acolhida que é feita sem discriminação de raça, de cor, de religião. É bem bacana. A gente foi pra lá ano passado e foi super bem acolhido. Nossa! Assim, o pessoal... é uma coisa da cultura deles, de fazer que o estrangeiro se sinta bem lá. E a gente às vezes fica com vergonha, né? Porque aqui nem sempre eles se sentem tão bem, seja pela questão do racismo, seja pelo ponto de vista prático de documentação. Então lá eles são um bom exemplo de um país que sabe acolher as pessoas que vem de fora. E não é só quem vem de fora da Europa, que venha do Brasil, eles acolhem bem inclusive... Hoje no Senegal há muitos refugiados, por exemplo, do Mali lá e que se inserem com muita... Talvez até pela questão religiosa, enfim, se integram muito bem lá. Então é um povo assim, muito, até do ponto de vista das relações comunitárias, têm um Know-how, uma forma de organização da vida social que dirimi muito a questão da violência. Eles são muito gentis com o trato. Talvez aqui eles estranhem bastante quando chegam aqui. Encontram, talvez, uma sociedade um pouco mais fria onde a gente não costuma cumprimentar, não costuma sorrir, né? [...] A passo que lá é muito comum as pessoas se cumprimentarem mesmo que não se conheçam.(ENTREVISTADO 1, 2015).

Entre as respostas ainda foram citadas a educação dos migrantes e trato para com o outro, a religião e o conceito de coletivo; no entanto, o destaque dado foi que a troca de cultura, pela sua diversidade, pode ajudar no desenvolvimento da cidade, na aceitação e compreensão do outro que vem de fora. Isto nos leva à terceira virtude ressaltada: a tolerância. A tolerância aparece constantemente nos discursos coletados. Para Boff (2005), a tolerância seria a virtude que poderia resolver os conflitos que nascem das diferenças entre hóspede e anfitrião. Fica evidente nas falas que é preciso ter tolerância.

Devido às diferenças de costumes, valores e cultura, a hospitalidade pode ser um ato difícil de aplicar cotidianamente. Neste caso, impõe-se a tolerância para que os direitos do outro em ser diferente sejam reconhecidos sem exceções. (BOFF, 2005). Porém, há divergências de conceitos sobre a relação entre a hospitalidade e a tolerância. Alguns entrevistados afirmaram que a tolerância é um ato de hospitalidade, enquanto outros disseram que a falta dela é o que atrapalha para que a hospitalidade se desenvolva, resultando em preconceitos e medos do desconhecido, do estrangeiro e do outro. “A tolerância é um ato de hospitalidade. [...] Eu só consigo acolher o outro [...] se eu tolero desde a diferença cultural, até a diferença religiosa, costumes, tradições.” (ENTREVISTADO 3, 2016).

Kant (1989), afirma que por dividirmos o mesmo espaço, a tolerância mútua é um ponto chave que deve ser praticada por todos para um melhor convívio em sociedade. Porém, o que se questiona é se essa tolerância é o bastante para acolher. Durante a coleta dos dados se analisou que, em alguns casos, a tolerância

por si só não é o bastante para fazer com que os migrantes se sintam acolhidos. Em um dos relatos, os entrevistados alertaram que alguns atendimentos são feitos “por obrigação”, sem pensar além do que possa ser feito para estar acolhendo e dar algum amparo para os migrantes. “[...] aqui não é negado o atendimento [...] agora, como que vai ser feito esse atendimento por parte dos profissionais, daí é subjetivo.” (ENTREVISTADO 10, 2016). Percebe-se nesta citação que a tolerância pode impor uma barreira ou limite na acolhida em alguns casos. Eu tolero, faço meu trabalho, porém não acolho totalmente.

Na direção contrária, Derrida (2004) vê a tolerância não como um sinônimo de hospitalidade, pelo contrário, esta virtude em questão impõe limites e coloca quem está acolhendo acima do acolhido. Por ser um discurso com origens religiosas, a tolerância muitas vezes acaba dando voz à razão dos mais fortes e acaba por se tornar uma espécie de hospitalidade fiscalizada e cheia de restrições, ou seja, no lugar de ajudar, acaba colocando um limite na acolhida.

Outro ponto a ser considerado, é a assimilação da caridade como o ato de acolher. Quando questionado sobre os desafios de acolhida no município de Caxias do Sul, um dos entrevistados respondeu que além de acolher, há também uma questão que envolve solidariedade e caridade. Para Telfer (2005), a hospitalidade muitas vezes se equipara com a caridade e favorece mais os outros do que a si próprio. Isso pode ser visualizado no discurso dos representantes da Igreja.

Porque muitas vezes [...] o maior beneficiário é quem está sendo acolhido, pelo contrário, é quem acolhe que se beneficia. Porque esse caso do bom samaritano [...] Quem mais ganhou com isso? Foi o bom samaritano. Pelo gesto que ele fez. Então o gesto da acolhida é muito mais rico a quem faz do que a quem recebe. (ENTREVISTADO 3, 2016).

Nota-se que muitas vezes o ser hospitaleiro é misturado com o ato de doar algo a alguém ou participar de campanhas de solidariedade. Esta assimilação, entre hospitalidade e caridade, fica clara nos discursos abaixo:

A nossa população de Caxias, eu acho que é uma população bem humanizada. [...] Solidária. Eu lembro que quando chegaram os ganeses, era junho de 2014 [...] quando a gente viu tinha quase 100. [...] Bem no inverno. Eles saíram de lá 40 graus e aqui tava 2 graus, 0 grau. Em dois dias a gente juntou roupa para todo mundo. Tanto roupa de cama quanto roupas para eles e isso tu só consegues numa população (humanizada). (ENTREVISTADO 4, 2015).

Quem podia com dinheiro, podia. Quem podia com comida... Quando a gente faz campanha, na campanha tem muita solidariedade porque a gente vê que eu estou ajudando e nem quero saber quem é. É por dom, mas é uma ajuda. (ENTREVISTADO 2, 2016).

O dom citado pelo sujeito pode ser estudado por dois eixos: o religioso e o utilizado por Marcel Mauss. Se analisado pelo campo religioso, a Bíblia diz que o dom pode ser visto como a própria hospitalidade, como um dom divino, um dom de espírito que auxilia na acolhida generosa e cordial do outro. Já pela linha de Mauss, podemos avaliar o dom (ou dádiva) pela ideia descrita em seu texto *Ensaio sobre a Dádiva*. Mauss (1974), afirma que o dom era um meio arcaico de troca que estipulava uma retribuição obrigatória, mesmo que este dom tivesse aparência de ser algo dado de boa vontade e livremente. Percebe-se que essa relação não é incondicional, uma vez que se estipula que deve haver uma retribuição de um novo dom daquele que o recebeu primeiramente.

A dádiva na visão de Marcel Mauss (1974), é compreendida como aquilo que se recebe, o que se deve fazer (obrigação) e que também é perigoso tomar, porque resulta num vínculo mútuo, definitivo e irreversível. Quando não retribuída, a dádiva inferioriza quem a aceitou primeiro. Para Mauss (1974), a dádiva, se aceita, deve ser retribuída com a mesma cortesia que lhe foi dada, para não restar qualquer dívida com o outro e é preciso retribuir além do que se recebeu, para além da expectativa do outro.

Por outro lado, Derrida (2003), diz que para a hospitalidade ser incondicional esta “não pode pagar uma dívida, nem ser exigida por um dever” (DERRIDA, 2003, p.73). Ao contrário do que Mauss afirma, a lei incondicional da hospitalidade abordada por Derrida, deve acontecer sem qualquer obrigação ou ordem. Se alguém acolhe o outro por dever, essa hospitalidade deixa de ser uma hospitalidade pura já que não é mais ofertada espontaneamente e pensada além da dívida com quem chega.

Essa questão, de esperar algo em troca, muitas vezes pode minar as relações entre migrantes e população local, pois pode haver dificuldades em se colocar no lugar do outro. No caso de Caxias do Sul, essa ligação pode estar ligada à tradição católica que a cidade carrega por muito tempo, característica esta que pode causar conflitos com os migrantes que são de religiões diferentes. Este e os demais conflitos serão analisados na categoria a seguir.

4.3 A ALTERIDADE

Um dos pontos mais citados nas entrevistas foi acerca da aceitação e dificuldades em se relacionar com o outro que vem de fora. A questão da alteridade foi mencionada em todas as entrevistas em algum momento dos relatos, deixando claro que na cidade há casos positivos de aceitação do migrante, cuja população se empenhou em auxiliá-los e vice e versa, e também os negativos, cuja diferença cultural muitas vezes está por detrás da dificuldade de se colocar no lugar do outro.

A dificuldade que foi mais citada por todos os entrevistados foi o idioma falado pelos migrantes. A maioria chega ao país sem saber falar português e isso dificulta ainda mais o encaminhamento para os órgãos que possam lhes atender. “Não é dificuldade, mas limita um pouco, que é a questão do idioma por que não são migrantes brasileiros.” (ENTREVISTADO 1, 2016).

Entretanto, em meio aos problemas há relatos de acolhimento dos migrantes pela população caxiense.

Outro dia uma moça me entrevistou [...] é de uma firma aqui de Caxias e eles têm muitos (migrantes) que trabalham lá e ela disse que são pessoas muito responsáveis. [...] Ela disse que eles chegaram assim e muitos não falavam português e os colegas mesmo ajudaram eles para que eles pudessem se ambientar, para que ficassem no trabalho. (ENTREVISTADO 4, 2015).

Uma coisa legal é quando a gente também consegue, a gente procura se aproximar daquela cultura, daquele idioma, eles ficam muito felizes né? A gente fala uma palavra em *wolof*... Tipo, *salaam aleikum*, ou agradece... Nossa! Eles se sentem muito mais acolhidos. Agora começou a trabalhar aqui uma moça que fala francês. Nossa! Nas primeiras reuniões de trabalho, tanto os haitianos quanto os senegaleses, o francês é a língua principal. Ficaram muito felizes, de poder ter alguém né? Então isso também a questão do idioma é uma parte muito importante para eles se sentirem acolhidos. (ENTREVISTADO 6, 2015).

Durante as entrevistas se notou que mesmo com a barreira linguística, muitos relataram que se fez o possível para ajudar o migrante mesmo sem compreendê-lo totalmente, buscando ajuda, inclusive, com outros migrantes senegaleses que já sabiam português. Mas, por outro lado, há casos em que a pessoa utilizou da dificuldade de comunicação para não fazer o atendimento.

Eles vêm pra cá. Aí a gente conversa com eles e nem todos a gente consegue. Então às vezes a gente ouve “ah não conseguimos entender

nada.” Não, várias vezes a gente com calma e demonstrando uma abertura de querer entender, a gente consegue se comunicar. Mas tem casos que... A gente tem o contato do Bili e de outro (migrantes senegaleses) lá e aí a gente chama eles e muitas vezes ele vem. Ou então a gente liga e passa o telefone pro usuário e eles se entendem. (ENTREVISTADO 10, 2016).

O idioma também foi indicado, na maior parte das entrevistas, como uma falha no atendimento em Caxias do Sul. Alguns dos entrevistados citaram que os servidores da cidade precisam ter alguma preparação para se comunicarem com os migrantes.

O Bili também é um migrante, só que já tá a mais tempo aqui, então ele domina muito bem, ele nos traduz depois. Mas é uma falha. Esses dias até eu vi que Porto Alegre tava oferecendo cursos pra servidores públicos. Era do Senegal, eu acho que era o crioulo, eles têm vários idiomas, né? Que nem sempre é o francês, eles têm os mais nativos lá mesmo e eles estavam oferecendo pros servidores públicos. (ENTREVISTADO 10, 2016).

Derrida (2003), afirma que o idioma é a primeira barreira imposta ao migrante. É o que o torna estrangeiro e é a primeira ofensiva contra a sua presença no local, uma vez que está sendo obrigado a falar um idioma o qual não é o seu de origem, um idioma imposto pelo anfitrião. Este desconforto causado pela falta de comunicação também é percebido pelos migrantes que, em alguns casos, não compreendem como os atendimentos da cidade não possuem pessoas que falem outro idioma.

A gente tem um rapaz aqui que fala francês que nos salva. [...] Tínhamos uma estagiária que era bilíngue, hoje a gente tem um rapaz que fala francês. Então é assim, é o que nos salva aqui. [...] Até achei muito engraçado, porque uma delas (migrante) outro dia disse pra mim: não entendo como é que vocês só falam português! A gente fala três, quatro idiomas! E é verdade. (ENTREVISTADO 4, 2015).

Isso revela que os migrantes vêm para Caxias com uma imagem formada do que encontrarão e que poderão ser atendidos sem muitos problemas. Mas em contrapartida, a cidade não está preparada para a demanda que chega cada vez mais e tenta se organizar como pode. Outros fatores que permeiam a maior parte dos conflitos são frutos das diferenças culturais, religiosas, étnicas e até mesmo diferenças políticas e emocionais que podem levar à desavenças entre grupos colocados em contato direto no mesmo espaço. A lembrança de conflitos históricos, memória de lutas entre classes, religião ou etnias, os radicalismos ideológicos e etc.

podem gerar pretextos para coagir o outro grupo que pode ser visto como um adversário. (LUCENA; GUSMÃO, 2006).

Isso pode ser conferido no relato cujo entrevistado deixa claro que ele possui um relacionamento melhor com os migrantes e compreende melhor seus costumes, porque teve contato prévio com a sua cultura. “Para mim é fácil porque eu já fui muito pro oriente, tenho ido pra África. Esse ano fui três vezes. Então a gente convive isso aí lá.”(ENTREVISTADO 9, 2015).

Sobre isso, pode-se fazer um paralelo com o que Lévinas (1988), fala a respeito do rosto e alteridade. Para o autor, deve-se deixar que o outro manifeste-se de forma livre. Quando direcionamos o olhar, prendemos o outro em pré-conceitos e resumimos a hospitalidade em uma simples representação do outro dentro do meu mundo e de seus conceitos. Já com o rosto, há uma transformação da realidade de quem está a minha frente, onde partilha-se o mundo pessoal dentro da realidade do outro.

Compreendendo melhor a realidade do outro, há uma maior facilidade de entender suas necessidades e como auxiliá-lo. Isso pode ser corroborado no relato abaixo no que concerne ao enfrentamento que os imigrantes sofrem ao deparar-se com a nova cultura. O conhecimento das regras faz parte da adaptação dos que chegam.

Nós fizemos uma preparação. Não era todo dia, mas a gente chamava, tinha um horário... Olha isso aqui é cultura brasileira. [...] Então nós explicamos, vocês têm direito a esse 13º salário, tem férias, tu tens 30% mais. De cada onze meses tu trabalha ganha um mês. [...] Nós nos conhecemos lá, encontramos essa turma (de migrantes) no Palácio do Governo. [...] Explicamos [...] isso aqui é nosso povo gaúcho muito viril, isso, porque a história antiga era assim, porque eles lutavam e ta, lutavam até contra os índios e foi explicando. E tinha lá uma prenda muito bonita. É as mulheres nossas aqui, é uma cultura italiana, alemã, espanhola, então as mulheres são muito bonitas, são conhecidas pela beleza e tal... E daí eles: “na nossa terra também. As nossas mulheres são muito bonitas, charmosas”. (ENTREVISTADO 9, 2015).

Nós mandamos um ônibus para construção civil (para Pelotas), mas antes disso nós sentamos com ele, vamos trazer o empresário de Pelotas aqui e mostrar pra ele o que ele tem que fazer. Não é por serem migrantes que tem que por eles no porão. Tem que ter uma comida boa, tem que alugar uma casa, dar condições dignas de moradia. (ENTREVISTADO 9, 2015).

O conhecimento da cultura do migrante ajuda a abrir portas para a hospitalidade, pois se tem uma visão clara do outro como ele é, em sua totalidade,

de suas diferenças e de suas necessidades. Quando a hospitalidade acontece, ela aproxima os diferentes e transforma comportamentos hostis em aceitação do outro e acolhimento. Porém, a hospitalidade precisa ocorrer das duas partes, ou seja, afeta quem recebe e quem está sendo recebido.

Quanto ao lado dos migrantes, mesmo que esta pesquisa não possua como objetivo verificar suas posições, percebeu-se em algumas falas que não há qualquer indício de problemas causados pelos mesmos. Todos os entrevistados afirmaram que não há problemas no relacionamento e acolhida entre migrantes e população, por parte dos migrantes. Isso pode ser conferido principalmente na fala dos representantes do meio privado quando questionados sobre problemas de relacionamento e comportamento:

Não vejo (problemas). A maioria veio pra cá, em torno de três mil que se estabeleceram em Caxias, estão empregados hoje. E as empresas, a maioria das que eu falo, estão satisfeitas com o comportamento das pessoas. (ENTREVISTADO 8, 2015).

Foi feito um questionário pra ser aplicado e uma das perguntas era se os migrantes, se referindo aos senegaleses, haitianos, ganeses enfim. Exatamente dizendo assim, questão de cor e tava aquela pergunta, se atrapalha em alguma coisa. Não era isso. Olhe, a gente até gosta de ajudar. [...] Não, não era eles os problemas. Não era isso. [...] Sabe qual era o problema maior? Era a violência, a falta de emprego, que gera violência, a droga, mas não foi a preocupação em nenhum momento os migrantes que aqui chegaram. (ENTREVISTADO 5, 2015).

Analisando o termo “a gente até gosta de ajudar” e os relatos sobre como a população (incluindo a de cidades vizinhas) participam de campanhas que ajudam migrantes, percebe-se que há certo sentimento de responsabilidade por parte da população. Para Lévinas, há uma responsabilidade com o outro que é infinita. O eu é encarregado desta responsabilidade e não pode recusá-la. É na responsabilidade com o outrem, que o eu, é. (KUIAVA, 2003). Ou seja, a “responsabilidade individual do eu, pois ninguém pode assumir no seu lugar essa condição.” (KUIAVA, 2003, p.214).

Para explicitar mais a sua ideia, Lévinas utiliza uma frase de Dostoievsky: “somos todos culpados de tudo e de todos perante todos, e eu mais do que os outros.” (DOSTOIEVSKY Apud LÉVINAS, 2000, p. 90). A responsabilidade do eu para com o outro é infinita. O eu é responsável não somente pelos seus atos, mas também por todos os que não foram cometidos por ele. Apesar da premissa ser um tanto utópica, Lévinas explica que ser humano significa também deixar de procurar

apenas atender as suas necessidades e olhar para as necessidades de outrem, estendendo-lhe a mão. O caráter humano não se desliga da responsabilidade com outrem. (KUIAVA, 2003). O grande desafio é deixar que a responsabilidade “ultrapasse os limites da sua liberdade de poder decidir ou não em favor de outrem. Isso significa que a responsabilidade é ilimitada.” (KUIAVA, 2003, p. 214).

Essa responsabilidade pode estar ligada também à religiosidade, uma vez que várias campanhas são realizadas pela Igreja. No entanto, curiosamente, como visto nas categorias anteriores, há relatos explicitando o quanto, mesmo dentro de organizações religiosas, há dificuldade no relacionamento com o outro. Isto pôde ser visto principalmente no momento em que foi questionado se as instituições religiosas e seus membros olham para a hospitalidade como um preceito básico da formação religiosa e se devido a isso, seria mais fácil para eles aceitarem o outro.

Colocar no plural fica complicado, mas eu acho que ao menos a gente tem, digamos no ponto de vista teológico, existe toda uma tradição que, pode ser que talvez tivesse um pouco esquecida, talvez agora com essa retomada com mais força. [...] Vai depender de quem tá na frente, mas existe dentro da própria doutrina social da Igreja. [...] Mas eu acho que tem uma diferença, eu acho que não dá pra generalizar que são todas as instituições religiosas que fazem isso. (ENTREVISTADO 1, 2016).

De senegalês só tem um católico. [...] Esse, ele ia pra missa com aquela vestimenta dele cheia de imagens. Deu a coincidência da missa seguinte sentar esse na minha frente. [...] Acho que já tava ali há uma hora quietinho rezando e sentou um casal no lado. Essa mulher olhava... E ela aproveitou uns minutos antes da comunhão, levantou e foi sentar em um outro lugar na frente pra mostrar que ela não tava contente. (ENTREVISTADO 9, 2015).

Percebe-se que, mesmo dentro de instituições que possuem na sua tradição a hospitalidade, há dificuldades em acolher. Isso deixa claro a dimensão da hospitalidade e como algumas diferenças entre as partes (quem acolhe e quem está sendo acolhido), pode dificultar este processo. “No começo até a Igreja discriminou eles, tanto é que eles foram tentar se abrigar num pavilhão e o padre não aceitou abrir.” (ENTREVISTADO 9, 2015).

O grande desafio, no caso para nós católicos, seria que em cada comunidade, as igrejas pudessem acolher. E aí acolher não necessariamente levar pra dentro de casa, mas enfim que pudesse ir visitar, que ajudasse, mas isso não ocorre praticamente. [...] Já há sinais de despertar, digamos assim, vários padres, gente que tá se interessando. (ENTREVISTADO 1, 2016).

A migração senegalesa no município de Caxias do Sul trouxe para a discussão as diferenças que existem entre as culturas e entre as religiões. É inegável pensar que não existam as diferenças. Um dos entrevistados chama a atenção da preparação que seria necessária para acolher o diferente. “Acolher alguém que não fala a nossa língua, que é de outra religião [...] mostra que não estamos preparados [...] a migração faz bem a nós que estamos aqui porque abrimos os olhos”. (ENTREVISTADO 2, 2016).

É importante destacar que o aprendizado da convivência de distintas culturas gera uma riqueza cultural. Registra-se que no choque de duas culturas, ambas apreendem se estão dispostas ao aprendizado. “A migração ajudará também a mudar certas coisas e a enriquecer. Nós seremos enriquecidos pela cultura deles e eles serão enriquecidos pela nossa cultura.” (ENTREVISTADO 2, 2016). As cidades que têm experiências migratórias contínuas refletem o grau de integração que essas populações trouxeram quando se inseriram nas novas sociedades. Pode-se notar isso na análise de um religioso da cidade:

Então são valores que nós temos e nem nos damos conta que temos esses valores, eles ainda em certas coisas são um pouco... Precisa avançar mais. E nós precisamos é... Entender também mais, assim a espiritualidade deles (o autor refere-se aos senegaleses). Maneira deles de se relacionar com Deus. Nós somos muito práticos, né? Eles são mais espiritualistas. Aquilo que eu falo, falta para nós um pouco de espiritualidade. Sim, não é que não rezamos, rezamos. Mas não temos [...]. Nós sabemos fazer, depois se Deus ajuda melhor, mas nós fazemos. É... Então é... Precisamos tudo para enriquecer a nossa cultura. A cultura do Rio Grande qual é? Não é a cultura do cearense, é uma cultura das migrações que se encontraram neste ambiente, pegaram certamente coisas que encontraram aqui, porque depois começa encontro com índios, encontro com aqueles que moravam aqui, africanos, portugueses que já estavam por aí. (ENTREVISTADO 2, 2016).

Esse relato traduz que a experiência migratória é enriquecedora se existe aceitação das diferenças. Se existe resistência, todos acabam se prejudicando com a desigualdade. Aceitar o outro implica na aceitação das diferenças. Porém, quando isso não acontece, há uma série de problemas que geram conflitos, preconceitos e, em alguns casos, o racismo.

4. 4 A PRESENÇA DO PRECONCEITO COMO SINAL DE HOSTILIDADE

Durante o estudo foi ressaltado que os ritos da hospitalidade podem resultar em atos de acolhimento, onde há a aceitação do outro que chega à cidade. No entanto, também podem surgir atos de hostilidade. Para muitos dos autores estudados durante a pesquisa, há uma relação muito próxima entre os dois extremos dessa relação entre quem chega e quem recebe, para Mauss (1974), por exemplo, o ato de dar, receber e retribuir pode ser considerado uma ação virtuosa para todos os envolvidos. No entanto, a quebra deste contrato implícito, pode resultar em hostilidade. Derrida e Levinás, por sua vez, relacionam a hostilidade com o sentimento de posse do outro, onde o sujeito (hóspede) assume o papel de refém.

O hóspede é um refém enquanto é um sujeito colocado em questão, obcecado (portanto sitiado), perseguido, no próprio lugar em que ele tem lugar, lá onde, emigrado, exilado, estrangeiro, hóspede sempre, ele se encontra domiciliado antes de eleger domicílio. (DERRIDA, 2013, p. 73).

Esse quadro de hostilidade citado acima, tem origem na inserção do outro na cidade. A sua presença transforma a cidade de Caxias do Sul em um lugar de acolhimento, no entanto, também gera alguns conflitos, medos, inquietações e ações hostis por parte da população. A hostilidade também não deixa de ser resultado de uma disputa de poder, onde o mestre do hóspede possui o controle e posse do outro presente na cidade.

Para Farias (2014), o discurso de hospitalidade aborda questões que dizem respeito ao estrangeiro, ao imigrante e principalmente a desdobramentos xenofóbicos. As questões citadas identificam quem são os estabelecidos e quem são os estrangeiros. Nas migrações, aquele que chega sempre é o de fora, que precisa do estabelecido para se inserir. Essa abordagem, defendida por Norbert Elias (2000), mostra a grau de estigmatização que sofre aquele que não é do local.

O sentimento das dificuldades de aceitação da diferença aparece frequente nos relatos dos entrevistados. Não aparece como uma condição comum, mas como dificuldade de ver o outro como um igual. Para alguns entrevistados, acolher é “uma virtude humana, que exige bastante coragem e que significa não ter preconceitos, não é espontânea” (ENTREVISTADO 2, 2016). Entretanto, pressupõe que haja aceitação.

Parte dos entrevistados justificam as dificuldades de aceitar o outro através da ideia que este outro é o desconhecido. O medo do desconhecido é explicitado como aquele que põe risco, que traz situações que não são controladas, que ameaçam a possível ordem e que afetam o grupo. Fica evidente no relato essa observação:

A primeira reação é o medo, a primeira reação é que eles tiram o nosso trabalho, a primeira reação é aqui vai ter o terrorismo. [...] Eu acho que tem um certo medo do estrangeiro. Sobretudo agora, começa esse negócio de problema de doenças que vão sendo importadas. Agora o zika parece que foi importado. (ENTREVISTADO 2, 2016).

O estrangeiro é visto como alguém que não se tem controle. Segundo Elias e Scotson (2000), o estrangeiro é o oposto do estabelecido e sempre acaba gerando conflitos com os que já residem no local por mais tempo. Com isso, os autores fazem um parâmetro entre os grupos sociologicamente velhos e novos. Para eles, os dois grupos possuem diferenças “normais” de qualquer outra sociedade, no entanto, são as diferenças que causam medo, receio e geram problemas sociais.

Em várias partes do mundo há encontros entre imigrantes, recém-chegados e demais viajantes com os residentes de uma cidade. Desses encontros podem surgir vários problemas sociais, principalmente se focarmos nos aspectos migratórios da mobilidade social. Muitas vezes essas questões migratórias são analisadas pela sua característica geográfica, cujo foco da análise está na questão do deslocamento de um lugar ao outro. No entanto, para Elias e Scotson (2000), o deslocamento acontece de um grupo social para outro. Os migrantes precisam constituir novos relacionamentos com os grupos que residem há mais tempo e a partir deste ponto começa um processo para que este migrante se estabeleça na localidade. Ele precisa se “acostumar com o papel de recém-chegado que tenta fazer parte de grupos com tradições já estabelecidas ou que são forçados a uma interdependência com eles, tendo que lidar com os problemas específicos desse novo papel.” (ELIAS; SCOTSON, 2000, p.138).

Dentre as falas coletas, foi possível ver uma série de receios e preconceitos por parte da população em relação aos imigrantes. Algumas delas ligadas à questão racial: “Como uns dizem: a onda negra que chegou em Caxias. Esses dias uma mulher disse assim: Ah, a nuvem preta.” (ENTREVISTADO 5, 2015). A fala é

uma demonstração do reconhecimento da desigualdade. O que a população expressa, mostra que há uma identificação da diferença. A “onda negra” são os migrantes que vieram de fora e que os outros, que também vieram de fora no passado e hoje são estabelecidos, não reconhecem. A fala aponta também a questão racial muito debatida e estudada neste fluxo migratório. Caxias do Sul foi formada anteriormente por migrantes de origem europeia, que ajudaram a construir a cultura voltada para os costumes e tradições italianas. Porém, nos últimos anos tem recebido muitos africanos e o fato de serem migrantes de religiões, costumes e etnia diferentes das cultuadas na cidade, pode causar desde estranhamento à manifestações de racismo e preconceitos. Neste caso, a inquietação gira em torno da dúvida se o fluxo migratório fosse de outros países, os que deram origem à cultura da cidade, haveria o receio e preconceito em relação a eles?

Para Elias e Scotson (2000), o problema não é tão simples e vai além da diferença étnica. Apesar de existir casos que a motivação é o racismo, quanto se trata do conflito entre os estabelecidos e *outsiders*, independente do quão parecidos possam ser, sempre haverá um ponto de estranhamento para os estabelecidos em relação aos que vem de fora. Os *outsiders*, na maior parte do tempo, são considerados intrusos.

Quando os migrantes têm a cor da pele e outras características físicas hereditárias diferentes das dos moradores mais antigos, os problemas criados por suas formações habitacionais e por seu relacionamento com os habitantes dos bairros mais antigos costumam ser discutidos sob o rótulo de “problemas raciais”. Quando os recém-chegados são da mesma raça, mas tem língua e tradições diferentes, os problemas com eles e os antigos moradores se confrontam são classificados como problemas das “minorias étnicas”. Quando eles não são de “raça” nem “grupo étnico” diferentes, mas apenas de outra “classe social”, os problemas da mobilidade social são discutidos como “problemas de classe”, e, não raro, como problemas de “mobilidade social”, num sentido mais estrito da expressão. (ELIAS; SCOTSON, 2000, p.138).

Outra fala que expressa os problemas entre os estabelecidos e *outsiders* está ligada à diferença cultural e religiosa entre os migrantes senegaleses (mulçumanos em sua maioria) e os caxienses.

Mas tu sabe que até tinha um cartaz na frente de onde tem a “Associação dos Senegaleses”, que tava escrito... um nome assim (no idioma dos migrantes). Aí o pessoal (de Caxias) foi ver e era uma pessoa lá que trabalhava com coisas de guerra. Nada a ver o que acharam daquilo e era um terror tão grande da população. Uma coisa impressionante! [...] E aí a gente foi ver através da bíblia deles e não era nada. Era um líder religioso.

E o pessoal: não porque tá chegando, são tudo terrorista, imagina se isso começa a espalhar? [...] Olha o medo dos caxienses: eles estão vindo pra cá, eles vão assaltar, eles são terroristas. (ENTREVISTADO 4, 2015).

Como citado anteriormente, o medo do diferente pode vir a causar preconceitos e conflitos entre acolhidos e quem está acolhendo. Neste último caso, Elias e Scotson (2000), explicam que a população local pode agredir os que vêm de fora, trazendo à tona o “estigma da inferioridade social” (ELIAS; SCOTSON, 2000, p.139). O preconceito sobre o líder religioso ser terrorista pode se encaixar dentro desta premissa explanada pelos autores. Os membros mais conservadores da cidade utilizam suas crenças e padrões preconcebidos para motivar “os estereótipos verbais e degradantes” (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 139) e isso gera os “mexericos humilhantes, as crenças estigmatizantes sobre o grupo inteiro, com base em observações sobre o seu pior setor, os estereótipos verbais e degradantes e, tanto quanto possível, a exclusão de qualquer oportunidade de acesso ao poder.” (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 139). Nesta última afirmação, podemos fazer um paralelo com algumas situações relatadas pelos entrevistados a respeito dos conflitos da população caxiense e os migrantes envolvendo posições de poder. O caso foi relatado por vários entrevistados, ressaltando o impacto que o ocorrido teve na cidade.

Eu atendi um rapaz que era haitiano [...] ele trabalhava na Marcopolo e ele começou a ser perseguido lá porque ele foi subindo rapidinho (de posição dentro da empresa) e ele era engenheiro. De repente o pessoal começou a perseguir e ele entrou em surto. E ele até foi embora de Caxias. (ENTREVISTADO 4, 2015).

Nesta outra entrevista, pode-se conferir o mesmo caso com mais detalhes do ocorrido. “Teve um caso que não me esqueço. Era um haitiano que sempre que saía do trabalho tinha um grupo de pessoas que ficava perseguindo e xingando ele, dizendo que ele tinha que ir embora daqui, o que ele tava fazendo aqui?” (ENTREVISTADO 6, 2015).

Além deste caso, foram citados outros episódios envolvendo perseguição dos migrantes chegando à agressão física. O ponto em comum nas agressões parece ser a não compreensão dos motivos que trouxeram os migrantes para a cidade, isso demonstra disputa de território e poder.

Teve um caso de um senegalês que estava no ônibus e pegaram e bateram nele e começaram a chamar ele de um monte de nomes racistas. E dizendo também: o que ele estava fazendo aqui? Que ele tinha que ir embora. (ENTREVISTADO 6, 2015).

Alguns relatos ainda destacaram que esses episódios ocorrem mais frequentemente com os migrantes haitianos e senegaleses, já que estes ficaram na cidade na sua grande maioria, diferente dos ganeses, que permaneceram em Caxias por um período curto. Esse discurso está ligado ao tempo que o migrante passa no local. Para Sayad (1998), a principal característica do migrante é sua condição provisória (de direito), no entanto, cada vez mais os migrantes passam a se instalar de uma forma mais duradoura. Essa situação muitas vezes acaba sendo camuflada, como se a imigração para se perpetuar precisasse ser ignorada. “Ser ignorada enquanto provisória e, ao mesmo tempo, não se confessar enquanto transplante definitivo.” (SAYAD, 1998, p. 46).

Esta situação contraditória é imposta a todos os envolvidos; migrantes e sociedade que os recebe e parece ser fruto da própria condição do migrante. Isso acaba estabelecendo uma espécie de ilusão coletiva para o estado do migrante que não é provisório, mas também não é permanente. (SAYAD, 1998). Ou seja, de um estado que “só é admitido ora como provisório (de direito), com a condição de que esse provisório possa durar indefinidamente, ora como definitivo (de fato), com a condição de que esse definitivo jamais seja enunciado como tal.” (SAYAD, 1998, p.46). Os principais interessados para essa ilusão são os próprios migrantes:

Se todos os atores envolvidos pela imigração acabam concordando com essa ilusão, é sem dúvida porque ela permite que cada um componha com as contradições próprias à posição que ocupa, e isso sem ter o sentimento de estar infringindo as categorias habituais pelas quais os outros pensam e se constituem. São em primeiro lugar, os primeiros interessados, os próprios imigrantes que, tendo entrado como que sub-reptícia e *provisoriamente* (como eles pensavam) numa sociedade que sentem hostil, precisam convencer a si mesmos às vezes contra as evidências de que sua condição é efetivamente provisória. (SAYAD, 1998, p. 46).

Há relatos ainda que a hostilidade não atinge apenas os migrantes, mas quem os apoia e tenta ajudá-los. “Esse gesto (de acolher os migrantes) trouxe muita repercussão, inclusive críticas, telefones, desaforos que nós escutamos.” (ENTREVISTADO 3, 2015). Em seguida foi perguntado se houve ameaça como em outros relatos e a resposta do entrevistado foi positiva. Ressalta-se que todos os

entrevistados, sem exceção, comentaram algum caso de xenofobia, racismo ou hostilidade, afirmando que há conflitos entre a população local e os migrantes. “Sim, tem casos de racismo e xenofobia bem sérios.” (ENTREVISTADO 6, 2015).

As questões envolvendo raça, etnia e nação são utilizadas para ordenar hierarquicamente pessoas e grupos que não são socialmente qualificados, cujas características culturais e biológicas são usadas para apontar ou marcar pertencimentos étnicos conflitantes com o Estado-nação e indicações da situação da minoria. No pensamento nacionalista, o Estado-nação é idealizado para identificar como cidadãos somente aqueles que ali residem. As minorias, sejam elas provindas de migrações, colonialismo, etc, e independente dos elementos que as identifiquem (cultura, raça, religião, etc), desequilibram a ordem natural idealizada para o Estado. (SEYFERTH, 2002).

Esta problemática está presente e é parte do que forma as relações entre os estabelecidos e um tipo particular de *outsiders*, ou seja, população caxiense e os migrantes. O fato dos grupos se diferirem na aparência física ou possuírem sotaques diferentes do idioma que ambos utilizam, é um indicativo que reforça e que torna as pessoas do grupo em questão estigmatizadas e mais fáceis de serem reconhecidas na sua condição. (ELIAS; SCOTSON, 2000). No entanto, os autores alertam que nem sempre a denominação “preconceito racial” é adequada, uma vez que o ódio ou aversão que os estabelecidos sentem pelo grupo de fora e até mesmo o medo de um contato com algum membro do outro grupo possa contaminá-lo, não são diferentes dos casos em que os dois grupos possuem aparências semelhantes, a ponto de obrigar os párias menos dotados a usarem alguma insígnia que deixe clara sua identidade. (ELIAS; SCOTSON, 2000).

O que mais chama atenção no caso de Caxias do Sul é que claramente há uma identificação com os migrantes devido ao histórico de migrações na cidade, porém, também há dificuldade de ver os migrantes deste ciclo como os italianos que formaram a cidade. Todos os entrevistados mencionaram a migração italiana, porém nem todos conseguiram colocar os migrantes italianos e africanos no mesmo nível de importância para Caxias do Sul.

Essa questão envolvendo preconceito e a relação com o histórico da migração na cidade, pode ser vista no relato abaixo:

Eu acho que Caxias dá de forma mais visível porque tem uma construção em cima da identidade cultural do município. Tem uma construção feita em cima disso. Ah, o que é Caxias? É uma cidade construída por italiano, uma cultura italiana, o berço da cultura italiana no Brasil. Tem uma construção em cima disso. Tu vai pra outros municípios, existem outras construções, mas talvez não contrastem tão diretamente, seja um pouco mais velada a coisa, mas aqui, eu acho que é um pouco mais escancarado. Talvez chame um pouco mais atenção. E aí, talvez... Eu acho que de modo geral pela questão dos migrantes assim, que é uma dificuldade do Brasil porque agora o brasileiro se descobre bairrista, nós somos bairristas, né? E a gente sabe que a população caxiense já não é majoritariamente descendente de italianos. Há um medo assim de perder uma identidade. Ela é bonita, tem seus valores, tem sua história tem seus méritos e as pessoas têm medo disso, tem muito medo de perder, já pensou? Se Caxias deixa de ser a terra do gringo pra ser a terra do haitiano? (ENTREVISTADO 1, 2016).

Essa relação é permeada por disputas de poder. Não é acidental que o grupo estabelecido descubra semelhanças com os que vêm de fora, sendo estes aspectos vinculados ou não às diferenças raciais ou étnicas. O que ocorre é que estes aspectos não são derivados unicamente das diferenças raciais ou étnicas, mas sim do conflito entre um grupo (o estabelecido), que possui recursos superiores de poder, ao passo que o outro, os *outsiders*, é inferior em termos de poder e contra o qual o grupo que é estabelecido pode cerrar fileiras. (ELIAS; SCOTSON, 2000).

“Também tem muito a questão do preconceito também dentro das equipes de saúde. [...] A gente ouve no espaço de convivência da equipe: ah eles querem atestado, eles querem atestado. Dor de barriga, dor nas costas.” (ENTREVISTADO 10, 2016). Esse relato reflete alguns boatos espalhados pela cidade sobre os migrantes não terem “vontade de trabalhar”. No entanto, a própria entrevistada desmente na fala posterior: “vai na farmácia. Todos estão trabalhando. Nenhum tá desempregado. Eu lembro que, de todos que eu atendi, só um até agora estava em situação de rua.” (ENTREVISTADO 10, 2016).

A estigmatização é outra característica da relação entre *outsiders* e estabelecidos. Esse tipo de fantasia coletiva é geralmente criada pelo grupo estabelecido, isso reflete e ao mesmo tempo tenta justificar a aversão e o preconceito sentido pelo grupo estabelecido perante o *outsider*. (ELIAS; SCOTSON, 2000). Esta questão pode ser vista dentro da cidade de Caxias em vários momentos, inclusive no boato espalhado de que os senegaleses consumiam carne canina, o que foi desmentido posteriormente, porém, causou um grande desconforto dentro dos grupos. Um dos entrevistados aponta esta questão:

O jogo do sistema também é fazer um ficar contra o outro. Então ele às vezes também coloca as pessoas que estão numa situação de vulnerabilidade contra as pessoas que estão numa situação de menor vulnerabilidade como se fosse culpa uma das outras aquela situação e não do sistema que a gente vive. (ENTREVISTADO 6, 2015).

Outra inquietação relatada envolvendo a migração na cidade foi a concorrência por trabalho entre população e imigrantes. Constatou-se que esta é uma das causas principais da hostilidade. “Sempre tem aqueles que dizem: ah, aqui não tem serviço. Essa gente vai tirar nosso serviço.” (ENTREVISTADO 4, 2015). “A primeira reação é eles tiram o nosso trabalho.” (ENTREVISTADO 2, 2016). Para o sociólogo Sayad (1998), o migrante está ligado ao trabalho, sendo a atividade que faz o migrante ser o que é. A busca pelo trabalho é apontada como um dos motivos pelos quais os migrantes estão chegando à Caxias do Sul. Alguns relatos mostram que há casos em que terceiros tentam tirar proveito desta característica.

Nós tivemos uma situação num dia, em que várias empresas vieram pra fazer seleção. Isso é um fato que aconteceu. Veio um pessoal, não me recordo, de uma cidade ali pra baixo, pra Porto Alegre e que um grupinho foi pra junto deles pra ouvir, escutar a proposta. E saíram de lá bravos. Só que como a gente não acompanhava todos os grupos a gente não sabia. E o cara da empresa falava inglês, né? Então a gente não sabia o que tava acontecendo. O que nós fomos nos dar conta? Era praticamente um trabalho escravo. Eles começaram a se dar conta. E aí começou um certo mal estar no grupo. E aí a gente foi e depois até conversamos com o pessoal e o pessoal foi embora. Mas pra ver como é a ideia, né? Ah eles tão vindo, eles precisam de trabalho? Então nós vamos oferecer o que tem. Nós precisamos de mão de obra, né? Eles estão precisando mesmo, um salário... Um salário mínimo, trabalha de segunda a sábado e assim vai. (ENTREVISTADO 3, 2016).

Ah, a gente já se deparou com tudo, né? De tudo... Olha tem vários problemas. De imigrantes que têm dificuldade de alugar um lugar para morar, tem que ter fiador, toda a parte burocrática que acaba sendo inviável pra pessoa. Ou pessoas que acabam cobrando muito caro por um imóvel completamente insalubre. A gente já viu, a gente foi visitar um tempo atrás uma outra cidade, esses ganeses que foram pra outra cidade, a gente viu depósitos, nem era lugar pras pessoas ficarem, botavam várias pessoas num lugar que não comportavam. Então a gente já viu vários problemas, vários. (ENTREVISTADO 7, 2016).

Por outro lado, há sinais de que o preconceito e hostilidade não são parte de toda a população caxiense, mas dos grupos que não possuem certos entendimentos do momento pelo qual a cidade está passando. “É falta de cultura e de

conhecimento. É querer ser superior e mostrar um nível que não existe.” (ENTREVISTADO 9, 2015).

Claro tem os dois lados, a gente sabe que aqui Caxias sempre foi uma cidade predominantemente branca né? Assim como na região sul, mas tem várias pessoas assim, grupos que têm se esforçado pra poder acolher e ajudar esses migrantes. Acho que agora tá um pouco melhor pelo menos, porque até pouco tempo atrás, há dois anos, um ano, as pessoas não tinham vergonha nenhuma de dizer que queriam que os africanos fossem embora, que eles iam dar trabalho. Mas essa população é menos de 1% da população caxiense. Então, na verdade, a acolhida às vezes ainda é bem difícil, é bem complicada. (ENTREVISTADO 6, 2015).

Derrida fala que para todo ato de hospitalidade, há um de hostilidade. (DERRIDA, 2003). Já para Camargo (2005, p.12), “a hostilidade é a outra face da hospitalidade” e é em terra estranha que a fragilidade do sujeito se mostra com mais veemência. (CAMARGO, 2005). Derrida (2003), coloca a ambivalência da hospitalidade e hostilidade junto ao contexto da possibilidade e impossibilidade pelo olhar da desconstrução. Para ambos os autores, a hospitalidade parece ter motivos maiores do que os que justificam a hostilidade entre os grupos. (DERRIDA, 2003). Esta ideia está embasada no pensamento derridiano cujo foco também se encontra na ética. Na categoria a seguir esta e demais ideias serão analisadas.

4. 5 A ÉTICA E A HOSPITALIDADE

Para analisarmos melhor a relação de hospitalidade em Caxias do Sul descrita pelo grupo entrevistado, se faz necessário trazer à luz os pensamentos a respeito da ética. Durante a coleta dos relatos para a pesquisa, alguns dos entrevistados citaram que os problemas na hospitalidade da cidade estão ligados à ética das pessoas, inclusive ditando valores e regras necessárias para que haja hospitalidade em Caxias do Sul.

Quando perguntado o que é necessário para uma cidade ser hospitaleira, algumas respostas estavam mais ligadas a gestos que deveriam partir da população, do que itens que a cidade deveria possuir para melhor acolher.

Bom, eu acho que em primeiro lugar, tem que ser uma sociedade que o conceito de pessoa seja diferente do que nós usamos hoje, que é um conceito muito materialista. [...] Eu não acolho o outro porque ele vai me trazer benefício, eu acolho o outro porque ele é o outro. Porque ele é uma

peessoa, ele tem dignidade. Então eu acredito que a primeira coisa que nós temos que trabalhar na sociedade é isso. É essa compreensão que o outro também tem suas dignidades, desde o prefeito, até quem mora lá no bairro João. (ENTREVISTADO 3, 2016).

A fala do entrevistado “não acolho o outro porque ele vai me trazer benefício”, remete à hospitalidade incondicional estudada pelo filósofo Derrida (2003), cujo princípio está ligado ao fato de que para a hospitalidade ser incondicional, esta não pode pagar uma dívida e muito menos ser exigido um dever em troca. O final da fala, por sua vez, expressa que a acolhida deve acontecer para todos, independente da classe social e de sua identidade. Esse relato também pode ser ligado à ética explanada por Lévinas (1988), cuja problemática da hospitalidade é permeada pela responsabilidade com o outro. Este Outro é o absolutamente Outro, ou seja, Outrem, aquele não tem nenhuma ligação com o Eu. Para o autor, a responsabilidade por Outrem é a responsabilidade “por aquilo que não fui eu que fiz, ou não me diz respeito; ou que precisamente me diz respeito.” (LÉVINAS, 2000, p.87), é por essa premissa que o autor aborda o conceito do rosto. O rosto pode ser visto como tudo o que escapa à descrição, o que não é possível controlar ou descrever, algo que não está ao alcance e que não possa ser decifrado. Neste caso, o rosto pode ser relacionado ao migrante estrangeiro que chega à cidade e que, pela fala do entrevistado, deve ser acolhido sem restrições.

A ética ainda foi citada nos relatos sobre o momento que um grupo de migrantes chegou à cidade. “A sociedade como um todo é uma sociedade acolhedora. Nós tivemos muitas pessoas presentes com doações, ligando.” (ENTREVISTADO 3, 2016). Em seguida o entrevistado completa confirmando que esta acolhida foi um ato de acolhimento permeado pela ética, cuja população se sentiu responsável em ajudar os migrantes que haviam chegado à Caxias do Sul em meio ao inverno. Ainda dentro da responsabilidade, é possível verificar na continuação da fala do entrevistado, a capacidade de se colocar no lugar do outro, ou seja, a questão da alteridade, que para Lévinas, tem relação direta com a ética.

Depois também eu acho que a questão da compaixão. Colocar-se no lugar do outro. Eu não vou abrir a porta da minha casa se eu não procurar difundir o que o outro está sentindo. Se eu não procurar me colocar no lugar, no sofrimento (do outro). (ENTREVISTADO 3, 2016).

A alteridade pelo olhar de Lévinas (1988), está embasada na ideia de que a presença intransigente do Outro acaba perturbando a autonomia do Eu, trazendo-o para a responsabilidade ética. Como já explicado em uma das categorias anteriores, a responsabilidade pelo outro é ilimitada e está ligada ao fato de pensar nas necessidades de Outrem, assim como citado na fala do entrevistado.

Esse fator da responsabilidade aparece em diversos relatos quanto ao compromisso da população em acolher os migrantes. “Eu acho que a gente tem responsabilidade de acolher qualquer pessoa. Se a gente quer viver numa sociedade civilizada.” (ENTREVISTADO 6, 2015). Para este outro entrevistado, a responsabilidade não deve partir somente de cada sujeito da população, mas da cidade como um todo. Este fator é inclusive mencionado como um meio de forçar o poder público a tomar melhores medidas para a situação migratória atual da cidade.

Eu acho que sim, eu acho que a cidade como todo, ela convivendo com os imigrantes e ela fazendo o debate mesmo que de forma espontânea, acho que a gente vai mudando esses preconceitos. Então mesmo que uma pessoa vá lá e diga olha conheci um senegalês, cara legal, não sei o que, a gente começa a mudar. Eu acho que essa mudança ocorre de forma coletiva. Né? Daí se a gente faz a mudança de forma coletiva o poder público não tem como negar. Então eu acredito bastante nessa transformação grande aí pela população de começar pela opinião pública. (ENTREVISTADO 7, 2016).

Ainda quanto à responsabilidade, foi questionado aos entrevistados se eles consideravam o seu trabalho um ato de hospitalidade. As respostas foram variadas, mas a maioria respondeu positivamente à questão. “Acredito que sim. Que a gente tentou fazer [...] algo bem hospitaleiro. Eu acredito que sim. A nossa contribuição a gente fez, mas pode fazer mais.” (ENTREVISTADO 7, 2016).

Sim. [...] Eu sempre digo pra eles, esse atendimento é um direito que eles têm... De ter esse atendimento de assistência social. E na verdade, o essencial é a acolhida. O acolhimento é uma das primeiras coisas, então acolher a pessoa, pra ela poder se sentir a vontade... Poder realizar o atendimento da melhor forma. Então, sim. É um ato de acolhida e é um ato de garantia de direitos. Assistência social é um direito de quem dela precisar. Então se tu chega aqui, se a gente vai ajudar com alimento, ajudar com alguma coisa, ninguém tem que dizer obrigado. No sentido de que não é um favor que a gente tá fazendo. A gente tá dando um trabalho profissional que é um direito dessa pessoa conforme diz a Constituição Federal. (ENTREVISTADO 6, 2015).

Percebe-se que em todos os discursos a questão ética através da responsabilidade com o outro é o que permeia a discussão, inclusive quando a fala está ligada à identificação da história da cidade com o fluxo migratório atual.

Eu acho que a gente tem responsabilidade de acolher qualquer pessoa. Se a gente quer viver numa sociedade civilizada... E nunca esquecer de suas raízes, todos somos migrantes, todos viemos de algum lugar. Aqui no Brasil era terra de indígenas. E mesmo se tu migra de uma cidade pra outra, tu é um migrante. E de onde? Tua família veio de algum lugar e quanto que foi sofrido tudo o que foi passado por causa dessas questões migratórias e as pessoas têm sempre que lembrar disso. E as pessoas têm também que lembrar disso, que elas vieram de algum lugar e daqui um dia podia ter sido elas nesta situação. E afinal as pessoas que estão aqui estão contribuindo tanto, pagando os mesmos impostos, as mesmas coisas. (ENTREVISTADO 6, 2015).

Este ponto, de relembrar a história, mas não conseguir se enxergar no outro, para alguns entrevistados está diretamente ligado à cultura da cidade. A fala a seguir também faz alusão ao explicado anteriormente sobre a relação dos estabelecidos e *outsiders*, cujos residentes podem considerar quem chega um intruso e a partir disso começar uma disputa de espaço com o grupo *outsider*.

Depois também eu acho que a questão da compaixão. Colocar-se no lugar do outro. Eu não vou abrir a porta da minha casa se eu não procurar difundir o que o outro está sentindo. Se eu não procurar me colocar no lugar, no sofrimento. E eu acho que alguns, não sei se, algum gesto concreto assim que a gente poderia usar pra se tornar uma sociedade hospitaleira, mais hospitaleira, eu acho que é desfazer um pouco essa questão de que nós temos esta marca de que, de que isso é nosso, de que... Essa questão que é muito do italiano... Aqui eu mando... Ninguém tem que vim se meter naquilo. O outro não é intruso. (ENTREVISTADO 3, 2016).

A problemática acima, para alguns entrevistados, também está ligada à história da cidade, em como ela foi formada e quais discursos fizeram parte desta construção, isto tudo sempre permeado pela ética.

Eu acho que também existe um pouco da história, porque a história do Brasil geralmente é contada pelo lado dos... (vencedores) e às vezes esse lado mais do negro fica um pouco esquecido principalmente na escola. Hoje eu acho que não, hoje nós temos já um outro ambiente, mas também acho que entra um pouco da ética. Que é aquilo que eu disse, tem muito esse reflexo, que o continente, por exemplo, quando nós nos referimos ao Continente Africano, ele é um continente inferior. Isso no consciente da população não só americana, como europeia... O continente Africano é o último, considerado o último. Então existe um pouco isso eu acho, dentro da própria sociedade brasileira. Eu acho que pra desfazer isso é exatamente mostrar o outro lado né? É... é aquilo que está se fazendo, por exemplo, nesse livro, né? Que as pessoas tenham acesso e possam conhecer a

história. Porque só conhecendo a história que a gente começa a reconhecer o valor. A história é que dá o pressuposto pra se conhecer o valor das coisas. Nós só vamos poder medir a grandeza desse momento que nós estamos vivendo da migração daqui uns anos. Hoje não. Nós só vamos dizer se foi bom ou se foi ruim daqui trinta, quarenta anos. Avaliar as mudanças. Nós não podemos dizer hoje, mas o que nós podemos pressupor e sim, é que uma situação dessa só vem enriquecer, vem trazer elementos pra uma reflexão, até pra tornar uma sociedade um pouco mais politizada, dentro desse conceito de sociedade. (ENTREVISTADO 3, 2016).

Para este outro entrevistado, a mesma questão ética citada acima aparece ligada à religião na cidade de Caxias do Sul e é um fator que dificulta acolher o outro, pois são de religiões e culturas distintas.

Tem uma coisa dentro da cultura de Caxias que, é... Ser caxiense, descendente de italiano, é tu ser além de tudo, católico. Não precisa nem ser católico assim... Ah! Eu fui batizado. Talvez essa geração mais nova não se identifique muito com esse modelo, mas tem uma família, aquilo que dizia aquele lá que fala do ocidentalismo, ele diz que o cristianismo se tornou mais que uma religião. A nossa ética evoluiu, ta incluída dentro dos valores cristãos. E quando chega na hora de olhar com uma outra perspectiva onde tem uma ética que, talvez seja permeada com valores que não são cristãos, a gente tem dificuldade de dialogar. (ENTREVISTADO 1, 2016).

O problema ético em alguns discursos pode ser compreendido melhor na fala abaixo. O entrevistado explica que a dificuldade que envolve a aceitação do outro, a ética e a cidade, está relacionada em como alguns preceitos são difundidos e mostram apenas a visão de um dos lados da história.

[...] O que é essa ética? Porque eu tenho visto vários, a gente vê apresentações [...] na roda de conversa, eu vi algumas colocações [...]fui no debate também da hospitalidade e da ética, mas se tu parar pra pensar é toda uma ética construída do ponto de vista ocidental. Com nossos valores ocidentais, os valores cristãos diga-se entre aspas. Desde os filósofos [...] o debate sempre se dá do ponto de vista da visão ocidental. E quando tu vai em outros países, quando tu vai lá no Senegal, o contraste é forte porque tu tem uma sociedade... E aí tem a [...] assistente social aqui, ficava furiosa de ver algumas coisas. Eu dizia [...] como é que tu vai questionar sociedades que são milenares que têm outra tradição e que não bebem da mesma fonte que nós? Como é que tu... Isso é imperialismo, eu dizia pra ela. Isso é imperialismo porque tu ta impondo. Porque tu diz assim, tá tudo bem, nós não somos os bons, mas quando chega na hora no embate, isso desde lá dos embates que acontecem na ONU, todos os embates, enfim, no campo da filosofia, o que diz? O que vale é o que ta dito pelo ocidente. O que vale é a nossa tradição. Porque nós temos os valores e os outros a gente não conhece não sabe e aquilo não existe. A gente ainda tem uma cultura de levar... De civilizar os outros. E isso ta em nós, a gente quer civilizar, a nossa análise é totalmente poluída, é como tu tentar sair fora do aquário pra analisar, a gente não consegue sair. A nossa linguagem, os teóricos são todos ocidentais, a gente não bebe de outra fonte. E aí fica

difícil, como é que tu vai dialogar hospitalidade e acolhida com pessoas que vem de outra tradição. (ENTREVISTADO 1, 2016).

Emmanuel Lévinas afirma este mesmo problema. Em suas obras, o autor criticou muitas vezes a filosofia ocidental desde a filosofia grega, que pregava a dominação e a ideia do Ser. Para Lévinas, assim como na fala do entrevistado, os regimes imperialistas prejudicam o desenvolvimento da alteridade. A relação do *Eu* se dá não somente entre o *Eu* e o *Outro*, mas entre vários seres humanos. O foco deveria ser uma ética da alteridade que tem como base o ato de se abrir para o outro, principalmente ao que este outro me expõe de diferente. Esta ética vai contra a ideia Ser-totalidade e abre espaço para o pensamento de que o Ser tem seu sentido nas relações com o outro, é responsável por este outro e não o diminui ao mesmo. (KUIAVA, 2003).

O discurso do entrevistado também reflete as ideias de Leonardo Boff. Para o autor (2013), a ética e o relacionamento com outro, precisam ser entre vários sujeitos. A ética nasce no momento que o outro se coloca em frente a nós. Este outro pode ser desde a própria pessoa que se volta para si mesmo e analisa seus atos, sentimentos e suas consequências, até uma comunidade, uma classe social, etc. Diante deste outro não se pode ficar indiferente, há a necessidade de se tomar uma posição. A ética aparece no momento em que se forma uma relação com diferentes tipos de outro. Este outro simboliza uma proposta que requer uma resposta e é deste confronto que surge a responsabilidade. No momento que o sujeito assume esta responsabilidade, ele se torna um ser ético. (BOFF, 2013).

Por outro lado, lembra-se que a hospitalidade é a cultura e não apenas uma ética, e diz respeito à morada, à casa, à família e ao modo de estar nela, assim como a relação consigo mesmo e com os outros (estes podendo ser conhecidos ou estranhos). A ética é a hospitalidade e tudo o que abrange a sua experiência, independente do modelo pensado. (DERRIDA, 2003). Com isso, se faz necessário analisar as dificuldades e demais fatores que interferem na acolhida na cidade.

4. 6 AS DIFICULDADES DA CIDADE NO ACOLHIMENTO

Tratar as migrações e hospitalidade sem falar nas cidades que recebem aqueles que se deslocam, é evitar enfrentar o ponto crucial do acolhimento.

Constata-se nos discursos dos entrevistados que as posições que os mesmos representam, isentam a cidade e seus serviços de suas responsabilidades. Essa isenção leva ao questionamento da ação dos órgãos públicos e privados no acolhimento ao migrante.

O uso do conceito de cidade de Canclini (1997), como lugar onde ocorre maior segmentação de papéis e multiplicidade de pertences, identifica-se nas narrativas dos entrevistados cuja visão de hospitalidade é bastante contraditória. Fica evidente a dificuldade que os representantes públicos têm de entender a dinâmica migratória e as consequências da mesma no sentido do acolhimento.

A compreensão da dinâmica migratória implica no conhecimento das responsabilidades, uma vez que quando os migrantes chegam à cidade nem sempre recebem informações precisas do funcionamento da mesma e dos órgãos que atendem a esse tipo de problemática social. As cidades médias possuem como características a oferta de serviços, por possuírem a capacidade de receber migrantes por suas oportunidades de trabalho e, deste modo, enfrentam situações distintas das áreas metropolitanas e das pequenas cidades. (ANDRADE; SERRA, 2001). Logo, por terem tais características, têm como obrigatoriedade atender aqueles que chegam ao local.

O fato da cidade de Caxias do Sul já ter um número considerado de imigrantes implica que a mesma não pode negá-los. Fazer de conta que o problema não existe é mais grave que colaborar a partir dos limites do possível. “Eles estão aí. Se tu não acolhes vai dar um problema social. Se tu acolhes não podes acolher de qualquer jeito.”(ENTREVISTADO 2, 2016). Essa citação, já analisada anteriormente, mostra as dificuldades que a cidade tem para acolher. Na visão de um funcionário público, o atendimento se restringe àqueles que estão regulamentados pela legislação. O discurso traz a seguinte conotação:

As pessoas que não têm visto humanitário ou documento regularizado a gente não pode receber nas casas que são do governo, do poder público. Porque para entrar nesses abrigos eles passam primeiro por um boletim de ocorrência onde é verificado que nada consta, que eles não são procurados, não são furtivos, isso é uma norma em todo Brasil. (ENTREVISTADO 5, 2015).

A questão envolvendo a documentação para entrar no país apareceu em diversas entrevistas, mas com percepções diferentes. Entretanto, o que mais chamou atenção foi quanto a uma fala, analisada anteriormente, que traz como

compreensão de hospitalidade e acolhida "estar legal no país e ter um lugar para ficar":

Na minha opinião é ter aonde acolher. Ter lugar. E, principalmente, ter a sua documentação, ter a sua documentação em dia. Vir aqui como pessoa, não como uma pessoa ilegal. Começa por aí o ato de acolher. Quem vai receber o migrante já recebe e que por aqui eu lhe concedo o seu visto de entrada e a partir daqui você pode fazer sua vida. O governo tem que saber disso. Isso pra mim, o bem receber começa por aí. Não é deixando as fronteiras abertas e bem receber ilegalmente. Porque você pode ser uma pessoa que não tem direito a nada. Não tem como acessar, não tem, então você tem que correr atrás de seu visto de permanência, você não pode dizer que você existe, que você tá aqui. Então para bem acolher, se o Brasil realmente abriu, quer acolher, primeiro: organize, segundo; dê visto de permanência. (ENTREVISTADO 5, 2015).

A visão de acolhida para o representante do meio público está vinculada à ideia abordada por Kant. Para o autor, a hospitalidade é condicionada por uma série de regras que devem ser cumpridas. O conceito de hospitalidade para Kant está ligado ao direito de ser estrangeiro em outro lugar, ao direito de circulação e que este estrangeiro seja recebido com cordialidade, porém, se não seguir as regras e agir de modo hostil, o sentimento de hospitalidade pode ser esquecido pela população local. (KANT, 1989). O fato do entrevistado colocar como hospitalidade uma exigência - a documentação, deixa clara essa visão que condiciona a acolhida. O que chama atenção é que em nenhum momento do relato o entrevistado citou quaisquer outras características ou necessidades para se acolher o migrante, apenas que o mesmo precisava estar legal no país. O migrante é tratado unicamente como estrangeiro.

Para Derrida (2003), o hospedeiro kantiano não vê somente seu hóspede como um estrangeiro, ele o vê como ser humano. No entanto, a relação é baseada no fato que ele está na casa do anfitrião segundo o direito. Dentro desta premissa de direito, o hóspede, mesmo quando bem recebido, é acima de tudo um estrangeiro e deve permanecer como tal. Em seu livro *Força de Lei*, Derrida questiona a origem desta autoridade e quem a instituiu, no entanto, percebe-se que há certa dificuldade em responder essas questões. Desta forma, há a pressuposição que o Direito teve sua origem em si mesmo.

Neste caso, Derrida sustenta a ideia de que as leis não são ilegais e nem legais em seu ponto de origem e que o ato de justificar o direito criando leis, consiste num golpe de força. (DERRIDA, 2010). Para Derrida, essa busca em explicar o fundamento da autoridade, gera discursos circulares os quais não levam a lugar

nenhum ou solução dos problemas, situação esta presenciada no governo de Caxias do Sul, que se apoia na falta de uma lei que resolva as dificuldades da cidade com seus fluxos migratórios. A lei é válida porque gera um dever e somente gera este dever porque é válida. O direito não é a justiça, relação esta que podemos analisar também como o condicional e o incondicional. A justiça exige que se calcule o incalculável (incondicional): o que seria justo.

Para Derrida, esta situação é angustiante e delicada, pois uma decisão que seja justa nunca será aprovada por uma regra ou por uma lei. (DERRIDA, 2010). As dificuldades legais dentro da cidade de Caxias podem ser analisadas por esse ponto. Devido às leis ou a falta delas, há posicionamentos muito rígidos quanto à migração dentro do país, onde não se pensa além da situação e se leve em conta as dificuldades e bem-estar desse migrante.

Ainda com base nos últimos relatos citados, podemos analisar algumas características da hospitalidade idealizada por Kant. Para o autor (1989), todos têm o direito de ser estrangeiro em outro lugar e o direito de circulação, porém, há regras e leis nacionais e internacionais que devem ser levadas em consideração antes do acolher. Questiona-se se o migrante estiver com a documentação em dia e seguir as demais regras sociais do local, bastaria para a hospitalidade acontecer? Neste caso, foi possível verificar que muitas vezes estar legal no país não é o bastante, pois ainda há diferença entre costumes, cultura, religião, etc, que em algumas situações minam as relações entre quem recebe e quem é recebido.

Em contrapartida, há relatos também de representantes do meio público com uma visão diferente. “Antes de saber se a pessoa tem documentação ou não [...] tem que saber como ela está. [...] Depois tu vais ver se é documentado, se não é, se entrou por onde, se pagou coioite, se não pagou.” (ENTREVISTADO 7, 2016). Percebe-se que a linha de pensamento do sujeito entrevistado, diferentemente do anterior, está focada no conceito já abordado de responsabilidade do outro que chega à cidade.

Outro ponto a ser ressaltado é que, para muitos entrevistados, o problema de quem gesta a cidade não é dele e sim de outra esfera. Consequentemente fica difícil resolver as demandas locais com essa perspectiva. Os gestores da cidade têm a princípio que resolver essas demandas que afetam o coletivo. As migrações em

Caxias do Sul são parte constitutiva de sua história sendo que não podem ser negadas. Esse raciocínio fica visível na fala desse entrevistado:

Depois a gente teve em Brasília, representando inclusive o prefeito, e também falaram que a lei naquele final de ano seria aprovada. Aí o prefeito disse, bom vamos esperar a lei para ver o que que sugere a lei para se tomar os meios certos, porque tem que ter o norte, Quem dá o norte é o governo federal. E também para não recair sobre os municípios como sempre tudo recai ao município e não veio até hoje, então a política nacional sobre migração, fica muito no falar... Não está sendo feito... Quem tem que começar, quem tem que dar as normas é o Governo Federal. Sentar com os estados e com o município. (ENTREVISTADO 5, 2015).

A posição desse entrevistado reflete a visão de que a migração é um problema de esfera não municipal, que deve ser resolvido a partir da existência de uma legislação própria para a migração. A cidade deve dar sugestões, mas a solução quem promove é o Governo Federal. Essa posição mostra a fragilidade do controle já que o fenômeno migratório acontece na própria cidade. O entrevistado sugere que a solução seria criar uma rede para tratar as questões do processo migratório, como um banco de dados sobre migrantes nas capitais. Essa solução vai contra o que se identifica hoje nos estudos migratórios, ou seja, que há uma preferência por parte das migrações laborais, de se localizar nas cidades médias. Constata-se nessa fala a dificuldade de promover soluções, mesmo que provisórias para o recebimento dos migrantes.

Caxias está aberta, eu mesma sou migrante eu vim pra cá com dois anos, Caxias acolhe. Eu não sou contra, evidente que não, mas com dignidade. É outros tempos. Quando vieram aqui quem veio primeiro eles trabalharam muito, mas eles tinham uma terra, né? Eles tinham um lugar... quem chega agora eles estão deparando com essa situação que é uma situação de desemprego, situação de falta de educação, mas se o Brasil se unisse, o Brasil é enorme né? Então se tivesse realmente, de fato uma política nacional de imigração e se unisse dá pra gente receber com dignidade, para que ninguém ter que entrar ilegalmente. (ENTREVISTADO 5, 2015).

Ainda foram levantadas perguntas envolvendo a oferta de serviços públicos para o migrante, independente deste possuir documentação ou não. “Precisam de política pública [...] dar condições de acesso aos serviços públicos. Ao serviço social, à saúde e à educação.” (ENTREVISTADO 7, 2016). O que chama atenção neste caso é a diferença de abordagem por alguns representantes do meio público dos representantes do meio privado. A impressão é que os problemas de atendimento dos migrantes em Caxias do Sul no meio público, são mascarados pela falta de uma

lei que normatize o que deve ser feito. Isso pode ser percebido no relato abaixo de um integrante do meio privado:

Não devia ser assim, porque se não há uma legislação clara definida, nós temos uma lei orgânica de assistência social que garante que quem tá em vulnerabilidade tenha acesso. Nós temos uma Constituição Federal que garante direitos iguais para todos. Nós temos os tratados internacionais que o Brasil assina e aí, enfim, incentiva e faz parte. Então tem um outro tipo de, digamos, respaldo legal que se fosse o caso poderia assegurar que o município e o Estado não estariam ilegais, não estariam infringindo qualquer tipo de lei ao atender essas pessoas. (ENTREVISTADO 1, 2016).

Percebe-se que há uma deficiência no atendimento público para os que chegam de fora. Isso pode ser verificado em vários relatos em que os entrevistados confirmaram que o município (e o poder público em geral), não está preparado para receber a demanda migratória. “Precisa reestruturar bastante o poder público que ainda não tá preparado.” (ENTREVISTADO 7, 2016). Além das dificuldades legais, os entrevistados também citaram problemas nos atendimentos dentro dos órgãos públicos. Nota-se no relato a seguir que há um discurso de acolher a todos sem ressalvas, porém na prática nem sempre isso é seguido.

Pra nós não tem diferença nenhuma. Qualquer um que chegue aqui é aquela coisa que sempre digo, entrou no município, ele passa a ser nosso. Se ele veio pra cá, ele passa a ser nosso. Nós [...] precisamos atendê-lo indiscriminadamente. Se veio de Santa Maria, de Uruguaiana, de qualquer lugar, é o mesmo fluxo que nós temos de atendimento. (ENTREVISTADO 4, 2015).

Em seguida, foi perguntado se a pessoa considerava o seu trabalho um ato de hospitalidade. A resposta deixa claro o que explicitado acima, que a ideologia de acolher sem ressalvas nem sempre acontece. “Nem todos (acolhem). Porque assim, é aquela coisa que eu te digo assim, vai muito da pessoa que faz o primeiro atendimento.” (ENTREVISTADO 4, 2015). Alguns entrevistados, da esfera pública, justificam a falta de atendimento ou o mau atendimento pela quantidade de pessoas que chegam à cidade. “É que nem a tua casa. Tu esperas dez pessoas numa visita, tu vais arrumar a tua casa pra dez pessoas. Agora chega vinte, trinta, tu acabas não tendo como fazer o atendimento como gostaria.” (ENTREVISTADO 4, 2015). Isso pode ser compreendido melhor no relato abaixo:

Eu acho que infelizmente no Brasil, os serviços públicos, principalmente os que tratam a questão dos migrantes, ele acaba sendo algo pessoal. [...] Se a pessoa está convencida, ela vai fazer um bom atendimento, ela vai tratar bem, ela não vai julgar a pessoa que atende. Agora se ela não estiver convencida, ela não vai fazer um bom atendimento e ela vai julgar. Isso eu falo desde a Polícia Federal até o pessoal da UPS. [...] Porque a Polícia Federal, a gente viu aqui em Caxias e em outras cidades e tem diferença de tratamento. A pessoa que atende lá na ponta, ela não tem muito... Digamos, que não está muito clara essa política que trata a questão da migração. Até porque a lei hoje ainda é uma lei da ditadura militar que trata o imigrante como uma suspeita, um inimigo. Então as pessoas ainda têm essa visão e isso que é difícil. A gente não aprovar uma política nacional pra dizer qual é o olhar que tem que ter sobre o migrante e as pessoas ficam assim. (ENTREVISTADO 7, 2016).

Outra questão percebida é que muitas vezes o poder público transfere a responsabilidade para instituições privadas. No caso de Caxias do Sul, a demanda que poderia ser atendida em diferentes órgãos públicos, muitas vezes é enviada, sem passar por um atendimento anterior, para o Centro de Atendimento ao Migrante, que acaba ficando sobrecarregado.

Eles chegam de fora e eles vêm aqui. [...] Geralmente a rodoviária encaminha todo mundo pra cá. [...] Então assim, quando eles vêm aqui a gente já vê para onde vamos encaminhá-los. Agora como tem a Associação já dos Senegaleses, tem a Associação dos Haitianos. Então a gente encaminha eles para esses serviços. Normalmente a gente manda pro CAM. Que é o CAM que faz toda essa parte, dessa logística de quando eles chegam e pra ter encaminhamento para serviço. (ENTREVISTADO 4, 2015).

Destaca-se que há órgãos públicos cuja missão é abrigar os que chegam de fora, inclusive oferecendo abrigo por 24 horas, no entanto, mesmo assim, algumas vezes o migrante é mandado diretamente para instituições privadas. As cidades possuem o costume de deixar os problemas com a hospitalidade sobre responsabilidade do setor privado ou organizações menores, pois muitas vezes se leva em consideração unicamente suas características comerciais. (GASTAL; KUNZ, 2014). Porém, não é preciso negar tais características, uma vez que estas iriam privilegiar “as sociabilidades entendidas como bem-estar coletivo” (GASTAL; KUNZ, 2014, p. 109) e unir os sujeitos da cidade, o que é de interesse público. (GASTAL; KUNZ, 2014).

Na análise da hospitalidade pela esfera pública, percebe-se que está ligada à entrada de sujeitos dentro de um sistema com regras e costumes existentes. Devido a isso, é necessário que a cidade pense, através dos princípios da hospitalidade, em

um meio de organizar lugares coletivos para quem chega e se respeite as regras de uso e os direitos da população (e aqui se inclui os migrantes) de acessar todos os serviços e equipamentos públicos. (GRINOVER, 2007).

Durante as entrevistas foi perguntado o que o meio público está fazendo para melhorar a situação e as respostas, em sua maioria, foram negativas. Um dos incômodos citados foi quanto à troca de liderança da Comissão de Direitos Humanos da Câmara de Vereadores de Caxias do Sul, que informava a população e discutia assuntos referentes à migração internacional na cidade. Alguns entrevistados relataram que a referida comissão estava ajudando a população caxiense a compreender os migrantes, pois havia uma troca de experiências entre imigrantes, cidadãos, representantes de várias entidades comunitárias e o próprio CAM.

Olha só por parte das entidades da sociedade cível que tem demandas e tem reivindicações. Agora por parte do município a gente não vê muita sinalização. Uma das reivindicações era criar um conselho, um fórum de mobilidade humana em Caxias. Um fórum permanente. Um conselho de mobilidade humana. Então essa é uma demanda que a gente tem pautado. [...] Tem acordo, a gente fez várias reuniões, mas o prefeito insiste que isso deve ser debatido dentro do Conselho Municipal de Direito Humanos que hoje quase não funciona esse conselho e nem teria as entidades que participam, teriam entidades afins com o tema da imigração. E a gente vê que tem uma resistência grande e acaba preocupando porque ano que vem a gente tem um evento mundial aí e que provavelmente ocorra novamente migrações que acabem utilizando os vistos de turista pra acessar o Brasil. E aí a gente não tem preparado nada e mais uma vez a gente vai tentar improvisar. Só que improvisar é para sociedade civil, não para o poder público. O poder público tinha que pensar política. (ENTREVISTADO 7, 2015).

Por outro lado, para tratarmos dos fluxos migratórios presentes na cidade como uma problemática, precisa-se pensar também na questão da hospitalidade. (CAMARGO, 2004). É no espaço público, principalmente em cidades médias como Caxias do Sul, cuja história é marcada por diversos fluxos migratórios, que se deve pensar em como melhor receber esses migrantes, como resolver o problema com a documentação e tomar medidas que visem informar a sociedade sobre quem está chegando para auxiliar a desmistificar alguns preconceitos.

Como aqui já abordado, a hospitalidade envolve a relação com o outro que pode gerar conflitos com os habitantes da cidade ou não. O poder público neste caso é o espaço onde a hospitalidade assume uma dimensão coletiva, abrangendo a esfera social (incluindo a habitação, saúde, educação, etc) ou a esfera comercial (meios de hospedagem, empresas que contratem os migrantes, e demais serviços).

Essa questão está ligada à necessidade, repetida várias vezes pelos entrevistados, de criação de uma política, vinculada à hospitalidade que irá ditar a respeito da circulação, dos movimentos sociais e a migração. (GRINOVER, 2007).

É no espaço público que a dimensão política da hospitalidade vem à tona e traz consigo muitos desafios ligados principalmente aos ciclos migratórios. Neste caso, se a hospitalidade for pensada apenas pelo viés econômico pode acarretar diversos problemas dentro de Caxias do Sul. Geralmente as cidades incentivam que pessoas visitem seus espaços, desde que estas possam gastar nos serviços ofertados pela cidade. É quando ocorre esta escolha, somente visando o econômico, que a cidade demonstra sua característica mais perversa. (CAMARGO, 2005).

Há de se pensar nas características econômicas, uma vez que são importantes para a manutenção da cidade, porém, também se faz necessário pensar na hospitalidade abordada por Derrida (2003), com foco no incondicional. É frequente nas discussões atuais sobre a hospitalidade, questões sobre a delimitação rigorosa das fronteiras (envolvendo o familiar e o não familiar, o cidadão e o que não é cidadão e entre o estrangeiro e o não estrangeiro), primeiramente entre o que é privado e o que é público. Esta fronteira abrange o público e o privado, o espaço político ou o espaço público e é oriunda de um conflito jurídico-político que desafia o direito e as demais normas previamente estabelecidas. O que acontece é que o Estado ou o poder público se vê no direito de, na maior parte do tempo, vigiar, proibir e controlar trocas que são julgadas por muitos, privadas. (DERRIDA, 2003). Dentro desta premissa, também questiona-se os casos em que cidades e países fecham suas fronteiras e barram pessoas, quando o direito de locomoção (através de uma linha de separação imaginária), deveria ser de todos.

A hospitalidade incondicional abordada por Derrida (2003), está justamente embasada na hospitalidade sem qualquer restrição com aqueles que vêm de fora e são estrangeiros, imigrantes ou até mesmo aquele que chega sem qualquer anúncio prévio (outrem). No entanto, novamente alerta-se, como citado anteriormente, que não se deve excluir as características condicionais da hospitalidade, pois são necessárias para que possa se tornar efetiva.

Uma alternativa seria usar a hospitalidade como inspiração na criação das leis citadas nos relatos coletados na pesquisa. Estas leis ajudariam a viabilizar a hospitalidade daquele que vem de fora e é diferente, podendo ser uma saída mais

humanitária perante a atual situação que envolve não somente imigrantes, população local e Estado, mas também diversos problemas da esfera social, política e econômica. (BOFF, 2005).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho tinha como objetivo investigar as condições de hospitalidade em alguns setores privados e públicos de Caxias do Sul que atendem os migrantes. Levando-se em conta o que foi observado, os resultados do estudo auxiliam na compreensão do processo de acolhimento de migrantes internacionais no âmbito público e privado na cidade de Caxias do Sul. Através das categorias escolhidas a partir dos discursos dos entrevistados, foi possível analisar várias características da hospitalidade dentro da cidade: conflitos, conceitos e percepções do fenômeno, ideias para melhorar a acolhida em Caxias do Sul e a diferença de abordagem entre agentes da esfera pública e da esfera privada.

Pela observação dos aspectos analisados, constata-se que os entrevistados têm uma visão de hospitalidade muito semelhante, mesmo que representem instituições distintas que atuam no funcionamento da sociedade. Todos responderam que hospitalidade está ligada ao ato de acolher, no entanto, ficou claro que há uma diferença nas percepções de cada sujeito quanto às implicações referentes ao acolhimento. Uma parte do grupo relacionou instantaneamente o ato de acolher com abrigar quem está chegando à cidade, focando na parte de infraestrutura de Caxias do Sul. Fica claro que a visão de hospitalidade destes entrevistados pode estar relacionada à ditada por Kant em *À paz perpétua*. Há o direito de ser estrangeiro, porém, deve-se cumprir uma gama de regras dentro da cidade para que este migrante seja acolhido, ou seja, para este grupo a hospitalidade é condicionada.

Destaca-se ainda que a maioria dos entrevistados da esfera pública, não se sente parte importante nos processos de acolhida em Caxias do Sul, o que reflete as dificuldades que a cidade enfrenta em acolher quem vem de fora. Esse problema, de se ver como ponto chave na situação migratória da cidade, foi percebido prematuramente, ainda na fase de agendamento das entrevistas. Muitos representantes do setor público não compreenderam os motivos de serem entrevistados.

Além da necessidade de um lugar para abrigar os migrantes, o elemento que mais apareceu como um fator que prejudica e atrasa a hospitalidade em Caxias do Sul, é a falta da aprovação de uma nova lei para as migrações no país. Esta questão é um tanto delicada, uma vez que a lei em vigência é do período da Ditadura Militar,

época em que o estrangeiro era visto muitas vezes como problema e inimigo e, de fato, atrasa e prejudica os processos.

Tendo em vista esta questão observada, a legislação é um instrumento que necessita ser resolvido o quanto antes, pois pode ser usada como um meio de prejudicar os imigrantes que chegam ao país, ao invés de resolver a situação. Quanto a essa problemática ficou evidente que, em alguns setores, a ausência de uma lei atualizada é usada como desculpa para nem se tentar fazer algo para melhorar a situação migratória. Deve-se ressaltar que há outras leis que podem ser utilizadas para resolver alguns problemas sociais que permeiam a presença de migrantes na cidade, como citadas na análise anteriormente.

Este ponto de vista sobre a legislação, mencionado muitas vezes principalmente por representantes da esfera pública, dá margem para uma discussão sobre como estas leis são formuladas. Portanto, ressalta-se que há necessidade de se pensar em uma lei que, em algum momento, aborde a acolhida e que discorra além dos fatores legislativos e jurídicos. Que pondere sobre aquele que chega e é diferente, que raciocine esta diferença e as condições que o fizeram migrar. Levando em consideração estes aspectos, se pensaria numa forma mais humanizada de trabalhar a crise migratória, podendo inclusive ser um meio de manter a população que está acolhendo mais informada e diminuir as chances de haver conflitos entre os migrantes e os habitantes locais.

Outro ponto que ficou muito evidente foi a diferença entre as posições dos representantes dos serviços públicos em relação aos privados. Ficou claro que há divergências de ideias sobre a presença dos imigrantes em Caxias do Sul entre as partes entrevistadas. Enquanto o setor privado tenta organizar a situação dos migrantes por meio de projetos e atendimentos, o setor público nega o problema e, a maior parte do tempo, passa as responsabilidades públicas para as instituições privadas.

Constatou-se uma série de incongruências nas falas dos representantes da esfera pública quando os mesmos tratam da questão da imigração internacional em Caxias do Sul. Ficou evidente as dificuldades que o setor tem de aceitar a presença dos senegaleses, uma vez que a cidade recebe também muitos outros grupos de migrantes. Dessa evidência, surgiram vários questionamentos sobre a tolerância, racismo e preconceitos, havendo diversos casos relatados de agressões físicas e

verbais aos grupos de imigrantes internacionais. Essa constatação deixa claro que há racismo e preconceito por parte de alguns integrantes da população, porém, isso não representa o posicionamento de todos caxienses, já que há também muitos relatos de acolhimento entre migrantes e residentes.

Em virtude dos fatos mencionados, ficou registrado que a hospitalidade deve ocorrer entre migrantes e população. Deve-se levar em consideração que muitos problemas entre os dois grupos provêm da falta de informação e pelo receio frente ao diferente e ao desconhecido. Viver em uma sociedade violenta, onde o medo permeia as relações, também dificulta este processo. Cabe aos migrantes ampliar os relacionamentos com grupos que já residem na cidade, para tentar quebrar pré-conceitos. Esse esforço, de melhorar as relações, ficou evidente em alguns relatos sobre eventos organizados pelos migrantes, cuja população caxiense também foi convidada a participar das festividades. Também há grupos, tanto na esfera pública quanto na privada, que ajudam os migrantes a se adaptarem na sua nova morada, a se desvincularem do estigma de intrusos e superar, inclusive, a barreira do idioma, citado muitas vezes como principal dificuldade na acolhida.

Outro fator constatado no estudo foi a força da religião presente na cidade. Ficou claro o quanto a religião como instituição pesa nos atos de hospitalidade, tanto pela tradição católica da população local, quanto pela diferença religiosa dos migrantes. Os entrevistados pertencentes à comunidade religiosa foram os que mais se demonstraram a favor da presença dos migrantes na cidade, com um discurso ligado à hospitalidade incondicional, que muitas vezes remeteram aos pensamentos de Lévinas, Derrida e Leonardo Boff. Os preceitos dos representantes ligados à Igreja são embasados na ideia de que todos são migrantes no planeta e, portanto, não se deveria proibir e impor barreiras impedindo as pessoas de migrarem.

Aponta-se também como um ponto importante para a pesquisa, a assimilação do passado histórico com fluxos migratórios, com o momento atual. A maioria dos entrevistados compreende que há semelhanças entre o fluxo do passado com o atual, porém ficou claro que é concedido maior importância à imigração italiana. Isso demonstra a dificuldade de se colocar no lugar do outro quando este vem de uma cultura diferente, principalmente se esta cultura é permeada por estigmatização e pré-conceitos como a africana.

Ressalta-se que o estudo pode ajudar na reflexão acerca dos serviços públicos que atendem migrantes na cidade de Caxias do Sul. Os serviços existentes podem melhorar a qualidade de suas ofertas para atender de forma adequada a população, inclusive a dos imigrantes. Quando acolhemos alguém (em casa ou um hotel), dificilmente temos a noção que este sujeito não está sendo recebido apenas por nós, mas pela cidade. Se o visitante não gostar da cidade, provavelmente ele não retornará. É neste âmbito público que a hospitalidade adquire suas características políticas, cheias de desafios, muitos desses relacionados aos movimentos migratórios aqui citados. (CAMARGO, 2004).

No espaço público se questionará como receber o imigrante, como legalizar sua estada, quais medidas tomar para resolver casos de preconceito (de ambos os lados) e a xenofobia na cidade, questões estas relacionadas ao acolhimento e como tornar o espaço urbano hospitaleiro. A população local precisa estar aberta em receber migrantes ou visitantes, ou do contrário a hospitalidade nunca conseguirá evoluir dentro da localidade. Deve-se ressaltar que o estudo confirmou que, por ser uma cidade média, Caxias do Sul possui diversas características que atraem o imigrante, entre essas características, as principais são a oferta de trabalho e localização.

Por fim, precisa-se destacar o entendimento do que é a hospitalidade pelos entrevistados. Levando em consideração os fatos já mencionados, se fez claro o fenômeno que é a hospitalidade nas falas coletadas. O fenômeno é amplo e envolve tantos setores e características que não é possível afirmar com certeza o que é a hospitalidade através de um único conceito. Os representantes entrevistados ligaram a hospitalidade à caridade, ao amor, à fé, à alteridade, à política, aceitação do outro e etc. ficando evidente que, assim como ocorre nos estudos da área, onde diversas ideias sobre o acolher são discutidas sobre diferentes linhas de pensamento, ocorreu na pesquisa. Ressalta-se por fim que há muito o que se pesquisar sobre os fluxos migratórios em Caxias do Sul e que é necessário também estudar o fenômeno da hospitalidade junto à população e aos demais grupos de migrantes para se ter um parecer mais amplo sobre o fenômeno dentro da cidade, uma vez que ele envolve diversos setores em que os migrantes estão inseridos e se relacionam com os caxienses.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Thompson Almeida; SERRA, Rodrigo Valente (Org.). **Cidades Médias Brasileiras**. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - Ipea, 2001.
- BARRETTO, Margarita. Interfaces entre turismo e migrações: uma abordagem epistemológica. **Pasos: Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**, San Cristóbal de La Laguna, v. 7, n. 1, p.1-11, 2009. Disponível em: <http://www.pasosonline.org/Publicados/7109/PS0109_1.pdf>. Acesso em: 26 out. 2014.
- BASTOS, Senia; SALLES, Maria do Rosário Rolfsen; BUENO, Marielys Siqueira. Turismo e Imigração: Por uma Política de Hospitalidade no Brasil entre 1937 e 19511. **Revista Rosa dos Ventos**, Caxias do Sul, v. 2, n. 6, p.197-216, abr. 2014. Disponível em: <<http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/viewArticle/2692>>. Acesso em: 15 mar. 2015.
- BATISTA, Vanessa Oliveira. O Fluxo Migratório Mundial e o Paradigma Contemporâneo de Segurança Migratória. **Revista Versus**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p.68-79, jun. 2009. Disponível em: <<http://www.ladih.org/wordpress/wp-content/uploads/2010/10/O-FLUXO-MIGRAT+ôRIO-MUNDIAL-E-O-PARADIGMA-CONTEMPROR+éNEO-DE-SEGURAN+çA-MIGRAT+ôRIA.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2014
- BAUER, Martin W.; AARTS, Bas. A construção do corpus: um princípio para a coleta de dados qualitativos. [In]: BAUER, martin; GASKELL, George (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BECKER, Olga Maria Schild. **Modalidade espacial da população**: conceitos, tipologia, contextos. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa;
- BOFF, Leonardo. **Virtudes para um outro mundo possível. Hospitalidade: direito e dever de todos**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2005.
- _____. **Como nasce a ética**. 2013. Disponível em: <<http://hospitalidadecontemporanea.com.br/2013/como-nasce-a-etica-por-leonardo-boff/>>. Acesso em: 10 maio 2016.
- BOUCINHAS FILHO, Jorge. **Migração de trabalhadores para o Brasil : aspectos teóricos e práticos**, 1ª edição. Saraiva, 2012.
- BRASIL. Ministério da Justiça. Anteprojeto de Lei de Migrações e Promoção dos Direitos dos Migrantes no Brasil Portaria nº 2.162/2013, de 31 de janeiro de 2014. **Relatório Final**. Brasília, Disponível em: <<http://reporterbrasil.org.br/documentos/anteprojeto.pdf>>. Acesso em: 7 fev. 2015.

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Caxias do Sul**. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=430510&search=rio-grande-do-sul|caxias-do-sul>>. Acesso em: 29 de mar. De 2015.

BRUYNE, Paul de, HERMAN, Jacques; SCHOUTHEETE, Marc de. **Dinâmica da Pesquisa em Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. **Hospitalidade** – São Paulo: Aleph, 2004 – (Coleção ABC do turismo)

_____. **O desafio da hospitalidade**. 2004.

_____. Hospitalidade sem sacrifício? O caso do receptivo turístico. **Revista Hospitalidade**. São Paulo, ano III, nº 2. 2006

CAMARGO, Renata Silva Santos; BUENO, Marielys Siqueira. Dádiva e hospitalidade na Bíblia. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, v. 8, n. 2, p.52-70, Jul-Dez, 2011.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: EDUSP, 1997.

_____. Imaginários culturais da cidade: conhecimento / espetáculo / desconhecimento. In: COELHO, Teixeira (Org.). **A cultura pela cidade**. São Paulo: Iluminuras, 2008. p. 15-33.

CAPEL, Horácio. Las políticas de atención a las necesidades de lós imigrantes extranjeros de escasos recursos. Barcelona: Universidade de Barcelona. **Revista Scripta Nuova, 2001. Revista Eletrônica de geografia y ciências sociales**. Universidad de Barcelona. ISSN: 1138-9788. Vol. VI, núm. 117, 1 de julho de 2002

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. Turismo, Organização e Reconstrução do Espaço Urbano Contemporâneo. **Revista Rosa dos Ventos**, Caxias do Sul, v. 3, n. 5, p.381-389, 2013. Disponível em: <www.ucs.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/download/2241/pdf_156>. Acesso em: 05 dez. 2015.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A Geografia Escolar e a Cidade: Ensaio sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana**. São Paulo: Papirus, 2008.

CENTRO DE ATENDIMENTO AO MIGRANTE DE CAXIAS DO SUL – CAM. Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/Centro-de-Atendimento-ao-Migrante-Caxias-do-Sul-CAM-967768573277446/about/> Acesso em: 24 de agosto de 2016

CENTRO REGIONAL DE INFORMAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS – UNRIC. **Refugiados e migrantes a fugirem para a Europa atingem a marca de 1 milhão**. 2015. Disponível em: <<http://www.unric.org/pt/actualidade/32121-refugiados-e-migrantes-a-fugirem-para-a-europa-atingem-a-marca-de-1-milhao-em-2015>> Acesso em: 24 de dezembro de 2015.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Explorações geográficas: percursos no fim do século.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997

DERRIDA, Jacques. Auto-imunidade: suicídios reais e simbólicos. Um diálogo com Jacques Derrida. In: BORRADORI, Giovanna. **Filosofia em tempo de terror: diálogos com Habermas e Derrida.** Rio de Janeiro: J. Zahar, 2004.

_____. **Adeus a Emmanuel Lévinas.** São Paulo: Perspectiva, 2013.

_____. **Força de Lei: o fundamento místico da autoridade.** São Paulo: Martins Fontes. 2010. (Coleção Biblioteca do Pensamento Moderno)

DERRIDA, Jacques; DUFOURMANTELLE, Anne. **Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade.** São Paulo: Escuta, 2003.

DOSTOIEVSKY Apud. LÉVINAS, Emmanuel. **Ética e infinito: diálogos com Philippe Nemo.** Lisboa: Edições 70, 2000. (Biblioteca de filosofia contemporânea)

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade.** Rio de Janeiro: J. Zahar, 2000.

FARIAS, André Brayner. Filosofia da hospitalidade para uma futura ética do estrangeiro. In: SANTOS, Marcia Maria Cappellano dos; BAPTISTA, Isabel (Org.). **Laços sociais: por uma epistemologia da hospitalidade.** Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2014.

FROSI, Vitalina Maria; MIORANZA, Ciro. **Imigração italiana no nordeste do Rio Grande do Sul: processos de formação e evolução de uma comunidade ítalo-brasileira.** 2.ed. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2009

GASTAL, Susana de Araújo; KUNZ, Jaciel Gustavo. Hospitalidade e turismo: as virtudes da cidade. In: SANTOS, Marcia Maria Cappellano dos; BAPTISTA, Isabel (Org.). **Laços sociais: por uma epistemologia da hospitalidade.** Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2014.

GASTAL, Susana de Araújo; MOESCH, Marutschka. **Turismo, políticas públicas e cidadania.** São Paulo: Aleph, 2007. 83 p. (Coleção ABC do Turismo)

GRINOVER, Lúcio. **A hospitalidade, a cidade e o turismo.** São Paulo: Aleph, 2007.

HERÉDIA, Vania B. M. **Processo de Industrialização da zona colonial italiana. Caxias do Sul: EducS, 1997.**

_____. **Memória e Identidade.** Caxias do Sul: Belas Letras, 2007.

_____. **Migrações Internacionais: o caso dos senegaleses no sul do Brasil.** Caxias do Sul: Belas Letras, 2015.

_____. **Apontamentos de uma história econômica de Caxias do Sul:** de colônia a município. Caxias do Sul: Educs, 1993.

_____. Um município marcado por migrações. In: HENRICHS, Dinarte Paz et. al. **Histórias de Caxias do Sul.** Secretaria de Cultura/Departamento de Memória e Patrimônio. Caxias do Sul, 2012.

_____, Vania B. Merlitti. **A imigração europeia no século passado:** o programa de colonização no Rio Grande do Sul. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales. Universidad de Barcelona. 2001.

KANT, Immanuel. **À paz perpétua.** Porto Alegre: L&PM, 1989.

KUIAVA, Evaldo Antônio. **Subjetividade transcendental e alteridade:** um estudo sobre a questão do outro em Kant e Levinas. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2003. 233 p. (Coleção conexão. Filosofia).

LAKATOS, Eva Maria, MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica.** 7 ed. – São Paulo: Atlas, 2010.

_____. **Técnicas de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 1990. 3.ed.

LÉVINAS, Emmanuel. **Totalidade e infinito.** Lisboa, Portugal: Edições 70, 1988.

LOCKE, John. **Carta a respeito da tolerância.** São Paulo: IBRASA, 1964 (Clássicos da democracia: 21).

LUCENA, Célia Toledo; GUSMÃO, Neusa Maria Mendes; orgs. **Discutindo Identidades.** São Paulo: Humanitas/CERU, 2006.

MANFROI, Olívio. **A colonização italiana no Rio Grande do Sul:** implicações econômicas, políticas e culturais. 2. ed. Porto Alegre: EST, 2001.

MANZINI, E. J. **A entrevista na pesquisa social.** Didática. São Paulo. V. 26/27, 1990/1991. p. 149 -158.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia.** São Paulo: EPU, 1974.

MELO, Paulo Giovanni Rodrigues; SÍVERES, Luiz. . A pedagogia da hospitalidade a partir da filosofia da alteridade em Lévinas. **Conjectura: Filosofia e Educação,** Caxias do Sul, v. 17, n. 3, p.34-48, set. 2012. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/1795/1126>>. Acesso em: 22 out. 2015.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise textual discursiva.** Ijuí, RS: UNIJUÍ, 2007.

OBSERVATÓRIO ACP DAS MIGRAÇÕES. **Manual de investigação sobre as migrações Sul – Sul e desenvolvimento.** Bélgica, 2011. Disponível em: <

<http://www.acpmigration-obs.org/sites/default/files/PT-Obs-ACP-Manual-%20Investig-Final-06112012.pdf>> Acesso em: 18 de Nov. de 2014.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Relatório das Migrações Internacionais e Desenvolvimento**. Disponível em: <

http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:JniELCwf_CwJ:www.unric.org/pt/actualidade/6021+&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br> Acesso em: 15 de abr. de 2015.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS MIGRAÇÕES – OIM. **Glossário sobre Migração**. Genebra, 2009. Disponível em: http://www.acidi.gov.pt/_cf/102363 Acesso em: 09 de out. de 2014.

ORTIZ, Renato. **Cultura Brasileira e Identidade Nacional**. São Paulo; Brasiliense. 1985.

SALADINI, Ana Paula Sefrin. **Trabalho e imigração: os direitos sociais do trabalhador imigrante sob a perspectiva dos direitos fundamentais**. 2011. 285 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Direito, Centro de Ciências Sociais Aplicadas - Ccsa, Universidade Estadual do Norte do Paraná - Uenp, Jacarezinho, 2011. Disponível em: <http://uenp.edu.br/index.php/editais-prograd-pibid/doc_view/1964-ana-paula-sefrin-saladini>. Acesso em: 23 ago. 2014.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração: ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: EDUSP, 1998.

SELWYN, Tom. Uma antropologia da hospitalidade. In: LASHLEY, Conrad; MORRISON, Alison J.. **Em busca da hospitalidade:: perspectivas para um mundo globalizado..** São Paulo: Manole, 2004. p. 25-50.

SEYFERTH, Giralda. A Dimensão Cultural da Imigração. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 26, n. 77, p.47-62, out. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/readcube/epdf.php?doi=10.1590/S0102-69092011000300007&pid=S0102-69092011000300007&pdf_path=rbcSOC/v26n77/07.pdf&lang=pt>. Acesso em: 24 set. 2016.

_____. A invenção da raça e o poder discriminatório dos estereótipos. **Anuário Antropológico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

_____. O beneplácito da desigualdade: breve digressão sobre racismo. In: SEYFERTH, Giralda et al. **Racismo no Brasil**. São Paulo: Peirópolis; Abong, 2002.

TEDESCO, João Carlos; GRZYBOVSKI, Denize. Senegaleses no norte do Rio Grande do Sul: integração cultural, trabalho e dinâmica migratória internacional. **Revista Espaço Pedagógico**, Passo Fundo, v. 18, n. 2, p.336-355, jul/dez 2011. Disponível em: <<http://www.upf.br/seer/index.php/rep/article/view/2433>>. Acesso em: 23 fev. 2015.

TELFER, Elizabeth. A filosofia da hospitalidade. In: LASHLEY, Conrad; MORRISON, Alison J. (Org.). **Em busca da hospitalidade::** perspectivas para um mundo globalizado.. São Paulo: Manole, 2000. p. 53-77.

United Nations High Commissioner for Refugees – UNHCR. Dados sobre Refugiados. 2015. Disponível em: <<http://www.unric.org/pt/actualidade/31511-oito-pessoas-por-minuto-deixam-tudo-para-tras>> Acesso em: 22 de mai. De 2015.

United Nations High Commissioner for Refugees – UNHCR. **War's Human Cost.** 2013. Disponível em: <http://reliefweb.int/sites/reliefweb.int/files/resources/Global_Trends_report_2013_V07_web_embargo_2014-06-20.pdf>

United Nations High Commissioner for Refugees – UNHCR. War's Human Cost. 2013. Disponível em: <<http://reliefweb.int/report/world/unhcr-global-trends-2013-wars-human-cost>> Acesso em: 15 de abr. de 2015.

APÊNDICE A - Termo de consentimento livre e esclarecido

Prezado Sr.(a),

Estamos lhe convidando a participar de um estudo intitulado "MIGRAÇÕES E HOSPITALIDADE: O CASO DOS SENEGALESES EM CAXIAS DO SUL" sob coordenação da mestrandia Caroline da Silva Camargo, aluna do programa de Pós-Graduação Mestrado em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul e orientação da Professora Dra Vânia Beatriz Merlotti Herédia. O estudo tem por objetivo analisar o posicionamento dos agentes sociais que trabalham junto aos senegaleses quanto à hospitalidade no município de Caxias do Sul.

Caso aceite participar, terá somente de se submeter a uma entrevista que poderá ser gravada. A sua participação será mantida em sigilo pelos pesquisadores, sendo que seu nome não constatará em qualquer parte do estudo, somente neste documento. Da mesma forma os seus posicionamentos e opiniões serão tratados com total confidencialidade (sigilo).

Lembramos que a sua participação será totalmente voluntária, podendo o Sr. (a) desistir de participar em qualquer momento da entrevista sem qualquer prejuízo pessoal. Caso tenha qualquer dúvida, pode ligar para o fone: (51) 3452-4221.

Data: _____

Assinatura do entrevistado(a): _____

Assinatura do entrevistador: _____